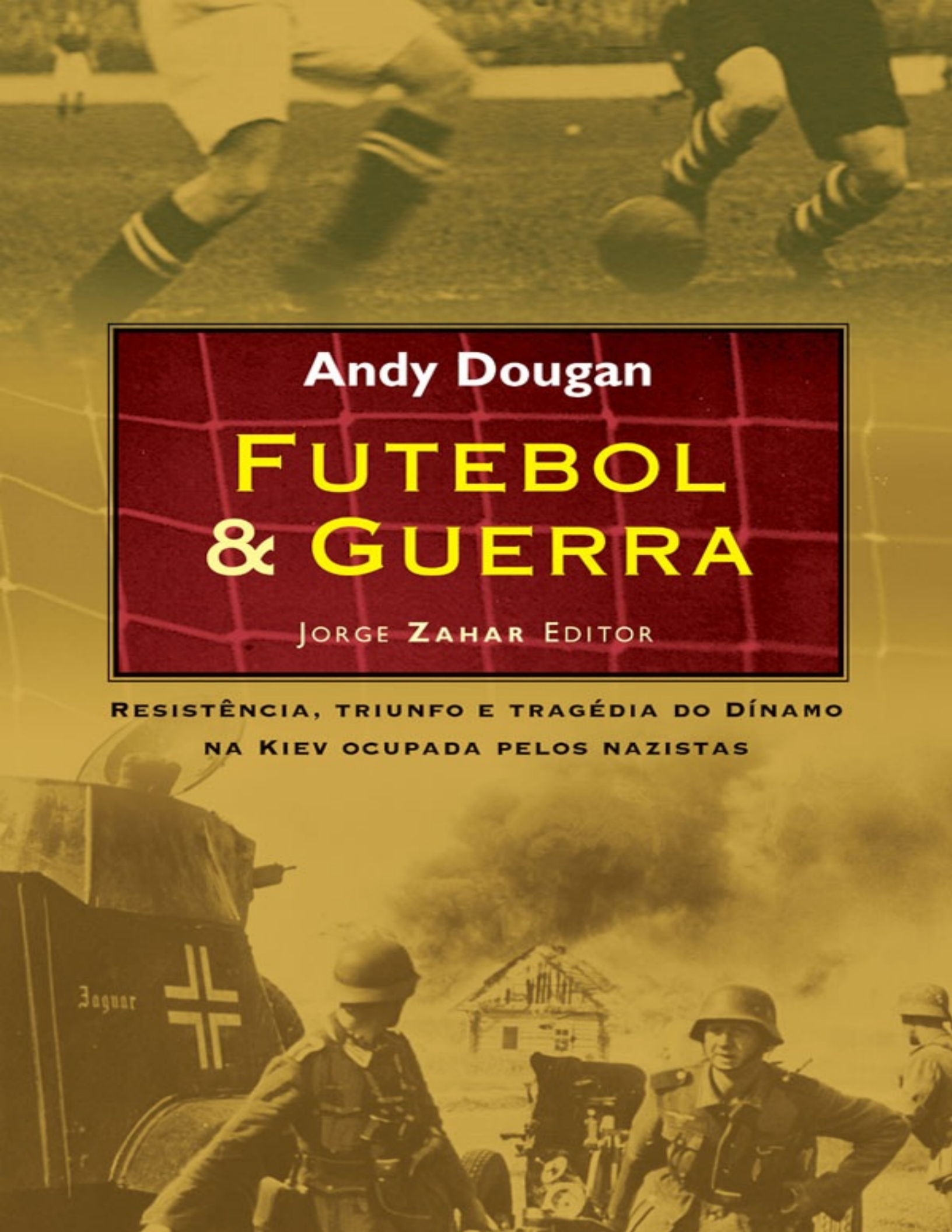

Andy Dougan
FUTEBOL & GUERRA
JORGE ZAHAR EDITOR
RESISTÊNCIA, TRIUNFO E TRAGÉDIA DO DÍNAMO NA KIEV OCUPADA PELOS NAZISTAS
Jagnar

Andy Dougan

Futebol & Guerra

Resistência, triunfo e tragédia do Dínamo na Kiev ocupada pelos nazistas

Tradução:
Maria Inês Duque Estrada

ZAHAR

Para Christine, Iain e Stuart.
E dedicado à bravura e ao heroísmo
dos homens do F.C. Start, especialmente
a Kolya, Vanya, Sasha e Nikolai.

SUMÁRIO

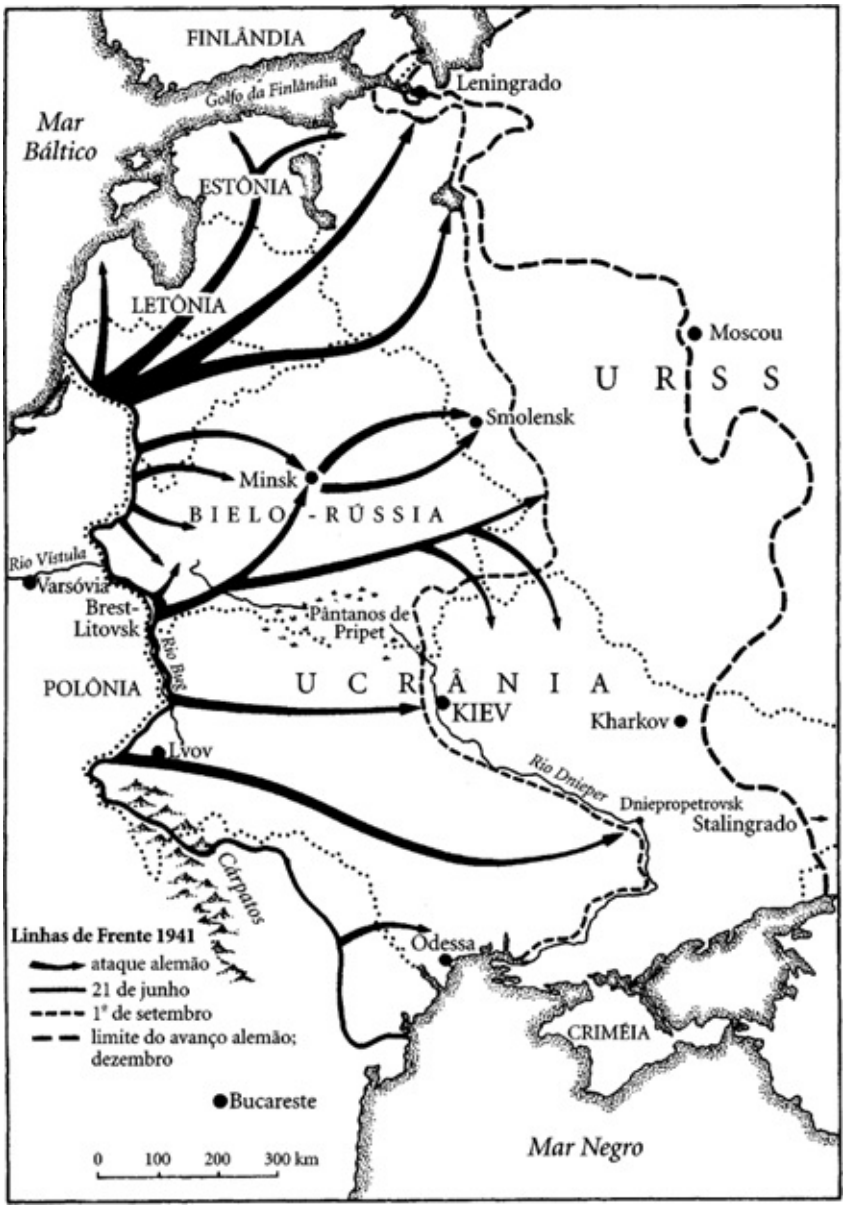
Prólogo: 21 de junho de 1941

Capítulo **Um**
Capítulo **Dois**
Capítulo **Três**
Capítulo **Quatro**
Capítulo **Cinco**
Capítulo **Seis**
Capítulo **Sete**
Capítulo **Oito**
Capítulo **Nove**
Capítulo **Dez**
Capítulo **Onze**
Capítulo **Doze**
Capítulo **Treze**
Capítulo **Quatorze**
Capítulo **Quinze**

Agradecimentos
Fontes



1. Georgy Timofeyev **2.** Nikolai Trusevich **3.** Ivan Kuzmenko **4.** Pavel Komarov **5.** Alexei Klimenko **6.** Nikolai Korotkykh **7.** Vasily Sukharev **8.** Feodor Tyutchev **9.** Makar Goncharenko **10.** Mikhail Putistin **11.** Mikhail Melnik


FINLÂNDIA
Golfo da Finlândia
Leningrado
Mar Báltico
ESTÔNIA
LETÔNIA
Moscou
U R S S
Smolensk
Minsk
BIELO-RÚSSIA
Rio Vístula
Varsóvia
Brest-Litovsk
Pântanos de Pripet
Rio Bug
POLÔNIA
U C R Â N I A
KIEV
Kharkov
Lvov
Rio Dniéper
Dniepropetrovsk
Stalingrado
Cárpatos
Odessa
CRIMÉIA
Mar Negro
Linhas de Frente 1941
ataque alemão
21 de junho
1° de setembro
limite do avanço alemão; dezembro
Bucareste
0 100 200 300 km

PRÓLOGO

21 de junho de 1941

Valentina e Alexei estavam totalmente apaixonados, até mesmo um cego enxergaria. Coisas pequenas os delatavam, como por exemplo o fato de não conseguirem tirar os olhos um do outro. Valentina estava na cozinha com as outras mulheres enquanto Alexei fumava do lado de fora com os homens. Não importava onde estivessem nem a distância que os separasse dentro do grande apartamento, eles sempre se encontravam com o olhar. Alexei a ouvia rindo com as amigas — um riso excitado de menina, que não combinava com o seu trabalho sério num laboratório. Mas ninguém seria capaz de censurá-la por demonstrar assim tanta felicidade. Afinal, era o dia do casamento de Valentina, um dia de que ela se lembraria pelo resto da vida.

O casamento de Valentina Masterova e Alexei Dubovsky ocorrera naquela tarde. Foi uma cerimônia tradicional, num glorioso solstício de verão, de modo que os vaticínios eram favoráveis a uma longa e feliz união. Eles não se conheciam há muito tempo mas se amavam; o fato de que não tinham onde ficar nem planos concretos parecia não importar. Tinham bons empregos — ele era engenheiro e ela trabalhava no laboratório —, e tinham um ao outro. Isto é que era importante. Que diferença fazia se estavam iniciando a vida de casados sob o teto de outra pessoa? Realizaram o banquete de casamento na residência de uma amiga de Valentina. Era um apartamento grande e arejado, o tipo de lugar que gostariam de possuir, mas apesar de ser espaçoso, estava lotado até o teto com um monte de amigos que vinham desejar boa sorte. Havia um atrativo adicional para o apartamento da esquina da rua Lênin: ele ficava em cima da melhor padaria de Kiev, a Padaria nº 3. O trabalho de Valentina no laboratório era verificar a qualidade do pão e a pureza do trigo, enquanto Alexei e seus colegas engenheiros eram responsáveis por manter o negócio em funcionamento. Quase

todos os conhecidos deles trabalhavam na padaria e foi num evento social do estabelecimento que os dois foram apresentados. Mas mesmo uma comemoração dos funcionários não podia se igualar à festa que eles ofereciam hoje.

As mesas fartas que lotavam o salão eram um testemunho generoso da perícia e da arte dos trabalhadores da padaria lá embaixo. Era uma ocasião especial e todos se esforçaram para garantir que sua contribuição seria tão rica, delicada e perfeita quanto fosse possível para o feliz casal. Havia pães de todos os formatos, tamanhos e decorações, de puro trigo branco e de centeio escuro. Para acompanhar os pães, salmão defumado e caviar, certamente caros, mas não era todo dia que uma moça se casava. Salmão e caviar eram um regalo, para ser saboreado, mas que todos comeram vorazmente junto com os outros pratos. Havia *vareniki*, bolinhos recheados com queijo cremoso, e, para acompanhar, potes de *smetana*, creme azedo, que os entusiásticos convivas serviam também nos pratos da sopa que enchia enormes terrinas. Havia *borscht*, é claro, e *schi*, sopa de repolho, e *rassolnik* picante, uma espécie de sopa de carne, assim como uma deliciosa *ukha*, sopa de peixe. O aposento recendia à pesada mistura de aromas e fortes sabores característicos da cozinha tradicional ucraniana. Grandes travessas exibiam pilhas de carne de porco e de vaca, outras vasilhas ofereciam cozidos atraentes e apetitosos. Sempre que as pilhas pareciam diminuir, outro convidado chegava com algo delicioso para ser acrescentado ao menu. Uma das mesas era só para pratos de peixe. Como se estava às margens do rio Dnieper e não muito longe do mar Negro, a qualidade do pescado era soberba. Além do salmão e do caviar, havia arenque marinado e pratos e mais pratos de *vobla*, um peixe seco e salgado, de sabor forte.

Os convivas serviram-se à vontade no decorrer do dia, atacando as mesas fartas com entusiasmo crescente. O entusiasmo era abastecido com grandes quantidades de álcool. A vodca local, chamada *gorilka*, era consumida com prazer. Seu nome, palavra ucraniana que significa “queimadura”, não parecia impedir ninguém de bebê-la. As mulheres bebiam com a maior delicadeza, sorvendo pequenos goles de copinhos conhecidos como *ryumka*, enquanto os homens, durões, saciavam a sede nos *stakan*, com quase 250 mililitros da bebida. Cada trago de vodca era acompanhado de um punhado de azeitonas ou de uma fatia de *salo*, gorduroso e temperado, para rebater. Também bebia-se cerveja e, como é comum no verão, jarras e jarras de *kvas*. Esta mistura, feita de centeio e levedo e conservada fria nas despensas, era como um manjar dos deuses naquele dia quente.

À medida que as horas passavam, todos foram ficando um pouco tontos, mas ninguém se embriagou ou comportou-se mal. Os convidados pareciam tão

intoxicados pelo ar perfumado do anoitecer que penetrava pelas janelas como por tudo o que tinham bebido. A brisa quase não soprava e as janelas abertas pouco ajudavam a amenizar o calor. Pesadas nuvens de fumaça dos cigarros elevavam-se até o teto, onde pairavam por algum tempo antes de se desfazerem na noite lá fora. A temperatura na sala subia e os convivas se tornavam mais desinibidos. Os homens tiraram o paletó e abriram os colarinhos das camisas; as mulheres, que a bebida e o ambiente alegre tornavam mais ousadas, riam e provocavam candidatos a marido. Os penteados rebuscados começavam a se desfazer, e as fitas que entremeavam as tranças se desatavam. Um clima ligeiramente agitado tomou conta da festa. Os jovens contavam histórias cada vez mais exageradas para impressionar as moças, enquanto os mais velhos simplesmente ficavam sentados e sorriam, comentando entre si os pares que se formavam. Qual delas perderia mais do que a fita do cabelo, qual deles sairia vencedor, quem teria o coração partido. Era uma reunião barulhenta mas bem-humorada, em que todos deixavam de lado as preocupações do mundo. Alguns acordariam com dor de cabeça no dia seguinte, e segunda-feira seria dia de trabalho, mas tudo isto parecia muito distante.

De pé na varanda, Dubovsky olhava para a rua lá embaixo. Podia ouvir Valentina rindo com suas amigas e, pelo tom do riso, imaginou que elas tinham feito algum comentário sobre a noite de núpcias. Dubovsky ainda esperava os retardatários, talvez alguém que não tivesse encontrado o endereço. Enquanto estava ali, fumando um cigarro, de vez em quando acenava para algum passante que lhe desejava felicidades, ou para as velhinhas sentadas nas suas varandas mais adiante, na rua Lênin, que olhavam o tempo passar. Uma lista oficial de convidados teria sido algo absolutamente sem sentido, mas ele não podia deixar de notar duas ausências importantes. A primeira era a de Josef Kordik, um homenzinho taciturno que era o gerente de outra padaria nas vizinhanças e que certamente teria encontrado algum motivo de reclamação na festa. Não iam sentir falta dele, e Dubovsky, para falar francamente, preferia não vê-lo aparecer na esquina e subir para o apartamento. Kordik, que fora convidado na qualidade de amigo de um amigo, alegou que talvez não fosse à festa por causa de compromissos familiares. Dubovsky ficou um pouco surpreso, porque achava que Kordik não tinha família, e suspeitou que fosse apenas uma desculpa. Mas não ficou pensando no assunto. Afinal, quem sabe ele tinha família? Kordik era um homem importante e influente na cidade. Não valia a pena ofendê-lo.

A outra ausência causava um desapontamento muito maior. Dubovsky sentiu-se prestigiado quando Konstantin Shchegotsky aceitou o convite para o casamento. Shchegotsky era um figurão. Dubovsky o conhecera através de um

amigo comum e ficou encantado quando Kostya — sabia que tinha intimidade para tratá-lo assim — respondeu dizendo que iria. Konstantin Shchegotsky era o queridinho da jovem *intelligentsia* de Kiev; não que Dubovsky se incluísse nessa classe, mas tinha algumas aspirações às quais a presença de Kostya na recepção do casamento com certeza poderia ajudar. Shchegotsky não só era famoso como um dos maiores jogadores de futebol do país, mas tinha também uma reputação carregada de mistério e perigo. Nenhuma mulher estava a salvo, dizia-se, quando ele se deslocava entre Kiev e Moscou, introduzindo-se sem esforço em qualquer círculo do qual quisesse participar. Alto e atlético, sua magreza dava-lhe um ar elegante e ao mesmo tempo vulnerável, que excitava o instinto protetor de mulheres de todas as idades, e por isso conquistou, quase sem fazer força, a fama de “gostosão”. Com suas roupas bem talhadas, seus cigarros importados e seu gosto por uma vida de alto padrão, era o tipo de homem cuja companhia era apreciada também pelos homens. Estes nunca sentiam-se ameaçados por ele, era quase uma honra ser incluído no seu círculo. Dois anos antes ele saíra de circulação, sem explicações, por mais de um ano. Rumores circularam de que tivera um caso com a esposa de um diplomata escandinavo de alto nível, e que fora aconselhado a sumir até que o escândalo se desvanecesse. Shchegotsky nunca falava sobre esse período, o que contribuía para acentuar sua mística e sua aura de fragilidade ferida. O entardecer mergulhava na noite e Dubovsky se resignou com o fato de que Kostya não compareceria à festa. Para falar a verdade, ele não acreditara mesmo que alguém tão importante quanto Shchegotsky viria a seu casamento, mas tivera esperanças. Dubovsky ficou desapontado, é claro, mas não tanto quanto as jovens solteiras que estavam na festa, assim como algumas poucas mulheres que não eram nem tão jovens nem solteiras.

Enquanto os irrequietos convidados tornavam-se cada vez mais barulhentos, Konstantin Shchegotsky encimesmava e desfrutava de sua própria companhia. Ele gostaria de ter ido ao casamento. Gostava de Alexei e de Valentina — eles formavam um casal simpático — e além disso raramente perdia uma festa. Porém, outras considerações o envolveram naquela noite, motivo pelo qual ele agora caminhava solitário pelo Boulevard Shevchenko, avenida que leva o nome daquele que se tornou o poeta nacional da Ucrânia. Kostya estava pensando no dia que se seguiria. Haveria um jogo importante para ele e seus colegas, e desejava estar o mais bem preparado possível. Depois de andar sem rumo por algum tempo, viu-se de volta ao seu hotel. Parou na porta para terminar o cigarro e fitou a beleza da cidade por instantes. Mesmo àquela hora tardia o ar estava pesado com a forte fragrância das flores que parecia estar em toda parte. Havia

uma leve brisa, que mal dava para agitar os ramos dos castanheiros e não chegava a amainar o calor do dia. Kostya deu uma última tragada em seu cigarro, jogou a guimba no bueiro com um piparote dos dedos polegar e médio e lentamente passou pela zeladora, encaminhando-se lentamente para o seu quarto.

Quando Shchegotsky deitou-se para dormir, a festa em cima da Padaria nº 3 ainda não dava sinais de terminar. Cerveja, vinho e *gorilka* ainda corriam como água, canções e risos podiam ser ouvidos ecoando até o meio da rua. As pessoas saíam em grupos de duas ou três, mas muitos trabalhadores da padaria ainda ficaram bebendo e conversando até a madrugada. Finalmente, quando o dia raiou, eles deixaram os recém-casados entregues ao que sobrou da sua noite de núpcias e se despediram com comentários maliciosos e exortações picantes. A partida foi agitada e da rua eles gritavam, prometendo encontrar-se todos novamente na próxima tarde. Umas poucas horas de sono e estariam em forma para comparecer à festa de inauguração do novo estádio desportivo. Eram cinco da manhã quando os últimos convidados saíram trocando as pernas em direção à cama. Alguns deles disseram ouvir uma trovoada. Outros insistiram que fora estouro de dinamite e se perguntaram por que estariam trabalhando na rede de águas num domingo.

Em seu hotel, Konstantin Shchegotsky despertou com o telefone tocando. Pela claridade da janela, viu que era muito cedo. Pegou o relógio na mesinha e olhou. Ainda não eram seis horas. Quem iria chamar àquela hora e num dia assim?

Era seu amigo Gurevich. “Kostya, a guerra começou”, ele disse.

“Não amola”, respondeu Shchegotsky. “Quanto foi que você bebeu no casamento?”

“Não, Kostya”, Gurevich insistiu. “Não estou brincando. Me escuta. Começou mesmo. Os fascistas nos atacaram.”

Gurevich desligou. Shchegotsky olhou o fone e ficou parado, duvidando de que tivesse tido esta conversa. Foi até a janela e abriu as *fortochka* — as venezianas — para enxergar lá fora. Tudo estava tranqüilo. Embaixo, pôde ver o porteiro da noite acabar de varrer os degraus e se preparar para lavá-los com a mangueira.

Shchegotsky ainda estava procurando entender quando ouviu também as explosões distantes.



Capítulo Um

A Ucrânia se estende de Belarus, ao norte, até a fronteira natural do mar Negro, no sul, mas seus limites a oeste e leste sempre estiveram sujeitos a negociação. A oeste, os Cárpatos demarcam seu território com o da Polônia, Eslováquia e Hungria, mas as fronteiras políticas nem sempre foram claramente definidas. Da mesma forma, a leste, a fronteira com a Federação Russa se modificou, ora mais para um lado, ora mais para o outro, através dos séculos.

O que permaneceu intocado foi o coração da Ucrânia, uma vasta expansão — 1.600 quilômetros de largura, aproximadamente o tamanho da França — de terras planas e férteis. O solo é tão negro quanto o outro tesouro natural da Ucrânia, o carvão, encontrado em abundância na região de Donbas. As safras retiradas dessa terra fértil alimentam o resto do país, a ponto de a Ucrânia ter se tornado conhecida como o "celeiro" da União Soviética. Mas as estepes maciças que abençoaram a Ucrânia com suas abundantes colheitas também se mostraram como sua maior maldição. Uma riqueza tão grande sempre atraiu a cobiça de predadores gananciosos, e foi quase impossível defender esse espaço de terras levemente onduladas contra sucessivos invasores.

Assim foi em meados do século XI, quando os pechenegues — povo nômade do Norte — puseram os olhos na Ucrânia. Eles haviam feito várias incursões nas fronteiras do que mais tarde se tornaria o Estado ucraniano, mas em 1036 quase chegaram ao centro de Kiev. Quando os pechenegues acamparam junto às muralhas da cidade, o rei de Kiev, Yaroslav o Sábio, foi tomado por um misto de tristeza e raiva, ao ver o inimigo tão perto. Yaroslav procurou socorro na Virgem Santa. Se ela o ajudasse a derrotar o inimigo, construiria uma grande igreja em sua honra. A batalha por Kiev foi feroz e sangrenta, mas Yaroslav venceu e os pechenegues foram expulsos. Leal a sua promessa, ele construiu a magnífica Catedral de Santa Sofia, no ponto onde a batalha foi travada, e dedicou-a à

Virgem Santa. A catedral acarretou um outro problema para Yaroslav. Rica como era, ampliou os limites da cidade e precisaria ser defendida. Yaroslav ordenou a construção de novas muralhas e fortificações e, no meio delas, um grande portão também foi construído. A cidade já tinha acesso pela Porta de Liadsky, a leste, e pela de Lvivsky, a oeste, mas nenhuma das duas podia se comparar a esse novo monumento.

A Grande Porta Dourada de Kiev com 12 metros de altura, tinha acima dela um arco com 25 metros de comprimento. De uma parede externa à outra media quase oito metros de largura. Suas fundações tinham três metros de profundidade e as paredes um metro de espessura. Os visitantes ficavam maravilhados com a luz do sol refletindo-se nos enormes blocos de granito e quartzo que compunham o arco. O efeito era acentuado pelas portas de carvalho unidas por folhas de cobre dourado. No alto da torre que ficava por cima da porta havia uma pequena capela, a igreja da Anunciação da Santa Virgem Maria, porque Yaroslav era um homem devoto e agradecido.

A construção foi um milagre arquitetônico. Embora só tenha sido composta em 1874, o sublime triunfalismo das primeiras notas de “A Grande Porta de Kiev” da obra *Quadros de uma exposição,* do compositor Modest Mussorgsky, dá uma idéia do deslumbramento que a incomparável estrutura devia provocar.

Mas mesmo quando a Grande Porta Dourada foi construída, no século XI, Kiev já era antiga e devastada pela guerra. A história da cidade se desenvolveu através de períodos de violento conflito e prolongada ocupação desde que foi fundada, provavelmente em torno do século IV d.C. Kiev se localiza sobre colinas voltadas para o rio Dnieper, um dos maiores caminhos fluviais da Europa. Com 2.200 quilômetros de extensão, é o quarto rio mais extenso do continente. A partir de sua nascente, nas colinas de Valdai, a oeste de Moscou, ele corre para o sul passando por Belarus e pelo coração da Ucrânia, incluindo Kiev e Dnipropetrovsk, antes de desaguar no mar Negro. Kiev se estabeleceu na margem direita do rio, ou ocidental, antes de expandir-se através dos séculos também para a margem esquerda. É muitas vezes chamada de “A mãe das cidades russas”, e com boa razão.

Durante a segunda metade do século IX, uma horda de vikings conhecidos como varegos deslocou-se para o sul, em busca de terras férteis para se fixar. Em 862, seu chefe, Rurik, tornou-se governador da cidade russa de Novgorod e os varegos se estabeleceram na região. Vinte anos mais tarde, outro chefe varego, Oleg, que ocupava o cargo de regente de Igor, filho mais moço de Rurik, percebeu a posição estratégica de Kiev para controle da navegação no rio. Mandou executar os governantes da cidade e uniu Kiev e Novgorod. Oleg se

estabeleceu em Kiev, que em 882 se tornou a capital do primeiro estado russo, conhecido como Rus Kievana. Os primórdios do território que se tornou o Império Russo tiveram lugar no século IX, numa confederação de estados governada a partir de Kiev.

A importância da cidade decorre, portanto, de vários fatores. Sua posição junto ao Dnieper faz dela um centro vital de comércio, e o próprio rio tornou-se a principal rota de comércio. No século seguinte, o tamanho e a influência da Rus Kievana se ampliaram. Em 988, Vladimir o Grande, também chamado de são Vladimir, abraçou o cristianismo bizantino, o que fez de Kiev o primeiro centro do cristianismo na Rússia. Em decorrência da topografia plana da região, que não oferecia empecilhos para os saqueadores, e de sua posição exposta perto da fronteira, Kiev tornou-se alvo de quase todos os exércitos invasores nos anos subseqüentes. Yaroslav conseguiu expulsar os pechenegues em 1036, mas a cidade foi totalmente destruída pelo líder mongol Batu Khan em 1240 e permaneceu nas mãos dos mongóis no século seguinte.

Foi durante a ocupação mongol que um dos maiores heróis da região conquistou notoriedade. No mesmo ano em que Kiev foi invadida por Batu Khan, Alexandre, filho de Yaroslav, o príncipe do estado de Vladimir, venceu uma árdua batalha contra os suecos no congelado rio Neva, perto de São Petersburgo. Ele adotou o nome de Alexandre Nevsky em honra a sua famosa vitória. Dois anos depois, Alexandre, que era um príncipe de Novgorod, expulsou os Cavaleiros Teutônicos em outra célebre batalha, no Lago Peipus, situado na Estônia. A essa batalha foi mais tarde creditado o mérito de ter salvado a Rússia de dominação pelo Ocidente. Batu Khan, o líder mongol, reconheceu a autoridade de Alexandre e ao invés de enfrentá-lo recrutou-o como mediador entre a sua Horda de Ouro e a população da Rus Kievana. Em 1246, os mongóis escolheram Alexandre como Grande Príncipe de Kiev, e seis anos depois ele se tornou também príncipe de Vladimir. Com as três cidades — Kiev, Novgorod e Vladimir — sob seu controle, Alexandre foi capaz de estabilizar a região que viria a ser a Federação Russa. Ele morreu em 1263 e anos mais tarde foi canonizado pela Igreja Ortodoxa russa.

Quase um século depois, a cidade mudou novamente de mãos. Os lituanos a capturaram em 1360, em 1482 ela caiu sob domínio dos tártaros vindos da Criméia, antes de ser finalmente tomada pela Polônia em 1569.

O século XVII testemunhou o advento de outro grande herói ucraniano, quando Bohdan Khmelnytsky liderou um levante cossaco contra os poloneses, em 1648. Os cossacos eram excelentes cavaleiros e, inspirados por seus líderes, conhecidos como hétmãs, usaram a imensa extensão da estepe com vantagem,

atormentando e perseguindo os poloneses em uma série de batalhas de cavalaria. Khmelnytsky e os hétmãs conseguiram estabelecer com sucesso uma república ucraniana independente, mas essa autonomia durou pouco. A região ainda foi alvo de várias incursões de reinos vizinhos, que a cercaram, e em 1654, apenas seis anos depois de conquistar a independência, Khmelnytsky foi obrigado a pedir a proteção russa. O resultado foi uma dura guerra entre a Rússia, a Polônia, os cossacos e os turcos pelo controle da Ucrânia. A guerra terminou com a chamada “Paz Eterna” entre a Rússia e a Polônia, em 1686, através da qual Kiev e as terras dos cossacos a leste do Dnieper passaram para os russos. Isto constituiu de fato o reconhecimento pelos poloneses do *status quo* e, uma vez que não podiam derrotar os cossacos, decidiram simplesmente deixá-los com a Rússia, da qual já eram aliados antes. O resto da Ucrânia foi dado à Polônia mas, depois da segunda divisão deste país em 1793, todo o território da atual Ucrânia — com exceção da província da Galícia, que permaneceu sob o domínio do Império Austro-Húngaro — ficou sob a influência da Rússia.

Durante a Revolução Russa de 1917 outra tentativa foi feita para o estabelecimento de um Estado ucraniano independente, que teve vida mais curta ainda que o de Khmelnytsky. O Exército Vermelho ocupou Kiev em janeiro de 1918, mas em março do mesmo ano os alemães tomaram a cidade graças ao Tratado de Brest-Litovsk, que pretendia pôr fim às hostilidades na região. Os alemães estavam de olho num novo suprimento de terras ricas e férteis, e o novo governo nacionalista de Simon Petlyura buscava a independência face a seus vizinhos bolcheviques. Nada aconteceu como os dois lados planejaram. O governo Petlyura mostrou-se ineficiente e algumas semanas apenas depois que sua assembléia foi constituída os alemães o desmantelaram através de um movimento que se apresentou como um golpe militar. Finalmente, tendo que enfrentar a guerra na França, os alemães abandonaram Kiev e a Ucrânia. Petlyura voltou, e também o Exército Vermelho. Os 18 meses que se seguiram foram provavelmente os mais instáveis na história de qualquer país moderno. Algumas fontes dizem que Kiev mudou de mãos ou de governo pelo menos 18 vezes naquele período. O resultado final foi que, em 1922, Kiev e a Ucrânia foram incorporadas formalmente à União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS).

Os ucranianos estavam então na URSS, mas não pareciam ser de lá. Obstinadamente as sucessivas mudanças de governo e de controles ajudaram a promover um sentimento crescente de nacionalismo ucraniano. Não fazia diferença quem estava no poder: no final do dia eles ainda eram ucranianos e sua lealdade a seu país, assim como sua lealdade recíproca e à sua terra, era tudo o

que importava.

Embora o país estivesse tecnicamente em paz, as disputas entre o nacionalismo ucraniano e o bolchevismo perduraram por quase 20 anos. Os ucranianos tinham bons motivos para desconfiar de Lênin. Após a Revolução Russa e um breve período de independência ucraniana, ele voltara atrás em sua palavra e enviara o Exército Vermelho. O resultado foi que em 1920 a Ucrânia era, pelo menos nominalmente, quase toda bolchevista. Lênin, e depois dele Stálin, continuavam convencidos de que a ânsia nacionalista dos ucranianos fora apenas sufocada, mas não extinta. Até certo ponto, eles estavam certos, e ambos nutriam uma profunda desconfiança contra a Ucrânia. Essa desconfiança foi responsável pelos anos de sofrimento que a Ucrânia viveu antes da Segunda Guerra Mundial.

No fim da década de 1920, a fome causada pela escassez de carne e grãos ameaçava a nova União Soviética. Em 1921 e 1922, cinco milhões de pessoas morreram de inanição e de doenças associadas, como tifo, cólera e disenteria. As pessoas sobreviviam com uma ração de 200 gramas de pão por dia e ouviam com uma mistura de incredulidade e inveja as notícias de que em Petrogrado alguns operários qualificados recebiam 800 gramas diários. Muitos deixavam as cidades e iam para o campo em busca de comida. A população de Moscou, por exemplo, reduziu-se a quase a metade nos três anos seguintes à Revolução. As comunidades rurais tinham carne e grãos mas, como o que produziam lhes era confiscado, sua resposta era simplesmente produzir menos. Não havia incentivo para produzirem mais do que necessitavam para si próprias. O preço oficial dos cereais, por exemplo, era menor do que o que se gastava para cultivá-los, e mesmo que os camponeses estivessem dispostos a trocá-los por outros bens, nada havia nas cidades que os interessasse. Eles preferiam estocar os produtos agrícolas ou consumi-los. As comunidades rurais eram uma constante fonte de aborrecimentos para Stálin, como tinham sido para Lênin. Ao contrário do que acontecia nas cidades, que eram áreas de grande densidade demográfica, o comunismo não teve muito impacto entre a população agrária, que na época ainda representava cerca de 80% da União Soviética. A solução de Stálin para o racionamento nas cidades e a relativa abundância no campo foi introduzir uma política de coletivização, que tornava cada cabeça de gado, cada espiga de trigo, cada alqueire de grãos uma propriedade do Estado. Quem tentasse obter lucro seria severamente punido. De acordo com a chamada “Lei dos Sete Oitavos” — porque foi decretada no dia 7 de agosto de 1932, o sétimo dia do oitavo mês —, quem cortasse uma única espiga de milho poderia ser, e freqüentemente era, condenado a dez anos num campo de trabalhos forçados. A política de Stálin

explorava a inveja e a cobiça nascidas do sofrimento real e, numa antítese da filosofia comunista, voltava vizinho contra vizinho.

Stálin declarara guerra aos “kulaks”. Esta era uma nova classificação inventada por oficiais para a categoria dos camponeses. Eles podiam ser divididos em três classes — pobres, médios e kulak, palavra que, embora significasse “punho”, ou “mão fechada”, passara para o uso corriqueiro como um termo depreciativo, equivalente a “agiota”. Basicamente, um kulak era um fazendeiro que demonstrara iniciativa suficiente para desenvolver sua fazenda a um ponto em que necessitava contratar trabalhadores para ajudá-lo em seu trabalho. Mas em 30 de janeiro de 1930 Stálin anunciou que todas as fazendas deveriam ser coletivizadas e que os kulaks deviam ser destruídos como classe. Havia três penalidades para eles. Os maiores infratores eram punidos com o fuzilamento; o infrator e sua família eram deportados para os campos de trabalho, na segunda categoria; e, na terceira, os infratores eram obrigados a deixar o coletivo e a recomeçar numa nova fazenda. Como toque sádico, essas novas fazendas, sem exceção, eram situadas em terras onde nada podia ser cultivado pois, caso contrário, caberia aos coletivos iniciá-las. Depois de meses de trabalho árduo e infrutífero, esses infelizes mostravam-se incapazes de alcançar sua cota de produção e eram igualmente deportados.

O processo de “deskulakização” fez proliferar a mesquinharia e a delação, já que fazendeiros ansiosos por agradar às autoridades denunciavam seus vizinhos como kulaks. Uma vez que a acusação fosse formalizada, não havia praticamente meio de refutá-la e o acusado, mesmo se tivesse a sorte de comprovar sua inocência, era invariavelmente rotulado como simpatizante dos kulaks e ainda suscetível a punição. Entre 1930 e 1933, cerca de 2 milhões de pessoas foram mandadas para os campos de trabalho forçado em áreas remotas como a Sibéria. Poucas regressaram. A Ucrânia, que era o “celeiro” da União Soviética, foi particularmente atingida pela guerra contra os kulaks e pela coletivização que se seguiu a ela.

Stálin mantinha sua desconfiança de que a Ucrânia, especialmente, não estivesse convicta ou entusiasmada em sua adesão ao comunismo. Acreditava que a Ucrânia preferiria ser um Estado separado e estava atento a essas tendências nacionalistas. Um modo de lidar com isto era garantir que a região fosse tratada com muito mais rigor do que qualquer outra. Em certo momento, mais de 70% dos camponeses ucranianos estavam trabalhando nas fazendas coletivas, um percentual muito mais elevado do que em qualquer outro lugar na União Soviética. O efeito da coletivização foi reduzir as colheitas antes abundantes. Em 1931, os dados oficiais sobre as safras caíram para 18 milhões

de toneladas, número que representava apenas o suficiente para alimentar a todos, com um mínimo de excedente. Entretanto, o Estado requisitou 8 milhões de toneladas da colheita, deixando a Ucrânia à beira da fome. As conseqüências foram inevitáveis. No ano seguinte, as safras caíram para pouco mais de 14 milhões de toneladas e novamente o Estado requisitou 8 milhões. Esta demanda depois foi reduzida para cerca de 6,5 milhões de toneladas, mas o efeito foi o mesmo. A fome grassou e milhões de ucranianos pereceram nesse período que se tornou conhecido como a Grande Fome. Aqueles que sobreviveram sabem que essa escassez de comida foi arquitetada artificialmente como resultado das políticas de Stálin. O número oficial de mortos na Ucrânia não é conhecido, mas as estimativas gerais indicam que houve entre 5 milhões e 7 milhões de vítimas nos anos de 1932 e 1933. Na União Soviética como um todo, o número de mortes por esta fome induzida politicamente é tido como de 14 milhões, mas como Kruschev declarou anos mais tarde, “ninguém fez a conta”. Entretanto, o recenseamento oficial de 1937 mostrou que a população havia decrescido de modo tão alarmante que os responsáveis pelo censo foram colocados entre as vítimas dos expurgos de Stálin por “se empenharem de modo traiçoeiro para diminuir a população da URSS”.

Além dos que passaram fome durante aqueles anos, em Kiev muitas outras pessoas sofreram nas mãos da NKVD na década de 1930, no episódio que ficou conhecido como “O Terror”. A NKVD era a sucessora da OGPU, organização que havia dirigido a deportação dos kulaks para a árida Sibéria. Só o nome mudara, em essência era ainda a polícia secreta de Stálin, os indispensáveis executores da sua vontade. Era a NKVD que estava por trás das temíveis batidas nas portas à noite, que resultavam em interrogatórios, tortura, julgamento sumário e morte ou deportação, embora em muitos casos essas condenações significassem o mesmo. Milhares de bons e capacitados oficiais do Exército Vermelho foram vítimas desses julgamentos ou enfrentaram acusações de deslealdade ou de comportamento burguês.

Novamente, a desconfiança patológica de Stálin em relação à Ucrânia manifestou-se no Terror. Em 1937, ele decidiu liquidar toda a liderança do Soviete ucraniano e Partido Comunista local. No mês de junho, os sete ministros mais antigos foram presos e executados, e o primeiro-ministro do Soviete ucraniano, Liubchenko, suicidou-se. Estima-se que cerca de 170 mil pessoas na Ucrânia foram expurgadas, o que levou Nikita Kruschev, que então estava em Kiev como primeiro-secretário do Partido Comunista, a observar que o Partido Ucraniano ficara absolutamente limpo.

Na Ucrânia, como em toda parte na URSS, as vítimas do Terror nada tinham

em comum, exceto o seu infortúnio. Um infeliz industrial foi encarcerado por dez anos porque tinha sido o primeiro a sentar-se durante uma ovação de pé ao Camarada Stálin. O editor de um jornal foi expurgado por ser judeu. Falou-se até mesmo de um homem que foi preso por ter retirado um retrato de Stálin da parede para pintá-la.

Em Kiev, conta-se que uma mulher denunciou 8 mil pessoas, e todas elas foram condenadas à morte. O Terror nutria-se das denúncias. O operário denunciava o colega, o irmão delatava o irmão, o marido entregava a esposa. Talvez acreditassem estar fazendo o que era certo, mas por volta de 1938, quando o Terror atingiu o auge, denunciava-se simplesmente por medo de ser denunciado, numa espécie de vingança antecipada. O crime mais grave era a acusação de “ser burguês”. Era uma acusação praticamente impossível de ser refutada: quase tudo podia ser interpretado como prova de comportamento burguês.

Havia alguns, como Konstantin Shchegotsky, que constituíam alvos por seu perfil de destaque. Apesar de ser um bom e leal stalinista, Shchegotsky tinha um estilo de vida que contrariava a muitos dentro do Partido. Era bonito, popular, admirado, um instigador social, um sedutor para as mulheres e um herói para a juventude de Moscou e Kiev. Shchegotsky despertava ciúme quase sem fazer esforço e, por seu estilo de vida exuberante, não é surpreendente que atraísse as atenções.

Porém, apesar de seu modo de viver um pouco caprichoso e extravagante, que às vezes beirava a indiscrição, Shchegotsky era respeitado pelo Partido Comunista por sua perícia como jogador de futebol e desportista. Em 1938, ele recebeu uma condecoração do Partido por seus serviços ao esporte e, como era costume, o prêmio foi anunciado pelos jornais. Na época, ele estava numa clínica, recuperando-se de uma contusão ocorrida durante um jogo. Seu companheiro de quarto escreveu para a direção do Partido queixando-se de que Shchegotsky obviamente não dava valor à sua condecoração, porque não a usava. Shchegotsky foi convocado para responder à acusação e, quando o secretário do Partido local contou-lhe o motivo, ele deu uma gargalhada. Shchegotsky observou que o jornal apenas havia anunciado o prêmio, mas que ele ainda não recebera a medalha. Confrontado com o acusador, Shchegotsky riu na cara dele.

“Não uso a medalha porque ela não está comigo”, disse. “Depois que a receber, terei muito orgulho em usá-la.”

Shchegotsky teve permissão para sair sem um arranhão em sua reputação — embora não tenha tido a mesma sorte em outra ocasião — e seu acusador acabou

sendo julgado por denunciar um servidor tão devotado da União Soviética.



Capítulo Dois

O futebol parece ter chegado à Ucrânia da mesma maneira que ao resto do mundo: vindo da Grã-Bretanha. A partir de suas origens, o jogo se espalhou no final do século XIX e início do século XX, como conseqüência direta do domínio marítimo pelos britânicos. Os países da América do Sul, por exemplo, cujos jogadores dominaram o futebol na última metade do século XX, aprenderam a jogá-lo com marinheiros escoceses e ingleses que passavam por Montevidéu, Rio de Janeiro, Caracas e outros portos importantes em suas rotas de comércio. Na Ucrânia, há duas correntes de pensamento sobre o assunto. Uma delas afirma que o futebol foi introduzido por engenheiros checos que trabalharam em projetos industriais locais, mas parece que esta é uma teoria revisionista, destinada a privar os imperialistas de qualquer crédito por um esporte que começou como um passatempo excêntrico e acabou se tornando uma das maiores paixões nacionais da União Soviética. A teoria mais digna de crédito diz que o futebol chegou à Ucrânia depois que os ucranianos ficaram curiosos e tentaram imitar o jogo praticado pelos marinheiros britânicos que se distraíam batendo bola enquanto seus navios estavam aportados em Odessa.

É certo que os marinheiros britânicos jogavam futebol na Ucrânia no final da década de 1870, provavelmente por volta de 1878, e em poucos anos o esporte contagiou toda a região. Começou pela Ucrânia ocidental, mas rapidamente se espalhou. O professor Cenar, aparentemente um dos primeiros entusiastas do novo esporte, publicou em 1891 uma monografia intitulada *Jogos esportivos nas escolas para jovens*. O texto falava sobre programas para divulgar o futebol que estavam sendo seguidos em várias escolas locais. Um dos primeiros comentaristas de esportes do país, o professor Cenar foi também responsável pela mais importante contribuição para a história do futebol na região. Em 1890, através de contatos acadêmicos, ele conseguiu que o futebol legítimo fosse levado da Grã-Bretanha para Lvov. Além de providenciar uma bola oficial,

rapidamente copiada pelas manufaturas locais, conseguiu que esse esporte se tornasse parte da cultura ucraniana.

A cidade de Lvov fica a pouco mais de 80 quilômetros da fronteira entre a Ucrânia e a Polônia e, de 1773 até o colapso do Império Austro-Húngaro, em 1918, pertenceu à Áustria. Em 1892, o imperador Francisco José teve a idéia de realizar uma feira bienal, que seria uma atração para o comércio e a cultura locais. O futebol havia se tornado parte da cultura da região e assim passou a ter lugar na feira. Como sempre, o professor Cenar, o secretário da comissão organizadora e um jornalista esportivo local usaram seus poderes de persuasão para convencer os dirigentes do evento de que o futebol deveria ser incluído no programa. Da mesma forma, o ciclismo, outro esporte que também estava se desenvolvendo rapidamente, teve reconhecimento oficial na feira de 1892. A primeira apresentação oficial de futebol em Lvov ocorreu em 5 de junho daquele ano. O futebol não foi apresentado como um jogo competitivo: era simplesmente uma demonstração da habilidade dos jogadores com a bola que divertia o público nos intervalos das competições de ginástica. Mas essa demonstração acabou fazendo tanto sucesso que em maio de 1894, quando a feira foi realizada pela segunda vez, um novo estádio, construído especialmente para os jogos de futebol, foi inaugurado no Parque Stryisky. Suas instalações tinham capacidade para receber 7 mil pessoas e, como tudo o que se relacionava com o futebol ucraniano naquela época, copiava o estilo dos estádios britânicos, com tribunas e arquibancadas.

O novo estádio foi inaugurado com a primeira competição oficial de futebol disputada na Ucrânia. O jogo, realizado em 14 de julho de 1894 entre as equipes das cidades de Lvov e Cracóvia, fez parte da programação do segundo congresso da Sokil, a sociedade desportiva da Ucrânia. Não se tratava mais de uma simples demonstração de perícia com a bola: foi um jogo oficial disputado de acordo com as regras determinadas pela Associação de Futebol. Despertou tanto interesse que os espectadores ultrapassaram a capacidade do estádio — não existem estimativas exatas sobre seu número — e atraiu repórteres da Checoslováquia, da Alemanha e da Bielo-Rússia, assim como da Ucrânia e da Polônia. O primeiro relato escrito do jogo foi publicado pelo jornal local, *Hazeta Lvivska*. Foi mencionado também no *Himnastychny Putivnyk*, num artigo de Xavier Fischer, que fez a cobertura do segundo congresso da Sokil.

Graças a Fischer, ficamos sabendo que ambos os times usaram camisas brancas e sapatos esportivos em vez de chuteiras. As equipes se distinguiam apenas pela cor das calças. O time de Lvov usava calças esportivas cinzentas e as do time de Cracóvia eram azuis. O juiz foi o professor Wyrobek, de Cracóvia,

e o jogo durou menos de dez minutos. As equipes haviam concordado antecipadamente que a disputa terminaria com o primeiro gol, que foi marcado aos sete minutos pelo time de Lvov. Embora tenha sido muito rápida, a partida constituiu a pedra fundamental para o desenvolvimento do futebol na Ucrânia. Uma das razões para o sucesso mundial do futebol, além das qualidades intrínsecas do jogo, é o fato de que é um jogo simples, que quase todos podem jogar. Isto parece ter influenciado decisivamente a expansão desse esporte na Ucrânia. Não havia necessidade de um treino árduo, e às vezes repetitivo, durante horas, com equipamentos especiais, como faziam os ginastas; e, ao contrário do ciclismo, não precisava de uma bicicleta ou de pistas. Tudo o que exigia era uma bola, algum espaço e a participação de colegas animados. O futebol deslanchou. Em 1914, a Ucrânia teve a sua primeira disputa internacional. O time turco Fenerbahce foi a Odessa para uma série de partidas amistosas do outro lado do mar Negro. Eles perderam por 2**x**1 para o Sheremetievtsi e empataram em 1**x**1 com o Sporting, antes de perderem da seleção de Odessa por 3**x**0 e, finalmente, em duas partidas contra o Esporte Clube de Mykolaiv, ganharam a primeira por 1**x**0 e perderam a segunda por 3**x**0. Com uma vitória, um empate e três derrotas, a turnê não foi muito bem-sucedida para o Fenerbahce, mas o interesse que gerou foi enorme. Cada partida era disputada com o estádio lotado, enquanto milhares de torcedores ficavam do lado de fora, avaliando o jogo pelos gritos que partiam da torcida lá dentro.

Rapidamente o futebol deixou de ser uma simples diversão e tornou-se uma paixão fanática para centenas de milhares de jovens ucranianos. Surgiram times em quase todos os lugares e logo essa demanda fez com que ligas e competições fossem organizadas. Os times, em sua maioria, foram criados em clubes esportivos já existentes em fábricas, escolas, escritórios e unidades militares. Nikolai Khanikov e Sergei Barminsky eram dois jovens policiais membros do Dínamo, o clube esportivo da polícia e do Ministério do Interior em Kiev. Havia filiais desse clube na maioria das cidades da União Soviética e a mais notável delas era provavelmente o Dínamo de Moscou, principal equipe de futebol no campeonato da capital. Em novembro de 1927, Khanikov e Barminsky organizaram o Dínamo de Kiev, então um time composto inteiramente de funcionários da polícia local.

Há alguma confusão em torno de sua primeira partida oficial. A história oficial do clube diz que ela se realizou em julho de 1928 em Moscou, inevitavelmente contra o Dínamo de Moscou, e que Kiev perdeu por 6**x**2. Existem, contudo, notícias de que teriam jogado sua primeira partida contra um time de Belaya Tserkov, cidade próxima, perdendo por 2**x**1. Outro relato diz que

o Dínamo de Kiev disputou sua primeira partida em seu próprio Estádio Vermelho, em 17 de julho de 1928, quando conseguiu empatar em 2**x**2 com a equipe de Odessa. Qualquer que tenha sido a primeira partida oficial, fica claro que o Dínamo de Kiev não começou como um grande time. A primeira disputa internacional da sua história realizou-se em 14 de setembro de 1929, quando a equipe de Kiev perdeu por 4**x**3 para o time da Baixa Áustria.

Embora anos depois o Dínamo tenha se tornado um time famoso na Ucrânia e na União Soviética, e um destaque no futebol mundial, quando surgiu não era sequer o melhor de Kiev. Seu rival local, o Zheldor — também conhecido como Lokomotiv — era o mais poderoso time da área na década de 1920. Assim como o Dínamo, o Zheldor era também um time de trabalhadores. Como o nome Lokomotiv sugere, a equipe era formada principalmente por operários do Sistema Ferroviário Sudoeste. Mas a verdadeira base do futebol ucraniano nesse período era Kharkov, que tinha várias equipes fortes.

Na falta de campeonatos formais de futebol, times de várias repúblicas soviéticas competiam em base regional. Em geral, a Ucrânia era representada nessas competições por um dos times de Kharkov, que ainda era a capital da República Socialista Soviética da Ucrânia. Entretanto, a sorte do Dínamo de Kiev iria em breve mudar de forma notável.

À medida que a rivalidade entre as ligas se intensificava, o profissionalismo também se introduzia no jogo. Tornou-se óbvio que incluir apenas ferroviários ou policiais na equipe era uma política que levaria a derrotas freqüentes. Não demorou muito para que o jogo passasse a ser dominado por jogadores realmente profissionais. Esses jovens talentosos, descobertos em outros times locais, recebiam propostas de times maiores, o que significava invariavelmente um emprego num setor relevante. Para os jogadores, esse era um arranjo ideal. Eles passavam a trabalhar com salários um pouco mais altos em um emprego que lhes deixava com maior tempo livre para treinar. Se ganhassem um jogo, recebiam um bônus, mas mesmo não ganhando, ainda assim recebiam o pagamento semanal da organização que os empregava. Sob essa espécie de arranjo, os jogadores de futebol russos nunca teriam a vida pródiga de seus colegas de outros países, mas podiam viver mais confortavelmente que seus conterrâneos. Assim como todos os outros times do país, o Dínamo de Kiev contratou profissionais ainda no início da década de 1930 e teve a sorte de encontrar uma geração de rapazes que iriam se tornar os melhores jogadores do país.

Um dos talentos de mais destaque contratado em 1930 foi Nikolai Makhinya, um jovem que, a princípio, causara certo desapontamento para sua família, aficionada dos esportes. Nascido e criado em Podol, a parte mais antiga de Kiev,

ele, seus dois irmãos e sua irmã eram esportistas. Nikolai, contudo, parecia atrasado em relação aos irmãos e, aos 14 anos, teve diagnosticada uma deficiência cardíaca. Nikolai abandonou a ginástica e o ciclismo, e passou para o futebol, demonstrando uma surpreendente habilidade natural. Ele jogou como atacante e, a despeito do suposto problema cardíaco, não mostrou sinais de fraqueza ou desânimo. Makhinya era um jogador exemplar, o sonho de qualquer treinador. Não fumava nem bebia, seguia estritamente o esquema de treinamento prescrito pelos treinadores, e dedicava pouquíssimo tempo a atividades sociais depois dos jogos. Era um jovem compenetrado que vivia apenas para seu esporte e seus estudos. Completara o estágio de aprendiz de torneiro mecânico antes de se inscrever como aluno do Instituto de Educação Física. Seu desempenho num time local chamou a atenção dos dirigentes do Dínamo de Kiev. Evidentemente, eles também tinham ouvido falar sobre seu histórico médico, pois Makhinya foi submetido a um exame físico mais rigoroso do que era habitual naquela época. Para surpresa geral, e de Makhinya também, a equipe médica que fez o exame cardíaco declarou que “com um motor desses no peito, você vai poder correr até ficar velho”.

Junto com Makhinya, o Kiev também contratou Konstantin Shchegotsky, intelectual e *bon vivant*. Apesar de sua postura um pouco diletante, ele era igualmente um atacante devastador, que se tornou uma espécie de queridinho da imprensa da época. Ambos tinham uma origem semelhante. Makhinya crescera como filho de um veterano de guerra em circunstâncias rígidas e tornou-se devotado servidor do Partido e do Camarada Stálin. Shchegotsky, por sua vez, escolhera uma vida menos dedicada à responsabilidade social e à coletivização, mesmo sendo criado nas condições de pobreza típicas de muitas crianças no período que se seguiu à Revolução Russa.

Ele nasceu em Moscou e era o mais novo de quatro irmãos. Sua família, como tantas outras, tinha uma situação muito longe do ideal que se complicou ainda mais com a morte de seu pai quando ele ainda engatinhava. Konstantin foi uma criança magra e enfermiça, que ficava muitas vezes aos cuidados de vizinhos enquanto a mãe e os irmãos saíam para trabalhar. Logo após a Revolução, o futebol organizado ficou abafado pela turbulência política, mas as crianças ainda jogavam. Konstantin foi convocado para os jogos com os meninos da vizinhança e, como era o menor de todos, os maiores o vigiavam. Eles jogavam durante horas no jardim de uma igreja próxima, e o jogo os mantinha afastados de confusões numa época em que muitos dos seus contemporâneos acabavam como mendigos ou criminosos. O exercício constante e o ar puro também ajudaram Konstantin e em pouco tempo ele se tornou saudável e forte.

Quando os jogos passaram a exigir espaços mais amplos que o jardim da igreja, os meninos se deslocaram para um campo improvisado num depósito de carvão na margem do rio Moskva. A poeira do carvão fazia com que os jogadores saíssem do campo pretos como piche e um dos rituais após o jogo, sob qualquer temperatura, era um mergulho no rio para se lavarem. Kostya nadava mal e esse mergulho o aterrorizava; uma vez, quase se afogou. Mais tarde, em suas memórias, ele recordaria como dominou o medo e em um ano tornou-se capaz de atravessar o rio a nado diversas vezes. A mesma determinação que revelou em criança salvaria sua vida quando adulto.

Com saúde e em plena forma física, Konstantin Shchegotsky mostrou-se também um talento precoce. Logo tornou-se o capitão do time da sua rua e aos 16 anos estava jogando no Gornyak, uma conceituada equipe local. Nessa fase, seu modelo era Pyotr Isakov, um dos ídolos do futebol da União Soviética. A marca registrada de Isakov era dominar a bola na linha lateral, atrair o zagueiro, dar uma volta de 180 graus com a bola nos pés antes de partir para o gol, com o adversário tropeçando atrás dele. Kostya praticava esta jogada por horas e horas, e aperfeiçoou-a a ponto de executá-la no meio do campo ou na grande área, para frustração dos zagueiros e goleiros adversários. Ela se tornou uma característica de seu jogo. Shchegotsky não era um jogador de compleição forte, numa época em que a força era considerada a marca de um bom jogador, mas era ágil e rápido, e conseguia fazer passes com precisão milimétrica. Sua estréia no Gornyak foi uma sensação. Ele deu um chapéu no primeiro tempo, e no final da partida já corriam as notícias de que o jovem era algo muito especial. O Gornyak se saiu melhor do que o esperado no campeonato de Moscou, em grande parte graças a Shchegotsky, e quando o time foi à falência, em 1929, já era patente que o jogador estava destinado a grandes feitos. Por ironia, a doença de sua infância, que talvez tenha sido febre reumática ou algo semelhante, indicava que ele nunca seria considerado fisicamente apto a participar de qualquer atividade esportiva formal. Talvez isto, junto com sua compleição leve — seu apelido era *Schipa*, o que significa “graveto” — tenha levado os grandes clubes a relutarem em dar-lhe a oportunidade que seu talento merecia. Ele podia marcar gols e driblar os adversários mas, até onde entendiam, não levava a melhor quando era preciso enfrentar um adversário ou dividir uma bola. Os treinadores moscovitas queriam alguém mais forte e os convites simplesmente não aconteceram. Embora por volta dos 20 anos Shchegotsky estivesse habilitado como projetista e pudesse ter iniciado uma carreira profissional, o futebol tornara-se a sua paixão. Desejava ardentemente encontrar um time, mas nenhum em Moscou parecia interessado nele. Então, em 1931, quando já estava quase desistindo, o

Dínamo de Kiev ofereceu-lhe um contrato, que ele aceitou com entusiasmo.

O sucesso dos dois — Shchegotsky e Makhinya — foi imediato no Dínamo, que começava a se tornar um time forte. A própria cidade também estava recuperando um pouco do seu antigo brilho, e em 1934 suplantou Kharkov como capital da República Socialista Soviética da Ucrânia. Assim como a capital, mudou também a base de comando do futebol. No campeonato ucraniano de 1932, o Dínamo de Kiev bateu o Kharkov por 3**x**1 e levantou o título. Foi um resultado surpreendente, pois o Kharkov era considerado o melhor time da Ucrânia. Como conseqüência da vitória, o Dínamo de Kiev passou a ser o clube da moda, capaz de atrair os melhores jogadores. A mudança na sorte do clube pode ser comprovada pelo fato de que, em 20 de agosto de 1934 — menos de sete anos após a sua fundação —, o Dínamo de Kiev contribuiu com cinco jogadores para a seleção nacional ucraniana que derrotou a Turquia por 4**x**3. Com o goleiro Anton Idzkovsky, Fyodor Tyutchev e Victor Shylovsky completavam a defesa, enquanto Shchegotsky e Makhinya formavam no ataque.

Novos talentos continuavam a chegar, incluindo o homem que talvez tenha sido o jogador mais influente do clube na década seguinte. Nikolai Trusevich começou a jogar futebol aos 13 anos. Ao contrário de Shchegotsky, que começou ainda muito pequeno, Trusevich só chegou ao futebol mais velho, por causa da situação de sua família. Nikolai — Kolya para os amigos — nasceu em Odessa em 1908 em uma família muito grande. Seu pai teve dificuldade em encontrar trabalho e Nikolai abandonou a escola quando tinha apenas nove anos para fazer o que conseguia e assim ajudar a alimentar os irmãos. Não havia tempo para futebol ou outros esportes porque levar comida para casa era a sua principal preocupação. E, de fato, ele punha literalmente o pão na mesa, pois logo conseguiu trabalho como aprendiz numa padaria e acabou se tornando mestre padeiro. Foram seus amigos na padaria que o fizeram se interessar por futebol. Nikolai era alto e flexível, e eles perceberam que tinha jeito para se tornar um excelente goleiro. Mas, embora se mostrasse uma promessa, a pressão do trabalho, as horas de pouco convívio social passadas na padaria pela necessidade de sustentar a família, além de completar os estudos nos momentos de folga, indicavam que o futebol não estava entre as prioridades de Trusevich. Mesmo assim, ele gostava do esporte e jogava sempre que podia. Finalmente, foi escolhido para jogar regularmente num time de Odessa chamado Pischevik, que era formado pelos operários da indústria alimentícia local. O talento de Trusevich era tanto que ele rapidamente se transferiu para um time mais importante, assinando contrato com o Dínamo de Odessa em 1929. Ali jogou durante sete temporadas, e seu estilo pouco convencional fez dele o ídolo do

público. Trusevich era naturalmente brincalhão e transmitia uma alegre exuberância. O Odessa atraía enorme multidão quando jogava, e uma das razões era Trusevich e suas excentricidades.

Durante a primeira metade da década de 1930, o goleiro do Dínamo de Kiev foi Anton Idzkovsky, que se tornou famoso com todo mérito e ficou amigo de Nikolai. Foi assim que Idzkovsky descreveu o estilo do colega:

> Seu estilo era fora do comum. Naqueles dias, um goleiro era considerado de categoria quando conseguia agarrar a bola com as mãos, como um gato. O jogador demonstrava ter classe quando mergulhava com flexibilidade para apanhar uma bola baixa, ou dava saltos elegantes para pegá-la no alto. Mas Kolya tinha um estilo completamente diferente. Corria para bem longe da meta e, ao invés de agarrar a bola, ele a chutava. O público achava que isso era fora do comum, muitos achavam engraçado, mas Trusevich não parecia se importar.

Como goleiro, estava bem à frente do seu tempo. Numa época em que o goleiro era visto apenas como o último recurso da defesa e raramente se afastava da linha de fundo, Trusevich acrescentou uma dimensão nova a seu jogo dando ao seu time mais opções de ataque. Sua disposição para competir fora da sua linha na pequena área muitas vezes o colocou no papel de um zagueiro extra. Embora ele gostasse de jogar no Odessa, o clube não era importante e todas as vitórias que alcançava se deviam à segurança da habilidade de Trusevich na defesa. Quem o observasse — o que incluía Idzkovsky — compreendia que ele era grande demais para o clube. Insistiam para que partisse, e seu destino óbvio seria Kiev. Trusevich foi contratado pelo Dínamo em 1935.

Outro jogador habilidoso da defesa, Alexei Klimenko, entrou para a equipe na mesma época. Klimenko era uma espécie de celebridade local quando chegou a Kiev, porque era o mais novo de três irmãos de uma família de artistas de circo muito conhecida. Sua carreira no futebol teve início na pouco prometedora localidade de Donbas, região de minas de carvão no sudeste da Ucrânia. Os Klimenko estavam fazendo uma turnê e um dos irmãos convenceu o time local, Stakhanovits, a fazer um teste com o jovem Alexei, depois de apregoar a sua habilidade no jogo. Alexei, um rapaz simples, impressionou o treinador, e passou a jogar regularmente na equipe. Não se passou muito tempo e sua performance chamou atenção do time de sua cidade natal. Alexei Klimenko era chamado por todos pelo diminutivo de seu nome, Sacha, por causa da idade — ainda não chegara aos 20 anos — e de sua aparência juvenil. Entretanto, era um jogador hábil e empenhado da defesa, que deu ao time os alicerces para as suas maiores vitórias.

Em 1935, o Dínamo de Kiev entrava numa fase da qual emergiria como um dos maiores clubes de futebol do mundo. Já era então o melhor da Ucrânia, com

seu sucesso firmemente ancorado nos craques da equipe, e não por um simples acaso. Sua superioridade na Ucrânia se estabeleceu no verão daquele ano quando, num gesto de solidariedade internacional, as associações de trabalhadores da Bélgica e da França convidaram a seleção da Ucrânia para enfrentar um selecionado de times locais. A equipe ucraniana incluía nada menos do que sete membros do Dínamo de Kiev e um oitavo foi logo juntar-se a eles.

Anton Idzkovsky era o goleiro titular tanto do Dínamo de Kiev quanto da seleção ucraniana, mas depois de escalado adoeceu e não pôde viajar. Seu amigo e reserva no Kiev, Nikolai Trusevich, foi convocado para seu lugar. A principal disputa seria um amistoso contra o Olímpico Estrela Vermelha, outra equipe comunista, em Paris. Foi um encontro de grande importância para o Dínamo, uma vez que o Estrela Vermelha era um time profissional e pela primeira vez na história do futebol soviético os “amadores” jogariam contra profissionais. Os comentários que apareceram na imprensa antes do jogo não parecem diferentes dos de hoje, mais de 60 anos decorridos. Os dirigentes e o técnico da equipe francesa fizeram aquele tipo de pressão psicológica que é tão comum antes de uma competição européia. Garantiram que seus jogadores iriam dar o melhor de si, mas admitiram que a equipe de Kiev era muito boa e que os franceses se contentariam com o empate. O treinador do Estrela Vermelha, contudo, foi um pouco mais ousado, e disse que seu time venceria facilmente os ucranianos, mas procuraria não humilhá-los com muitos gols.

Sem dúvida, no começo, a importância do evento pareceu impressionar os jogadores visitantes. Quando eles entraram em campo antes do jogo, duas coisas os surpreenderam: a quantidade de espectadores e o fato de que havia uma cerca separando torcida e jogadores. Posteriormente, Trusevich recordou que, ao examinar a linha do Estrela Vermelha antes do pontapé inicial, não pôde deixar de perceber o ar de menosprezo com que os adversários encararam os ucranianos. Contudo, ele não teve muita chance para ficar pensando nisto depois que a partida começou. O time de Kiev parecia paralisado pela importância do evento e o Estrela Vermelha atacou à vontade. A baliza de Trusevich ficou sob constante bombardeio nos primeiros 20 minutos do jogo. O goleiro se atirava para apanhar a bola, saltava, chutava, se lançava aos pés dos atacantes, e com todo esse esforço conseguiu fechar a sua meta. Lentamente, seus companheiros passaram a ter maior participação no jogo. Inspirados pelo heroísmo de Trusevich, organizaram-se e armaram jogadas. Assim que se sentiram mais ambientados ao estádio e às táticas do Estrela Vermelha, sua confiança aumentou e eles passaram ao ataque. Os franceses ficaram atordoados quando Nikolai Makhinya abriu o placar com um gol de cabeça. Quando eles estavam

começando a se recuperar do gol, Makhinya investiu novamente, dessa vez com um chute a distância que deixou os franceses sem ação. A essa altura, os ucranianos estavam voando em campo. Shchegotsky exibia seu giro característico, estraçalhando a zaga francesa, e ainda no primeiro tempo fez um gol, assim como Victor Shylovsky.

Quando chegou o intervalo, os atletas do Estrela Vermelha, que haviam prometido não ser duros demais com os visitantes, perdiam por 4**x**0, e não deram sinal de cumprir a promessa de "ganhar fácil". Eles jogaram tudo contra a Ucrânia, mas Trusevich foi soberbo em suas defesas e seu desempenho inspirou seus companheiros. No segundo tempo, foram os ucranianos que dominaram o jogo sem dificuldade e transformaram a partida numa grande exibição. Shylovsky foi sem comparação o melhor em campo, e fez mais dois gols com a sua jogada de chapéu característica. Trusevich também foi marcante na baliza, mas não era invencível, e o Estrela Vermelha, que era sem dúvida uma grande equipe, conseguiu fazer seu gol de honra. A partida terminou em 6**x**1.

Depois de derrotar o melhor que a França tinha para lhes oferecer, o resto da viagem foi pouco mais que uma formalidade para os ucranianos. Eles disputaram uma série de partidas com times da França e da Bélgica, sempre com vitórias. Na volta para casa, os jogadores tinham contabilizado 88 gols e tomado apenas três. A importância da equipe de Kiev nessa vitoriosa campanha pode ser avaliada pelo fato de que três dos seus atletas — Shchegotsky, Shylovsky e Fomin — foram imediatamente chamados para a seleção da URSS.

O futebol estava então bem estabelecido como um esporte nacional na União Soviética e o primeiro campeonato nacional de clubes foi disputado em 1936. Houve dois campeonatos naquele ano, um no verão e outro no final do outono. Sete clubes participaram, cada qual representando uma das repúblicas soviéticas, e não havia dúvida de que o Dínamo de Kiev representaria a Ucrânia. O Dínamo começou aquela primeira campanha da liga nacional cotado entre os possíveis vencedores. A primeira partida foi em casa, em 24 de maio de 1936, contra o Spartak de Moscou, apontado como um dos favoritos. Todos esperavam um jogo duro mas, para surpresa geral, o Kiev foi derrotado em casa por 5**x**1. Seu único gol, o primeiro do campeonato, foi marcado por Nikolai Makhinya. Jogadores e torcedores ficaram perplexos, mas os jogadores, talvez culpados por acreditar na publicidade prévia, superaram a decepção e se empenharam mais. Eles se concentraram em jogar futebol em vez de se exibir, treinaram passes com criatividade e, como resultado, venceram os quatro jogos seguintes sem esforço, ficando com o segundo lugar na liga. Assim, no final da temporada, o Dínamo de Kiev deveria enfrentar seu velho adversário, o Dínamo de Moscou, time que

os havia humilhado em uma de suas primeiras competições, quase uma década antes. Desta vez havia um incentivo extra: quem ganhasse seria o primeiro campeão da União Soviética.

A foto tirada antes do início daquele jogo tornou-se uma das mais famosas da história do clube. Mostra a equipe de Kiev formada no estádio de Moscou, com suas camisas azul-claras e calções brancos. A julgar pelo que pode ser visto ao fundo da foto, havia uma multidão enorme no estádio. Os jogadores estão de pé, ombro a ombro, na linha do meio, com uma expressão de homens que confiam em si próprios e em seus companheiros para cumprir o que se espera deles. A figura esbelta de Konstantin Shchegotsky, parecendo ansioso, está numa das extremidades e a seu lado o alto Trusevich, o esteio firme da equipe. O goleiro sempre parecia calmo, ele apreciava essas ocasiões solenes. Seu cunhado, Livshitz, está perto dele, junto ao veterano Tyutchev, seguidos de Shylovsky e o talentoso porém instável atacante Komarov. Mais adiante na fila, Nikolai Makhinya encara o fotógrafo oficial com ar de quem quer acabar logo com aquela formalidade aborrecida e ir direto ao assunto do dia. O corpulento atacante Ivan Kuzmenko está entre Makhinya e de Alexei Pravoverov. Kuzmenko, cujo chute era tão poderoso quanto preciso, exibe um meio-sorriso, provavelmente pensando no jogo que tinha pela frente. Mais para o final da fileira, o jovem zagueiro Klimenko parece preocupado e, por fim, o ponta Makar Goncharenko, com seu peito largo, sutilmente antevendo a disputa que se seguiria. Naquele dia, eles jogaram uma das melhores partidas de futebol até então disputadas na União Soviética. Os antigos rivais se igualaram em todas as áreas do campo e no final do duro combate o Dínamo de Moscou venceu por apenas um gol. Os moscovitas sagraram-se campeões e levaram a medalha de ouro, depois de ter ganho todas as seis partidas. O Dínamo de Kiev recebeu uma honrosa medalha de prata e o Spartak, único time a derrotá-lo em um jogo, ficou em terceiro lugar.

Outra performance notável do time de Kiev naquele ano aconteceu quando enfrentou a equipe nacional da Turquia que estava em turnê pela URSS. O jogo foi em 18 de setembro, sob forte temporal, e Kiev superou de longe os turcos. O Dínamo sabia que esse resultado era garantido, portanto procurou fazer do jogo um espetáculo. Trusevich ficou no gol apenas no primeiro tempo e Idzkovsky, que pouco tinha jogado depois da turnê francesa, ocupou sua posição no segundo tempo, para deleite do público. No final, pouco importava quem estivesse no gol, uma vez que Kiev dominou o tempo todo, batendo os turcos por 9**x**1. O jogo provavelmente é mais lembrado pelo que aconteceu em seguida. Trusevich era um homem de maneiras impecáveis e receou que os ucranianos tivessem sido

pouco hospitaleiros ao surrar os hóspedes por 9**x**1, e então organizou um banquete de surpresa para alegrar os visitantes. As duas equipes compareceram, a atmosfera foi cordial e o próprio Trusevich se encarregou de providenciar diversão.

"Ele era muito flexível e forte", contou mais tarde seu amigo e rival Idzkovsky, "e resolveu interpretar um número chamado 'A dança do goleiro', que executou com ar muito compenetrado." Esse número cômico do goleiro teve início com um convite aos músicos para atacarem um *pot-pourri* de tangos ou de jazz. Então Trusevich começou a dobrar-se e a balançar-se como se estivesse diante de uma área de gol imaginária, a esticar-se e saltar para agarrar a bola no canto superior direito, depois voando para pegá-la à esquerda. E sempre no ritmo de *staccato* da música. A *pièce de resistance* chegou quando a música parou e Trusevich se congelou no centro da sala. De repente, ele caiu duro para a frente. Os espectadores gritaram surpresos, mas no último instante, antes de tocar o chão, ele esticou os braços e, num salto, voltou a ficar de pé. A platéia delirou. O mau tempo e a derrota humilhante foram esquecidos, enquanto todos pediam bis. Trusevich viu-se obrigado a repetir várias vezes a proeza. E a cada vez se punha de pé, ajeitava o paletó, ajustava a gravata, espanava a poeira e se encaminhava para a cadeira, esperando o inevitável pedido de reprise.

Trusevich era impecável, exigente e bem-sucedido em tudo o que fazia mas estava disposto a perder a dignidade para deixar aos visitantes uma recordação feliz de seu time e de sua cidade. Isto era típico dele. Como goleiro, estava sempre se colocando em situações de risco, o que fazia sem reclamar. Naquela época, os goleiros não tinham a proteção que os juízes de hoje lhes garantem, e Trusevich teve uma cota de contusões maior do que seria admissível. Mas não há menções de que tenha se queixado disso ou revidado. Porém, se alguém pisava no seu pé num baile e maculava seus sapatos engraxados, ele virava uma fera. Sua reação era motivo constante de divertimento para seus companheiros que não se cansavam de fazer essas brincadeiras com ele. Mas, como no campo de futebol, Trusevich nunca reclamava. Ele disfarçava e ficava maquinando algum modo de devolver a brincadeira.

Idzkovsky o descreveu como absolutamente destemido, e recorda que ele com freqüência se atirava aos pés dos adversários para confundi-los, sem se preocupar com a sua própria segurança. Da mesma forma, ao contrário de outros goleiros que preferiam a segurança da linha do gol, ele se lançava no meio de um amontoado de jogadores para alcançar a bola.

"Ele não era inexpugnável", disse Idzkovsky, "mas o aspecto mais forte de seu caráter só foi percebido nos dias sombrios da guerra."

Depois do sucesso inicial no primeiro campeonato da URSS, o Dínamo de Kiev terminou em terceiro lugar no campeonato do outono de 1936. Nos anos seguintes, com o aumento do número de clubes de futebol, tornou-se pouco prático manter dois torneios por ano e a liga decidiu que só haveria um campeonato, começando na primavera e terminando no outono. O Dínamo chegou em quinto lugar em 1937 e em quarto em 1938. Nesse campeonato, mesmo não ficando entre os três primeiros, o Dínamo de Kiev marcou um novo recorde de 76 gols na temporada. E o esforço da equipe foi recompensado quando sete de seus jogadores — Nikolai Trusevich, Nikolai Makhinya, Nikolai Treber, Josef Livshitz, Ivan Kuzmenko, Victor Shilovsky e Petr Laiko — foram incluídos na lista dos 55 melhores jogadores da União Soviética.

Quando o campeonato de 1939 começou, o resto da Europa estava se preparando para a guerra. Na Ucrânia, havia apenas a expectativa confiante em outra temporada de futebol no verão. Depois do recorde de gols no ano anterior, os torcedores do Kiev deviam estar se sentindo seguros de que seu time iria melhorar, e possivelmente vencer o campeonato. Mas ele teve um desempenho fraco, terminando fora da classificação na liga. O campeão foi o Spartak de Moscou. O mesmo aconteceu em 1940, quando os ucranianos foram desclassificados, e o domínio dos moscovitas se manteve com a vitória do Dínamo de Moscou. Não houve chances para que a equipe de Kiev melhorasse sua posição em 1941. O campeonato foi suspenso depois de apenas quatro jogos. A *Blitzkrieg* de Hitler tinha se lançado sobre a Europa, e agora ele estava se voltando para o leste.



Capítulo Três

22 de junho de 1941

O estrondo que os convidados farristas pensaram equivocadamente ser um trovão, ouvido quando voltavam para casa de madrugada depois da festa do casamento, eram bombardeios alemães desferidos contra a Ucrânia, no início da operação Barba-Roxa, a invasão da União Soviética. Tais cenas se repetiriam por toda a extensão da fronteira ocidental soviética naquela manhã de verão, enquanto o exército alemão, com mais de 3 milhões de soldados, iniciava seu ataque.

Em 1941, a despeito das evidências em contrário procedentes de todas as partes da Europa, Stálin ainda mantinha a confiança no pacto de não-agressão com a Alemanha. Em 23 de agosto de 1939, ele e seu ministro do exterior, Vyacheslav Molotov, encontraram-se pessoalmente com Joachim von Ribbentrop, ministro do exterior de Hitler, para assinar o documento que instituía uma aliança entre dois inimigos ideológicos. A sinceridade de ambos os lados pode ser avaliada pelo fato de que as suásticas e as bandeiras nazistas que decoravam a cerimônia de assinatura foram trazidas dos estúdios soviéticos onde, apenas alguns meses antes, haviam sido usadas em filmes de propaganda contra Hitler. De fato, em 1938, para exaltar o orgulho nacional e incitar o ódio ao nazismo, Stálin encomendara ao célebre diretor cinematográfico russo Sergei Eisenstein um filme sobre a vida de Alexandre Nevsky. Stálin interferira no roteiro, fazendo com que algumas partes fossem reescritas para mostrar que a batalha de Nevsky no século XIII contra os Cavaleiros Teutônicos tinha claras semelhanças com a situação moderna. Evidentemente, o filme foi retirado de cartaz após a assinatura do pacto.

Naquela ocasião, a assinatura do pacto tinha motivos práticos e vantajosos para ambos os lados. Para Hitler, afastava a perspectiva de um conflito no leste e lhe dava tempo para tratar do resto da Europa antes de voltar sua atenção para o

que sabia que seria um conflito ideológico inevitável com o bolchevismo. Para Stálin, a assinatura do pacto foi uma tentativa de acertar contas e reclamar antigos territórios. O pacto de não-agressão permitiu a Hitler invadir a Polônia sem medo de retaliação por parte da Rússia. Os alemães invadiram a Polônia uma semana após a assinatura, e Stálin, ao mesmo tempo, ordenou que o exército soviético ocupasse e recuperasse a província polonesa da Galícia. Os infelizes poloneses ficaram assim entre a suástica, de um lado, quando a *Blitzkrieg* germânica espalhou-se pelo lado oeste, e o terror da temida NKVD de Stálin — precursora da KGB —, pelo lado leste. A demarcação das linhas havia sido combinada com antecedência, e os poloneses foram a carne de um sangrento sanduíche.

O pacto de não-agressão era apenas uma elaborada tapeação. Três anos antes, Adolf Hitler havia mantido uma série de encontros sigilosos com alguns dos seus auxiliares e conselheiros em que mais confiava. Naquele verão de 1936, ele passou muito tempo em Berchtesgaden, seu refúgio nos Alpes da Bavária. Sua mente ocupava-se com a guerra, enquanto arquitetava, noite e dia, o futuro do seu Reich de Mil Anos. Em particular, ele chegara à conclusão de que a guerra entre a Alemanha e a União Soviética era não apenas necessária, como também aconselhável. O bolchevismo tinha de ser esmagado, e a Alemanha devia possuir poder e vontade para fazê-lo. A vitória dos russos — ele acreditava — era inimaginável e mergulharia a Europa numa catástrofe que poderia levar todo o continente a uma volta à Idade das Trevas. Tudo o mais, a partir de agosto de 1936, quando esboçou seu memorando secreto sobre seus planos para o futuro, passou a girar em torno de um conflito militar com a União Soviética. De acordo com Hitler, a construção do poderio militar germânico não deveria ser nem muito rápida nem demorar demais. O chefe da força aérea, Hermann Goering, recebeu a incumbência de coordenar o Plano de Quatro Anos, cujo propósito era preparar a máquina militar e a economia alemãs para uma guerra dentro de quatro anos. Mas ambas ficaram em condições antes da data prevista.

Hitler tinha outros motivos mesquinhos para esmagar a União Soviética. Ele acreditava que a Rússia poderia ser para a Alemanha o que a Índia fora para a Grã-Bretanha. Sua doutrina da *Lebensraum*, ou espaço vital, clamava que a raça ariana precisava de espaço para crescer. Hitler tinha visões de uma rápida conquista da União Soviética, o que lhe permitiria explorá-la para extrair os recursos naturais necessários ao prosseguimento da guerra em outras partes do mundo. Seu Império Oriental seria um abrigo para sua nova classe dominante, que estava seduzida pela idéia de mansões à beira do mar Negro e de uma vida fácil e de abundância, com uma população local vencida no papel de subclasse

servil. As negociações com Stálin foram pouco mais do que uma charada. Hitler não tinha intenção de obedecer permanentemente a qualquer tipo de pacto de não-agressão, mas servia a seus propósitos que Stálin pensasse que obedeceria. Hitler chegou até mesmo a assinar com a Itália e o Japão o Pacto Tripartite que, em 1940, dividia efetivamente o mundo entre as três nações. Usou então esse pacto como isca para atrair Stálin convidando-o a unir-se ao acordo poucas semanas depois. Mas, enquanto von Ribbentrop se deslocava entre Berlim e Moscou, os planos de Hitler prosseguiram sem interrupção ou hesitação, e a operação Barba-Roxa tomou forma, inexoravelmente, em segredo. Em maio de 1941, havia nove exércitos germânicos, totalizando 150 divisões estacionadas em torno das fronteiras soviéticas. Houve quase 200 incursões no espaço aéreo soviético, quando a Luftwaffe fazia missões de reconhecimento dos alvos a serem escolhidos.

Superficialmente, Stálin pode ter ficado satisfeito com o que conseguira obter graças ao pacto de não-agressão. Ele ganhara vastas porções de território praticamente sem disparar um tiro; além disso, alcançara — ou pensava ter alcançado — uma conciliação com um inimigo potencial. Na realidade, ambos os lados tinham ganhado algum tempo. Outrossim, em 1939, nem a Alemanha e nem a União Soviética estavam preparadas para guerrear entre si. A conquista da Europa Ocidental por Hitler foi travada nos campos de batalha da França, Checoslováquia, Polônia, Escandinávia e dos Países Baixos. Todas caíram sob a *Blitzkrieg* nazista. Mas o comunismo, ou mais especificamente o bolchevismo, permaneceu como um anátema. Porque Hitler o via como um complô semítico. Muitas pessoas perceberam a guerra no leste como inevitável, mas Stálin, aparentemente, não era uma delas. Por mais suspeitas que pudesse ter alimentado, Stálin honrou os termos do pacto assinado por Molotov e von Ribbentrop, que estabelecia que a Rússia supriria a Alemanha com matérias-primas essenciais. Seus conselheiros disseram-lhe que Hitler invadiria o país. Richard Sorge, espião comunista alemão baseado em Tóquio e um dos agentes da União Soviética de inteligência mais brilhante, avisou-o que Hitler ordenaria a invasão. Mais que isso: disse-lhe onde e quando, embora tenha dado a data como 20 de junho de 1941. Até mesmo os britânicos informaram a Stálin que a invasão viria. Ele não deu ouvidos a ninguém. Em 21 de junho, as unidades alemãs concentradas receberam o código “Dortmund”, informando que o ataque seria desfechado nas primeiras horas do dia seguinte. Um soldado da Wehrmacht simpatizante do comunismo desertou e atravessou as linhas soviéticas com a notícia. O infeliz foi fuzilado, por ordem de Stálin.

Às três horas da madrugada de 22 de junho de 1941, os canhões alemães

dispararam contra as posições soviéticas desprevenidas. A operação Barba-Roxa — nome em código dado ao plano de Hitler para conquistar e subjugar a União Soviética — havia começado. Três horas depois, os moscovitas despertavam para um domingo normal. O rádio tocava música para ginástica e não havia qualquer menção à invasão. De fato, a invasão só foi mencionada no noticiário da hora do almoço, nove horas depois que a fuzilaria havia começado, quando os soldados alemães já estavam em território soviético e empenhavam-se em penetrar mais e mais no território russo. De saída, os alemães não encontraram, literalmente, qualquer resistência. Mensagens recebidas de Moscou informavam à artilharia soviética que Stálin a proibia de revidar o ataque das baterias alemãs. Milhares de soldados soviéticos mal-equipados e malconduzidos morreram onde estavam; a força aérea russa foi bombardeada impiedosamente, sem sequer ter saído do solo — um piloto alemão descreveu isso como um "infanticídio" — e sem suspeitarem de nada, cidadãos soviéticos, que haviam confiado em Stálin, nisso como em tudo o mais, pereceram sem ter compreendido que ele estava tão fatal e espetacularmente errado. A resposta de Stálin foi ir para a sua *dacha* no campo durante dois dias, onde teve uma ligeira indisposição, enquanto a *Blitzkrieg* desabava sobre seu país.

Konstantin Shchegotsky não podia acreditar no que ouvira quando recebeu o telefonema dizendo-lhe que a guerra havia começado. Aquele deveria ser um dia especial para o Dínamo de Kiev, pois a equipe iria inaugurar o novo Estádio Esportivo da República naquela tarde. Era ali que os convidados da festa de casamento tinham combinado de se encontrar. Deveria ser uma enorme comemoração, com competições de ginástica, boxe e um jogo de futebol entre Kiev e CDKA, a equipe do exército, predestinada a desaparecer no conflito que se seguiria. Shchegotsky custava a crer. Eles tinham estado no campo na véspera, batido bola pelo gramado e comentado sobre as boas condições em que se encontrava. Os jogadores ficaram impressionados com o estádio e o campo. Aguardavam a partida ansiosamente. Butusov, o treinador, até já havia escalado o time na véspera — Shchegotsky, Makhinya e, naturalmente, Trusevich no gol.

Em conformidade com sua aparência tranqüila e suas maneiras impecáveis, Trusevich não era um jogador que ficasse nervoso antes de uma partida, mesmo sendo uma grande partida. O jogo contra o CDKA, time que mais tarde se tornaria conhecido como CSKA, não era um grande jogo. Não havia nada em disputa, nenhum campeonato a ser decidido, nenhum troféu. Mas era um acontecimento. Uma multidão estaria presente e Trusevich estava confiante de que não decepcionaria seus parceiros. Mesmo assim, teve dificuldade para dormir naquela noite. Ele também foi despertado pelo estranho som que julgou

ser uma trovoada distante. Desistiu de tentar dormir novamente e acabou levantando-se por volta das quatro da manhã. Sentou-se quieto na sala de estar do pequeno apartamento, enquanto sua esposa, Lyolya, e a filhinha, Svetlana, dormiam no quarto ao lado. Chegou à janela e viu que o céu estava azul e limpo, tomando um leve tom rosado à medida que o novo dia chegava. Não havia qualquer sinal da tempestade que ele imaginava que o tinha despertado. Trusevich decidiu vestir-se e sair para tomar ar. Desceu os dois lances de escada para chegar à rua Kreschatinski e encontrou o porteiro lavando a calçada com a mangueira, enquanto lançava olhares preocupados para o céu, de tempos em tempos.

"Estão dizendo que começou uma guerra", disse o porteiro.

"Quem disse?", perguntou Trusevich.

"Alguém do apartamento 6 recebeu uma visita, um soldado que lhe pediu para ir ao posto de recrutamento", respondeu o porteiro, ainda olhando inquieto para o céu que clareava.

Trusevich tornou a subir as escadas rapidamente. Acordou a esposa e contou-lhe o que ouvira do porteiro. Depois de pedir-lhe que não saísse de casa, foi encontrar os colegas do time. Konstantin Shchegotsky chegara à mesma conclusão depois do telefonema que recebera pela madrugada. Ele tinha direito a um apartamento, mas preferira cedê-lo a um companheiro casado, porque achava um desperdício um homem solteiro ocupar uma moradia que poderia ter melhor uso. Shchegotsky estava morando num hotel e, depois que ouviu as explosões distantes, também decidiu procurar os colegas. Vestiu-se rapidamente, desceu as escadas e dirigiu-se ao Hotel Continental, a alguns quarteirões dali. Era no Continental que Mikhail Pavlovich Butusov morava permanentemente com sua família. Como esperava, encontrou o treinador no saguão. Os dois trocaram algumas palavras, mas nenhum tinha mais informações do que o outro. Resolveram então ir diretamente para o Estádio Dínamo. Embora as notícias sobre a guerra estivessem se espalhando, surpreendentemente, nas ruas não havia sinais de pânico. Ninguém sabia ainda o que a guerra acarretaria e quando os alcançaria. As pessoas se reuniam em pequenos grupos tentando compreender o que estava acontecendo. Preocupadas, aglomeravam-se nos parques e nos pátios dos prédios, mas ninguém apresentava uma explicação ou uma confirmação dos fatos. Finalmente, as baterias antiaéreas começaram a disparar, mas dispararam alto demais para ter qualquer efeito sobre os aviões alemães. Vadim Sinyavsky, um jornalista da Rádio de Moscou que estava em Kiev para comentar o jogo de futebol, viu-se, em vez disso, na sacada de uma janela do Continental, registrando os primeiros relatos de testemunhas do início da guerra, quando as

bombas alemãs caíam sobre os subúrbios da cidade. Kiev, Odessa e Lvov foram bombardeadas no primeiro dia da operação Barba-Roxa.

Praticamente todos os jogadores do Dínamo se dirigiram para seu estádio. Quando Trusevich chegou lá, quase todos haviam chegado, inclusive Butusov. Eles também não sabiam o que fazer. Como em todos os cantos de Kiev, a atmosfera ali era de incredulidade: eles simplesmente não podiam acreditar que uma guerra tinha começado, e nem por quê. Os jogadores estavam prontos para jogar, mas depois que ouviram Molotov finalmente anunciar pelo rádio que a guerra havia sido declarada, admitiram que não haveria jogo naquela tarde. Ficaram no campo até as três — o jogo estava marcado para as cinco da tarde —, e então, percebendo que não havia nada a fazer, voltaram para as suas casas e suas famílias.

Quando a operação Barba-Roxa foi lançada Hitler acreditava piamente que os bolcheviques seriam derrotados e que a União Soviética estaria vencida quando o Natal chegasse. Certamente, nas primeiras semanas de campanha ele nada viu ou ouviu que o levasse a desconfiar de que os cálculos de seus generais e conselheiros não estavam absolutamente corretos. Um grupo de 3 milhões de homens atacou ao longo de uma frente de 1.800 quilômetros de extensão, a mais longa da história. O Grupamento Norte do exército, sob as ordens do marechal-de-campo von Leeb, dirigiu-se para Leningrado e para os Estados Bálticos; o marechal-de-campo von Bock e seu Grupamento Central do exército atacaram Minsk e Smolensk, tendo como meta final a própria capital, Moscou; e o Grupamento Sul do exército, comandado pelo marechal-de-campo von Runstedt, investiu contra a Ucrânia. Em meados de julho, Bialystok, Minsk e Smolensk tinham sido capturadas. Minsk caiu no nono dia da campanha, Smolensk duas semanas depois. Em menos de um mês, Barba-Roxa já fizera 1 milhão de prisioneiros e os alemães estavam a apenas 320 quilômetros de Moscou. A estepe suavemente ondulada, que durante séculos se mostrara tão hospitaleira e livre para os eventuais conquistadores, revelou-se ainda mais acessível para o avanço das divisões Panzer. Os soldados alemães brincavam dizendo que o único problema sério que encontraram foram as asfixiantes nuvens de poeira levantadas por seus tanques, na vanguarda da invasão. No auge do verão, sem um sopro de vento, essas ondas de poeira pairavam do céu como que marcando o espantoso progresso das tropas alemães. Mas exatamente quando a União Soviética parecia em suas mãos, Hitler, em lugar de pressionar Moscou, decidiu rumar para os trigais da Ucrânia e para os campos petrolíferos do mar Negro. Embora na época essa decisão tenha sido avaliada como estranha, mais tarde os acontecimentos em Stalingrado comprovaram que Hitler talvez estivesse agindo

com acerto, ao não arriscar a perspectiva de seus exércitos ficarem atolados em Moscou. Mesmo assim, essa guinada antecipada para o sul, em direção à Ucrânia — e a Kiev — não foi considerada pelos alemães como uma manobra que pudesse retardar seu avanço de modo significativo.



Capítulo Quatro

Quando ficou evidente que o exército alemão começara a cruzar as fronteiras russas, os ucranianos, inflamados de orgulho por sua terra natal, acorreram para os centros de alistamento. A reação de Nikolai Trusevich foi típica da população de Kiev. Ele se apresentou ao exército como voluntário em 23 de junho, no dia seguinte ao que Hitler lançou a invasão. No centro de recrutamento, preparado para cumprir seu dever patriótico, Trusevich recebeu a informação que já fora dada a muitos outros voluntários: o Exército Vermelho estava em condições de controlar os invasores e expulsá-los da mãe-pátria.

A obstinação do oficial do recrutamento refletia-se no resto da cidade. Embora a União Soviética estivesse em guerra, os cidadãos de Kiev aparentemente não haviam sido afetados, exceto pela incursão aérea inicial, e a rotina da cidade praticamente não se alterara. Nos poucos dias que se seguiram o povo de Kiev cuidou normalmente de seus negócios. Ninguém cancelou projetos de viagem, as pessoas não mudaram seus planos, e havia um ar de frágil bonomia na cidade. Os cinemas ainda estavam cheios, os cafés e restaurantes movimentados e, de acordo com o jornal local, o *Proletarskaya Pravda*, as vendas das lojas de departamentos de Kiev totalizavam entre 400 mil e 500 mil rublos por dia. O salário médio mensal naquela época estava entre 50 e 100 rublos. É difícil conciliar essas estatísticas. Talvez tenha ocorrido uma ânsia de comprar, desencadeada pelo temor subconsciente de que aquela vida tranqüila não ia durar, mas parece mais provável que se tratasse de uma grosseira tentativa da propaganda para desviar a atenção da gravidade da situação. As opiniões derrotistas, entretanto, eram desencorajadas em todas as ocasiões. Todos esperavam que a guerra fosse terminar logo e as manchetes dos jornais estampavam frases estimulantes, como “Vamos aniquilar o inimigo onde quer que ele esteja”.

Nas semanas seguintes, o ânimo da cidade mudou, primeiro de modo lento, depois abruptamente. Os jornais, que eram pouco mais do que porta-vozes do Partido Comunista, começaram a mudar de tom em suas manchetes. Logo eles incitavam à “Eliminação dos espiões e sabotadores” e à “Morte aos disseminadores do pânico”. As palavras de estímulo foram substituídas por ameaças cada vez mais veementes e autoritárias. Os boatos proliferavam. Quando o primeiro contingente de feridos foi levado para Kiev, procedente de um povoado a oeste onde a luta fora renhida, espalhou-se rapidamente pela cidade a ficção de que todos os feridos eram Pioneiros — crianças pequenas —, cujo trem fora bombardeado pelos alemães. Mais uma vez, isso parece ter sido obra da propaganda. Os feridos eram, na maioria, civis e militares vitimados durante o rápido avanço dos alemães, e sua chegada não teria incitado muito os brios da população de Kiev. Também correram rumores de que os membros da administração municipal haviam se desesperado e fugido, o que não era verdade, embora depois eles tenham deixado a cidade e se estabelecido em Ufa, na Sibéria. Nenhuma das histórias que se contavam era bem explicada, mas todas juntas marcavam uma mudança perceptível de tom, enfatizada pelo início de um programa de evacuação em massa dos operários das indústrias essenciais para a relativa segurança dos Urais, a leste, mais longe da frente de batalha. A cada setor industrial foram designadas data e hora de partida e, embora a operação tenha sido bem organizada, um clima de pânico maldisfarçado pairou sobre a estação ferroviária. Os trabalhadores da padaria deviam ser evacuados por um trem especial no dia 6 de julho. Valentina Dubovsky, casada há menos de três semanas, recebeu ordem de partir com suas colegas, mas Alexei devia ficar na cidade, onde seus conhecimentos de engenharia seriam necessários. Para a viagem, ela e as amigas cozinharam uma quantidade de pães que lotou um vagão do trem, e Valentina e Alexei procuraram parecer despreocupados quando se beijaram na despedida. Mas sua separação não foi, como eles gostariam de acreditar, uma separação temporária. Alexei ficaria e seria morto na defesa da cidade. Valentina partiu em segurança mas, depois da guerra, ao saber da morte de Alexei, nunca mais quis voltar a Kiev, e passou o resto de sua vida na distante Tashkent.

Os alemães penetraram mais e mais para leste, para o coração da União Soviética, usando sua estratégia normal de combate. As divisões de tanques forçavam um buraco através das linhas adversárias, em seguida as divisões de infantaria moviam-se formando um imenso círculo à direita e à esquerda dos flancos do inimigo, enquanto os tanques e as divisões blindadas prosseguiam através da clareira aberta. Essas táticas de cerco já haviam funcionado com efeito

devastador através da Rússia e não havia indícios de que falhariam na Ucrânia. Os ucranianos lutaram desesperadamente, mas depois de algum tempo, quando ficou evidente que não conseguiriam repelir o invasor, a opção preferida foi escapar do cerco para poderem se reagrupar e lutar novamente. Muitos habitantes de Kiev conseguiram fugir do cerco em direção às florestas, onde se reuniram em grupos de resistência para fustigar os alemães sempre que conseguiam.

Kiev viu-se em um constante estado de agitação e as autoridades civis começaram a intensificar cada vez mais seu controle. A campanha de evacuação intensificou-se. Os clubes esportivos da União Soviética eram uma parte integrante da comunidade e proporcionavam uma ampla gama de serviços. Não é de espantar que o estádio do Dínamo tenha se tornado um ponto focal para a operação de evacuação. Alguns dos jogadores do Dínamo, como Trusevich, Makhinya e Kuzmenko, acabaram juntando-se aos militares, enquanto outros permaneceram em Kiev. Alguns dos que haviam jogado no Dínamo no passado estavam muito idosos para o serviço militar, outros preferiram ficar e cuidar de suas famílias. Konstantin Shchegotsky, por exemplo, foi dispensado do serviço militar ativo porque o exame médico realizado em junho constatou que ainda estava sofrendo os efeitos de uma contusão dolorosa. Ele ficou no estádio do Dínamo e ajudou a organizar a evacuação, como contou mais tarde em suas memórias.

Foi um período pungente, em que velhos amigos diziam-se adeus, possivelmente pela última vez. A família de Butusov partira, assim como a do goleiro Idzkovsky, e o atacante Komarov também conseguiu tirar da cidade a esposa e a filha. Shchegotsky persuadiu sua própria filha e sua ex-esposa a partirem, e a esposa de Trusevich — irmã de Livshitz — também partiu com a filha para uma relativa segurança em Odessa, na costa do mar Negro. Os que permaneceram na cidade conseguiram, numa corajosa simulação de normalidade, manter em funcionamento as atividades desportivas no estádio, bem como a loja do clube na rua Kreschatik.

No final de agosto de 1941, Kiev estava quase sob o domínio do exército alemão. O 37º Exército Vermelho lutara com denodo mas, por falta de armas e munição, sem esperança de vitória. O exército era constituído de uma mistura de soldados regulares e da milícia civil inexperiente, formada na maioria por homens idosos demais para o serviço militar e garotos, jovens demais. Sua falta de equipamentos era patética: às vezes não havia mais de um rifle para cada cinco homens e escassa munição para cada uma dessas armas compartilhadas. Muitos dos oficiais mais experimentados haviam sido expulsos por Stálin

durante o Terror da década de 1930. O Exército Vermelho não tinha esperanças de resistir por muito tempo ao avanço implacável dos Panzers germânicos. Os alemães tomaram rapidamente as aldeias que cobriam o platô que se estendia ao longo da principal estrada de Moscou para Kiev, na direção norte-oeste. Dali podiam controlar o campo de batalha e mover-se em seu próprio ritmo. Para o exército soviético era imperativo que essa estrada permanecesse aberta. Se os alemães tomassem o controle dessa artéria principal Kiev ficaria isolada pelo cerco alemão e, sem dúvida, cairia. O Exército Vermelho tinha lutado freneticamente para defender a estrada do norte e, depois de perdê-la, eles lutaram ainda mais desesperadamente para recuperá-la. Os soldados alemães, endurecidos pela batalha, ficaram atônitos diante dos esforços que os russos eram capazes de fazer para retomar a estrada, e mais atônitos ainda com as táticas que eles estavam dispostos a empregar. Uma divisão de infantaria do 6º Exército Alemão, o mesmo exército que se perderia em Stalingrado dois anos depois, era responsável pelo platô e teve de enfrentar três dias de contra-ataques dos soviéticos, que incluíam o terror dos ataques noturnos, numa espécie de prévia dos combates inflexíveis que, mais adiante, seriam travados nas ruas.

De posse do controle do platô acima da estrada, os alemães tinham um campo de fogo contínuo, por muitos quilômetros à sua frente. Qualquer tentativa de ataque às posições alemãs equivalia a um suicídio, a menos que fosse conduzida com ousadia e imaginação por tropas extraordinariamente bem-adestradas. O Exército Vermelho dispunha de muitos homens mas era deficiente em todas as demais necessidades e, portanto, sua investida estava predestinada ao fracasso. Os contra-ataques em geral começavam com uma barreira de artilharia, em geral tão malpreparada que pouco dano causava às posições dos alemães. Estes zombavam da falta de eficiência dos atiradores soviéticos, mas a tenacidade e a ferocidade da infantaria russa os aterrorizava. Um experiente soldado alemão, que testemunhou contra-ataques desde os primeiros combates na França, não podia acreditar no que via quando os russos atacavam. De acordo com seu testemunho ocular, os soldados em seus uniformes marrons começaram a avançar como uma onda após outra. Cada fileira ficava a uma distância de 200 metros da fileira seguinte. Os alemães viram, fascinados, quando eles atravessaram um riacho ao pé da colina e marcharam, impassíveis, subindo o talude em direção a eles. Quando a barragem de artilharia começou, o comandante alemão colocou todas as suas metralhadoras e armas automáticas alinhadas, à espera do ataque soviético. E como os russos continuavam sua marcha colina acima, os alemães nada mais tinham a fazer do que apontar as armas e aguardar.

Eles estavam a 600 metros quando o oficial alemão no comando deu ordem para atirar, e a primeira onda de soldados soviéticos simplesmente desapareceu, ceifada como o trigo nos campos que havia percorrido. Apenas um ou dois sobreviveram à fuzilaria por mera sorte mas, ao invés de fugir ou procurar cobertura, eles prosseguiram a marcha, protegendo-se com as armas dos companheiros mortos. Foi essa disposição o que mais chocou os alemães; constatar que aqueles homens com apenas alguns cartuchos de munição continuariam a avançar no meio da carnificina abalou-os profundamente. A segunda onda avançou, 200 metros atrás da primeira fila. A essa altura, eram homens que sabiam muito bem o que estava à sua frente, mas moviam-se por uma feroz determinação de varrer os invasores de sua terra e recuperar seu território. A segunda onda desapareceu tão rápida e absurdamente quanto a primeira, e a terceira também, e depois a quarta. Esta constituiu um alvo ainda mais fácil, porque os soldados mal conseguiam encontrar espaço para caminhar entre os cadáveres de seus companheiros. A artilharia alemã era contínua e implacável. A única interrupção aconteceu quando os canos das metralhadoras ficaram em brasa pelo uso e precisaram ser esfriados. Mas os soldados soviéticos ainda prosseguiam. Numa última investida, eles romperam sua formação e atacaram em massa, mas o poderio de fogo dos alemães era forte demais. Finalmente, eles debandaram e recuaram, sem terem causado perdas significativas nas linhas alemãs. Mesmo diante da carnificina estarrecedora, não houve trégua de parte a parte. Em uma hora, os soviéticos estavam de volta ao ataque, com mais cinco ondas de homens. Quando elas foram repelidas da mesma maneira que as primeiras, os soviéticos esperaram uma hora e lançaram um terceiro ataque, e depois deste um outro ainda.

Os soldados alemães ficaram horrorizados com a devastação que infligiam. Lastimaram seus oponentes pela falta de liderança e, ao mesmo tempo, admiraram sua coragem. Os russos pareciam estar usando táticas incutidas por seus comissários políticos e não por seus oficiais. Eram táticas que datavam da Revolução e que, aparentemente, se orientavam por fórmulas matemáticas, mais do que pela experiência militar. Os comissários — assim afirmavam os alemães — calculavam o número de metralhadoras que seus homens enfrentariam e o multiplicavam pelo número de vezes que elas poderiam disparar por minuto. Então calculavam quanto tempo um certo número de soldados levaria para atravessar determinada área de terreno. Tendo chegado a um número provável de perdas, eles acrescentavam a esse resultado alguns milhares, para garantir que pelo menos alguns conseguiriam passar.

Na colina, os alemães estavam ao mesmo tempo assombrados com a

facilidade de sua vitória e boquiabertos com a determinação dos soldados soviéticos. Nenhum soldado alemão continuaria a avançar por vontade própria, mas os soviéticos continuavam a subir a colina, escorregando no sangue de seus colegas mortos, enquanto milhares de homens eram massacrados à esquerda e à direita. Nenhum deles dava qualquer sinal de estar disposto a virar as costas e fugir. Aqueles homens estavam lutando sem o incentivo das divisões de bloqueio que Stálin empregaria mais tarde em Moscou. Essas divisões, em geral originárias da desprezada NKVD, foram usadas ali pura e simplesmente para reforçar a determinação das tropas soviéticas, atirando em quem recuasse do *front* e fosse em sua direção. Mas no platô acima de Kiev não havia nenhuma divisão de bloqueio. Alguma outra força impelia os soldados soviéticos. Desde a Revolução, uma coisa — e uma coisa mais que todas as outras — repercutia na mente de todos os russos. Tivessem-na aprendido através das amargas lições da Revolução ou como um mantra repetido na escola, todos eles sabiam que a mãe-pátria era tudo o que tinham, e que deviam defendê-la com suas vidas. O 37º Exército Vermelho não tinha escolha senão lutar.

O Exército Vermelho manteve essa sucessão de contra-ataques mortíferos e desastrosos durante três dias antes de finalmente retirar-se, deixando os alemães avançarem sem obstáculos. Mas mesmo enquanto deslocavam-se inexoravelmente em direção a Kiev, os invasores alemães levavam consigo uma nova visão da luta real que teriam pela frente. Hitler e seus generais talvez pudessem encher as ondas de rádio com hipérboles sobre a iminente derrota da União Soviética, mas seus soldados começavam a compreender que a guerra na Rússia não iria se desenrolar de forma tão fácil como se pensava.

A operação Barba-Roxa também pôs à mostra o lado mais brutal da NKVD. Relatos de soldados alemães mencionam a carnificina que descobriram quando a NKVD recuou à frente deles, junto com os remanescentes do Exército Vermelho e das milícias civis. Em alguns casos, a NKVD retirou seus prisioneiros para áreas relativamente seguras, mais para o leste. Mas em outros casos, quando os prisioneiros eram muitos, ou simplesmente porque estava com vontade, a NKVD os assassinava em suas celas. Em Lvov, por exemplo, havia vários milhares de prisioneiros, na maioria nacionalistas ucranianos, em três prisões separadas. Quando os alemães tomaram a cidade, em 29 de junho, não encontraram um único prisioneiro vivo, e sim pilhas de cadáveres. A NKVD simplesmente os tinha metralhado em suas celas e depois fugido antes da chegada dos alemães.

Leon Weliczer, hoje escritor, tinha 16 anos quando Lvov foi atacada. Três dias depois que a cidade caiu nas mãos dos nazistas, ele e seu pai foram levados pela milícia ucraniana que estava determinada a vingar a morte de seus

camaradas nacionalistas. Por três dias, o acontecimento que ficou conhecido como Massacre de Lvov prosseguiu sem interrupção. Os judeus foram perseguidos e espancados até a morte pela milícia ucraniana, que era anti-semita. Eles tiveram que permanecer deitados lado a lado com o rosto voltado para o chão num campo de hóquei até serem chamados, um de cada vez. Os que foram escolhidos passaram a ser caçados em volta do campo pela milícia armada de bastões e espancados até morrer. Weliczer recorda que ficou inconsciente, caído junto a dois homens cujos crânios haviam sido partidos pelos golpes dos tacos. No final do terceiro dia, mais de 2 mil pessoas haviam sido assassinadas.

Quando os alemães se aproximaram de Kiev, os jogadores de futebol ficaram entre os que lutaram desesperadamente para salvar a cidade e proteger suas famílias. Por volta de 1º de setembro, os alemães estavam a apenas alguns quilômetros da cidade e a situação havia se tornado obviamente crítica. À medida que os alemães avançavam e que o Exército Vermelho e as milícias civis faziam o possível para mantê-los afastados, Shchegotsky e seus colegas voltaram-se para deveres mais intensos. Até então, eles tinham ajudado a vestir e a equipar os oficiais da NKVD, que estavam se esforçando para sair da cidade e juntar-se à resistência nas florestas, a fim de continuar a guerrilha contra os invasores. Também cumpriam outra tarefa, como bombeiros voluntários, tentando controlar os prejuízos causados pelas bombas e foguetes nazistas. Com o Exército Vermelho chegando cada vez mais perto do caos, os guerrilheiros passaram a desempenhar um papel mais ativo na defesa da cidade. Eles tinham seu quartel-general ucraniano num cinema cujo nome era, ainda que pareça incrível, Tom Sawyer, e que ficava perto do estádio do Dínamo. O vice-ministro do Interior, Timofei Strokach, era encarregado das operações da resistência, além de ser o chefe do conselho republicano dos times do Dínamo. Strokach percebeu que, com todas as estradas sob controle dos alemães, o rio Dnieper era a única linha possível de abastecimento. Strokach encheu uma barcaça com peças de arte, ícones, jóias e outros objetos valiosos e ordenou que um submarino fora de serviço a rebocasse através do Dnieper, para sudeste, até Dniepropetrovsk, a cerca de 320 quilômetros de distância. Mesmo enquanto organizava tudo isso, Strokach também aproveitou para se assegurar que nenhum dos troféus e mementos do Dínamo cairia nas mãos do inimigo. Ele também tomou providências para que esses objetos fossem retirados da cidade e levados para local seguro.

Essas barcaças do Dnieper representaram igualmente a última esperança para alguns dos jogadores do Dínamo que ainda estavam em Kiev e para suas famílias. O clube sempre alojava num hotel perto do estádio os jogadores de toda

a Ucrânia ocidental quando estavam na cidade para treinar com o Kiev. Strokach ordenou aos jogadores remanescentes que reunissem suas esposas e famílias e partissem nas barcaças. Era óbvio para todos que a cidade não poderia resistir por muito tempo mais. Em suas conversas privadas alguns dos membros mais velhos do Dínamo de Kiev se perguntavam o que seria deles se ficassem em Kiev. Sabiam que em alguns lugares a propaganda dizia que a vida sob Hitler não seria pior do que sob Stálin, mas não estavam totalmente convencidos disso. Os mais antigos, como Idzkovsky e Shchegotsky, reconheciam que o patrocínio do clube pela NKVD que, antes da guerra, fora de modo geral algo desejável, agora seria prejudicial. Quando a cidade caísse, eles seriam vistos pelos novos governantes como inimigos implacáveis, por terem desfrutado da proteção da NKVD. Compreenderam que não haveria espaço para um entendimento com os alemães. Então, Butusov e Shchegotsky procuraram Lev Varnavsky, o chefe da NKVD em Kiev, e pediram a sua ajuda. As famílias dos jogadores já estavam sendo retiradas da cidade, mas eles pediram que os próprios jogadores e os dirigentes do clube também fossem evacuados para sua própria segurança. Varnavsky simplesmente os acusou de covardia e repeliu o pedido. Mais tarde, Varnavsky foi um dos primeiros a serem fuzilados pelos alemães, no mesmo dia em que estes tomaram a cidade.

A despeito da recusa oficial, alguns jogadores conseguiram partir com as famílias, mas a maioria mandou suas esposas e filhos, e permaneceu para defender a cidade. Os jogadores do Dínamo que não estavam regularmente alistados no exército foram postos sob o comando de uma comissão especial de cidadãos que incluía Konstantin Shchegotsky. As barcaças nas quais Strokach colocou as provisões iniciaram a arriscada viagem pelo Dnieper nos primeiros dias de setembro. Os alemães estavam atacando a frota do Dnieper, e as barcaças só conseguiam chegar até Cherkasy, apenas um pouco mais segura que Kiev, e a menos de metade da distância até Dniepropetrovsk. O desenlace para Kiev era questão de alguns dias apenas. O som constante da artilharia e dos canhões parecia cada vez mais próximo a cada momento. Finalmente os alemães entraram nos subúrbios. Guerrilheiros e milicianos travaram uma luta cada vez mais sem esperanças. Eles combatiam rua a rua, casa a casa, metro a metro. Nikolai Makhinya foi um dos que mais se distinguiram ao chefiar um pequeno grupo de soldados que fustigou e atacou os alemães com uma selvageria que mal escondia seu desespero.

Makhinya tinha sido um stalinista apaixonado por toda a vida. Ele foi o líder de um destacamento que lutou por Kiev até o fim. Em meados de setembro, tinha sob suas ordens não mais do que um punhado de homens. Era uma unidade

mista de soldados regulares e milicianos mas, a despeito do número reduzido de combatentes e da falta cada vez mais aguda de equipamento, eles não se rendiam. Continuavam a lutar, num esforço para escapar do círculo que rapidamente se fechava. Makhinya era uma inspiração para todos: seus camaradas lembram-se dele atacando os alemães e gritando palavras de ordem stalinistas. Mas à medida que a luta prosseguiu, ele compreendeu que a batalha estava perdida. Ele e seus homens nunca tinham comida suficiente, munição suficiente, nada o suficiente. Ao inspecionarem os corpos dos alemães que haviam matado viram que esses soldados estavam bem-alimentados, bem-armados e tinham lutado de uma maneira disciplinada. Possuíam até mapas da Ucrânia, algo de que as forças de defesa necessitavam desesperadamente. As baterias soviéticas dispostas ao longo das margens do Dnieper podem ter lançado milhares de foguetes, mas os bombardeiros Junkers alemães voavam baixo demais para que a barragem russa surtisse qualquer efeito. Além disso, os atiradores soviéticos eram maltreinados e mal-equipados. Um Junkers era capaz de abater, em média, cinco oponentes russos. Makhinya e seus comandados restantes lutaram por instinto e desespero. Não havia uma estrutura de comando e os oficiais, quando conseguiam ser encontrados para transmitir suas ordens, freqüentemente se contradiziam. Makhinya passou 20 dias tentando conduzir seus homens para fora do cerco, mas em vão. Ele vivera toda a vida em Kiev. Tinha nascido e crescido em Podol, a parte mais antiga da cidade, um belo aglomerado de igrejas e ruelas. Seu pai fora um barqueiro que lutara no Volga durante a Primeira Guerra Mundial e no Dnieper durante a Guerra Civil. Agora Nikolai não tinha outra escolha senão levar seus homens de volta à sua cidade para defendê-la com suas vidas.

Quando a batalha de Kiev atingiu seu clímax, Stálin ordenou a transmissão de um discurso pelo rádio que motivasse homens e mulheres que estavam nas trincheiras. O heroísmo e a determinação desses valorosos defensores não podem ser subestimados. Mal-liderados e mal-equipados, permaneceram em seus postos e ali morreram; para muitos deles, a última coisa que ouviram foi o som longínquo da voz de Stálin exortando-os a não ceder um centímetro sequer de território. À medida que avançavam, os alemães viveram a grotesca experiência de tomar as posições onde o discurso de Stálin para “levantar o moral” ainda estava sendo transmitido. Quando o destino de Kiev tornou-se óbvio, os comandantes soviéticos suplicaram a Stálin que apresentasse a rendição da cidade, para que os soldados pudessem se retirar e reagrupar-se. Em vez disso, em tom cada vez mais fanático, ele ordenou que repelissem os invasores com tudo o que tivessem à sua disposição. O marechal Sukharev, que

se tornaria um dos maiores comandantes da Segunda Guerra Mundial, disse a Stálin que a cidade não poderia ser salva e foi demitido do seu posto, demissão essa que ele não lamentou aceitar diante das circunstâncias. Os kievanos, que mereciam melhor tratamento do que o recebido de Stálin, reagiram com violenta bravura. Contudo, no fundo do seu coração, não estavam lutando pela pátria soviética, e sim pela Ucrânia. Cada casa de fazenda, cada aldeia, cada encruzilhada era defendida até a morte.

Na própria cidade não havia quem não combatesse. Todos se uniram para defender Kiev dos invasores. Quando os alemães se aproximaram e invadiram os subúrbios, o que antes era uma guerra de longo alcance, de tanques e artilharia, tornou-se um sangrento conflito a pequena distância, com granadas e armadilhas, e depois um corpo a corpo com facas e porretes e quaisquer outras armas que estivessem à mão. Toda a população que restava na cidade juntou-se à resistência. Muitos dos franco-atiradores, por exemplo, eram mulheres, e elas combatiam com efeito devastador. Uma das mais famosas, que lutou também em outras partes da Ucrânia, foi a major Ludmila Pavlychenko. Ela foi tão admirada pelas 309 mortes que lhe foram creditadas que a convocaram para viagens de propaganda aos países aliados, com o objetivo de conquistar apoio para a Rússia contra a Alemanha. Ludmila teve sorte: conseguiu escapar. Outros tiveram que ficar e lutar. Konstantin Shchegotsky pode ter sido o queridinho da *intelligentsia*, mas quando as bombas começaram a cair dentro da cidade, ele também tornou-se um soldado. Quando os alemães se aproximaram do centro de Kiev, Shchegotsky abandonou suas tarefas como bombeiro voluntário e, com o resto de seus camaradas, juntou-se a uma unidade militar.

Kiev finalmente caiu em 19 de setembro de 1941. Alemães e russos incendiaram a cidade. Os fortes explosivos e artefatos incendiários dos invasores foram responsáveis em parte pelo fogo; os russos, incitados pelas exortações de Stálin a aplicar a política da terra arrasada, nada deixando para o inimigo, fizeram o resto. A represa Dniprohes, no Dnieper, era a maior hidrelétrica da Europa, mas os soviéticos preferiram destruí-la a deixá-la para os alemães. Cada fábrica que podia ser alcançada foi aparelhada com explosivos e destruída, junto com cada depósito de combustível ou de provisões, e tudo o mais que pudesse ser útil ao exército invasor. Era dia claro quando os alemães chegaram, mas o céu estava espesso, com nuvens pretas de fuligem que pairavam como um véu sobre a cidade, bloqueando o sol. O eclipse previsto para dois dias depois parecia ter sido antecipado.

Nikolai Makhinya chorou de raiva e vergonha quando viu sua amada cidade ardendo como uma tocha. Na noite anterior ele fora dormir sabendo que tudo

estava perdido. Quando acordou na manhã de 19 de setembro, seus amigos juram que seus cabelos tinham ficado grisalhos de desgosto, da noite para o dia.

Pouco antes de a cidade finalmente capitular, Shchegotsky e outro jogador de Kiev, Yatchmennikov, um goleiro da reserva, ficaram atônitos ao encontrar Kolya Trusevich no estádio. Ele estava ferido e junto com um grupo de companheiros famintos. Shchegotsky mal reconheceu seu velho amigo. Apenas uma cicatriz na face esquerda — recordação de um acidente de um treino em que ele e Livshitz se chocaram na disputa pela bola — o identificava. Trusevich, o eterno brincalhão, estava agora — de acordo com o relato de Shchegotsky — triste e deprimido. Ele sabia que a luta por Kiev entrava em agonia, e que os alemães não podiam mais ser detidos. Shchegotsky e Yatchmennikov cuidaram de Trusevich e de seus camaradas da melhor maneira que puderam, enquanto contavam episódios da guerra. Trusevich, um ágil e versátil atleta, usara seus talentos em missões perigosas, atrás das linhas inimigas. Por diversas ocasiões ele havia se infiltrado na retaguarda dos alemães e voltado com um prisioneiro para ser interrogado.

Dias antes, pela manhã, Trusevich se encontrava com sua unidade na floresta de Goloseyevsky, perto de Kiev. Camuflados pela densa neblina que encobria as encostas, ele e outros quatro foram explorar o terreno e encontraram-se próximos de um abrigo alemão. Ocultos entre compactas moitas de folhagens, podiam ver os alemães sonolentos em seus postos. Trusevich localizou um soldado com uma metralhadora que deveria estar de guarda. O soldado cochilava, enquanto um outro, cuja cabeça Trusevich conseguia avistar acima da trincheira, parecia já mergulhado no sono, com seu boné cinzento cobrindo os olhos. Aqueles dois poderiam fornecer informação valiosa se fossem submetidos a interrogatório. Rapidamente, ele pediu um voluntário e, quando um dos colegas, um soldado especialmente grande e forte, se ofereceu, os dois deslizaram por trás das moitas. Juntos, rastejaram até seus alvos. Trusevich encarregou-se do soldado adormecido, e sem vacilar empurrou-o contra o chão, subjugando-o com uma gravata. O outro russo caiu sobre o guarda da metralhadora, mas antes que pudesse imobilizá-lo, ele começou a gritar. Trusevich suspendeu seu prisioneiro e, com ele no ombro, partiu em busca de um abrigo. O outro russo fez o mesmo, mas a essa altura os soldados alemães tinham acordado e já estavam empunhando suas armas. Trusevich se esforçou o quanto pôde para alcançar sua unidade, enquanto os alemães abriam fogo. Olhou para trás a tempo de ver seu companheiro cair no chão, morto. Seu prisioneiro também parecia ter morrido pelos disparos indiscriminados dos próprios alemães. Enquanto se embrenhava na floresta, Trusevich sentiu uma dor queimando uma das pernas, abaixo do

joelho: fora atingido por um tiro e mal podia caminhar. Mesmo assim, conseguiu chegar aos outros três russos que vieram em seu socorro. Um deles carregou Nikolai, os dois outros encarregaram-se do soldado alemão, e os arrastaram para dentro da floresta. Enquanto isso, os alemães lançavam morteiros, fazendo uma barreira para os russos, obrigando-os a penetrarem na floresta e a se afastarem cada vez mais de suas próprias tropas. Trusevich e os outros companheiros lutaram desesperadamente para voltar às linhas soviéticas. Quando as alcançaram e se viram em relativa segurança, já era noite. Ele passara o dia ferido e perseguido na floresta, os dois prisioneiros estavam mortos, e apenas dois dos russos, também feridos, conseguiram acompanhá-lo.

Os alemães caíram sobre a unidade soviética ao amanhecer e Trusevich, mesmo ferido, fez o que pôde na trincheira para repelir o ataque. Mas os russos não poderiam resistir por muito tempo, e dois dias depois ele foi ferido novamente. Tudo isso ocorrera pouco menos de uma semana antes de ter sido encontrado por Shchegotsky e Yatchmennikov. Trusevich lutava para permanecer vivo e juntar-se a qualquer unidade militar improvisada que pudesse encontrar. Shchegotsky e Yatchmennikov dividiram a pouca comida e a água que tinham com ele e seus camaradas. Também providenciaram panos limpos para cobrir seus ferimentos antes que partissem novamente para a linha de combate. No portão do estádio, Trusevich abraçou-os e se despediu sem uma palavra. No dia seguinte, 19 de setembro de 1941, Kiev foi finalmente entregue aos alemães. Stálin, que ordenara que a cidade fosse defendida a todo custo, compreendeu que proteger Kiev poderia significar perder Moscou. Finalmente aceitou que a cidade fosse abandonada aos alemães, em benefício do resto da União Soviética.

“Yachek e eu recebemos ordem de deixar Kiev”, contou depois Shchegotsky. “Nós nos despedimos do futebol à nossa moda. Pegamos umas duas bolas e ficamos no campo uns dez minutos trocando passes, Yachek no gol. Então, sentamos no banco relembrando os amigos com quem tínhamos passado bons tempos ali. Estávamos no final do verão, e desejávamos desesperadamente ter tempo para resistir.”

Ao sair do estádio do Dínamo, Shchegotsky deu as costas para as lembranças de seus dias na equipe e na cidade. Sua despedida foi especialmente pungente. Para ele, os outros jogadores do Dínamo tinham sido mais do que simples colegas de equipe. Em certa ocasião, três anos antes, durante a confusa paranóia dos expurgos de Stálin, Shchegotsky ficou devendo sua vida aos companheiros do Dínamo.

Shchegotsky, que fora preso por não usar a condecoração do Estado que ainda não lhe fora entregue, acabou recebendo a medalha em uma cerimônia

realizada no Kremlin, em junho de 1938. Embora tivesse prometido usá-la com orgulho, mal teve oportunidade para isso. O jogo seguinte do Kiev foi em casa, contra Leningrado. Depois da partida, quando estava se preparando para voltar a seu hotel, dois homens aproximaram-se dele. Disseram trabalhar para a NKVD e perguntaram-lhe se não se importava de ter uma conversa com os seus superiores. Shchegotsky foi levado à central da NKVD na rua Institutskaya, onde foi denunciado formalmente como inimigo do povo. Dificilmente haveria uma acusação mais grave contra um cidadão soviético. Mais recentemente, homens como o escritor Alexander Solzhenitsyn e o cientista Andrei Sakharov, cujos nomes se tornaram conhecidos no mundo inteiro, foram punidos pelo mesmo crime de que Shchegotsky estava sendo acusado. O jogador de futebol, então com 27 anos, passaria mais de um ano como prisioneiro naquele edifício, enquanto a NKVD buscava provas para indiciá-lo. Em suas memórias, publicadas anos mais tarde, Shchegotsky recordou que havia 106 pessoas em sua cela e que 94 delas haviam recebido condecorações como a sua. Eram médicos, professores, cientistas e engenheiros — todos eles bolcheviques que haviam entrado para o Partido antes da Revolução.

Shchegotsky foi levado para a Sala 21, no quarto andar do prédio, onde foi torturado durante 12 dias. A tática preferida pelos investigadores era uma técnica conhecida como “o transmissor”, uma forma cruel de tortura psicológica. A infeliz vítima era interrogada ininterruptamente por sucessivos agentes, um após outro, até ficar tão confusa que concordava com tudo. Mas a tática era adotada depois que a vítima tinha sido “amaciada” por tortura física. Shchegotsky foi espancado até quase perder os sentidos e teve seus dedos quebrados, um a um, no batente da sólida porta de carvalho da sala de interrogatório. Seus acusadores alegavam que só queriam que ele admitisse que era um espião. Shchegotsky negou repetidamente. Ele recebeu apoio de seus colegas de cela que, após cada sessão de interrogatório lhe diziam que devia encontrar uma maneira de enfrentar aquilo. Não podia concordar com tudo, não podia se deixar condenar.

O cerne da questão levantada pela NKVD decorria de um boato de que, a despeito de sua infância pobre, Shchegotsky era filho de um nobre polonês. Ele tinha ido jogar na Turquia como membro da equipe da URSS, em 1936. Para a NKVD isso significava que, muito provavelmente, ele era um espião polonês ou turco. A lógica paranóica do caso contra Konstantin Shchegotsky repetia-se com milhares de outras vítimas do Terror. Tão decididos estavam os agentes da NKVD a condená-lo que convocaram seus companheiros de equipe e os interrogaram também. Nenhum deles foi torturado, mas todos foram interrogados com insistência e tiveram que assinar declarações, comprometendo-

se a não revelar o que tinham visto ou ouvido no edifício da NKVD. Muitos dos jogadores mantiveram seus votos de silêncio, e só depois da *glasnost*, na época de Mikhail Gorbachev, é que a história do interrogatório do time finalmente veio à luz. Aqueles que ainda estavam vivos admitiram então que a NKVD fora muito persuasiva e determinada em sua tentativa de rotular Shchegotsky como espião. Mas nenhum de seus colegas diria nada contra ele.

Nikolai Makhinya, talvez mais do que a maioria, tinha boas razões para não gostar de Shchegotsky. Se Shchegotsky tinha alguma culpa, mesmo mínima, então ele seria a antítese de tudo em que o linha-dura e stalinista Makhinya acreditava. Durante o interrogatório, Makhinya foi pressionado a falar de seu próprio passado proletário. Os agentes advertiram que, com o seu passado, ele não poderia apoiar um espião polonês que estava se empenhando em usurpar a autoridade dos treinadores do time. Shchegotsky, como convinha à sua atitude cavalheiresca diante da vida, não era muito disciplinado, mas não havia indícios de que tentava subverter, e ainda menos suplantar, os treinadores da equipe. Makhinya foi interrogado repetidamente sobre coisas fora do comum que talvez tivesse percebido em seu colega. Finalmente, foi confrontado com a acusação sem disfarces: Shchegotsky era um espião da Polônia. A única resposta de Makhinya foi explodir numa gargalhada. Na verdade, ele receou por si próprio após essa reação, mas disse aos agentes que, honestamente, não podia acreditar que seu colega de equipe fosse um espião. Contou-lhes que não aprovava o modo de vida de Shchegotsky, e foi particularmente crítico às suas fraquezas — fumo, bebida, mulheres —, mas não podia acreditar que ele fosse outra coisa que não um bom e honesto cidadão soviético, que era muito útil a seu país como jogador de futebol.

Foram necessários 15 meses para que Shchegotsky escapasse das garras da NKVD. No final, ele teve dois golpes de sorte. O primeiro e mais notável foi que não havia qualquer sombra de evidência contra ele e que nada foi dito por nenhum de seus colegas que o pudesse incriminar, fossem quais fossem as conseqüências para eles. O segundo golpe de sorte aconteceu quando Nikolai Yezhov foi afastado da chefia da NKVD em 8 de dezembro de 1938. Num momento de suprema neurose, o próprio Yezhov foi denunciado como inimigo do povo e executado. O novo chefe da NKVD, Lavrenti Beria, imediatamente acusou Yezhov por sua crueldade e abuso de poder na função que exercia. Durante sua gestão, Beria incorreu nos mesmos extremos que Yezhov mas, nos primeiros dias, ele pretendia conceder anistias, e Shchegotsky foi um dos afortunados que conquistaram a liberdade.

Konstantin Shchegotsky saiu do cárcere da NKVD no outono de 1939.

Estava em péssimo estado físico e com as pernas tão inchadas que mal conseguia caminhar. Como os demais que se viram livres do pesadelo dos interrogatórios da NKVD, sofria de alucinações e de amnésia, e mais tarde declarou que suas lembranças haviam sido varridas de sua cabeça. Queria ir para a casa de seus pais em Moscou para se recuperar, mas não conseguia lembrar-se do endereço, e só com a ajuda de amigos pôde chegar lá. Depois de um curto período de restabelecimento, Shchegotsky passou a procurar trabalho. O Spartak de Moscou, um dos times mais antigos da cidade, ofereceu-lhe um cargo administrativo e um apartamento para morar, mas Shchegotsky estava decidido a voltar a jogar. Ele fora o capitão do Dínamo de Kiev antes da prisão e quando a direção do clube lhe escreveu propondo uma conversa sobre seu retorno, aceitou imediatamente. Embora todos o apoiassem, vários jogadores mais antigos do Dínamo duvidavam que Shchegotsky tornasse a ser tão bom quanto antes. Ficou combinado que, caso sentisse que não estava em forma, estaria livre para se desligar do time, sem problemas para as duas partes. Mas, espantosamente, após um período num sanatório no mar Negro e alguns meses de boa comida e exercícios regulares, Konstantin Shchegotsky voltou em plena saúde. Ele se reintegrou ao primeiro time do Dínamo no início da temporada esportiva de 1940 e, embora já tivesse chegado aos 30 anos e fosse um dos mais velhos em campo, contribuiu com sua experiência e habilidade para um time que estava dando sinais de decadência e perdendo seu prestígio. Também refez a poderosa “dobradinha” com Nikolai Makhinya. Muita gente ficou surpresa ao ver os dois, em geral considerados como oponentes ideológicos, trabalharem juntos de maneira tão eficiente. Numa jogada final e maquiavélica, a NKVD espalhou um boato elaborado, para explicar o desaparecimento de Shchegotsky por quase duas temporadas. Insinuou-se que ele estava mantendo um caso amoroso com a esposa do cônsul sueco em Moscou, e tão apaixonado que partira para a Suécia, para ficar junto dela. Como ela rompera o romance, ele havia retornado. Diante do compromisso assumido pelos jogadores de manter segredo sobre o que de fato havia se passado, e porque a história combinasse tão bem com sua fama de mulherengo, ninguém pôs a explicação em dúvida.

Assim, em setembro de 1941, Shchegotsky se viu defendendo o Dínamo de Kiev com a mesma devoção que seus companheiros haviam demonstrado para protegê-lo. Mas a guerra iria fragmentar a equipe — de modo inevitável e irrevogável. O próprio Shchegotsky teve a oportunidade de partir, no meio do caos da cidade em total colapso.

> Na manhã de 19 de setembro, nossa unidade recuou, e nos unimos a uma coluna militar. Os aviões alemães bombardeavam a coluna e causaram muito prejuízo. Quando o ataque aéreo terminou, me

> deparei com Ivan Kuzmenko. Sua unidade estava se deslocando lentamente, ao longo de uma estrada bloqueada por uma grande quantidade de armamento militar. Ivan sugeriu que tentássemos abrir caminho juntos, mas como não havia mais espaço em seu caminhão, apenas nos abraçamos e nos despedimos, esperando que pudéssemos nos encontrar novamente. Mas isto nunca aconteceu. Vanya [Kuzmenko] ficou cercado, exatamente como Klimenko e Trusevich e Korotkykh e alguns dos outros. Eu tive sorte. Depois de 67 dias de perambulação, encontrei nossa tropa em Rostov. Burdukov — um dos outros jogadores — desapareceu sem deixar sinais, nunca soubemos o que aconteceu com ele.

Shchegotsky devia tudo à sua equipe e à cidade que o adotou. Agora era forçado a afastar-se de ambos. A cidade perdera sua maior batalha, mas para os membros remanescentes de sua equipe, a maior disputa ainda estava por vir, e Konstantin Shchegotsky, que compartilhara tantos triunfos com seus camaradas, não poderia participar dela.



Capítulo Cinco

A capitulação de Kiev foi completa. Os alemães fizeram cerca de 630 mil prisioneiros quando a cidade caiu — o maior número de soldados capturados em uma única ação em toda a história. Os efetivos do Exército Vermelho na Batalha de Kiev totalizavam apenas 677 mil homens, o que permite avaliar a escala catastrófica da derrota. O número de prisioneiros parece correto, embora depois da guerra os soviéticos o tenham questionado. Seu cálculo final de pouco mais de meio milhão não é muito mais animador. A grande quantidade de prisioneiros criou enormes problemas para os ocupantes alemães, cuja medida inicial foi colocá-los em enormes campos de concentração ao ar livre, como o de Darnitsa, nas margens do Dnieper. Não muito depois de despedir-se de Shchegotsky, Kolya Trusevich foi feito prisioneiro e enviado para Darnitsa. Uma das primeiras pessoas que encontrou ali foi Nikolai Balakin, também jogador de futebol. Balakin jogara pelo Lokomotiv, rival local do Dínamo. A rivalidade se limitava ao futebol, pois os jogadores de ambos os times confraternizavam após as partidas. Balakin e Trusevich se ligaram imediatamente no campo de concentração.

Esses campos não eram organizados como as fábricas de extermínio de Auschwitz ou Bergen-Belsen. Eram vastos terrenos cercados onde os prisioneiros ficavam detidos até serem “processados” — isto é, classificados de acordo com a sua suposta periculosidade. Sob muitos aspectos, Darnitsa e outros campos semelhantes no território conquistado na União Soviética assemelhavam-se aos modelos anteriores da Guerra dos Boers e da Guerra Civil dos Estados Unidos. Em 1864, por exemplo, o campo de Andersonville, na Geórgia, construído para alojar 10 mil soldados da União, excedia repugnantemente a sua capacidade. Em agosto daquele ano, ali estavam confinados 32 mil homens. Os efeitos combinados da comida insuficiente, da falta de infra-estrutura sanitária e do clima insalubre logo reduziram esse

número. As doenças eram freqüentes: escorbuto, disenteria, diarréia e gangrena grassavam sem tratamento. Nos 14 meses em que o campo funcionou, um em cada três prisioneiros do Norte enviados para Andersonville morreu ali. História semelhante aconteceu na África do Sul, na virada do século, quando Lord Kilchener, com sua política de arrasar a terra, ordenou, em março de 1901, a destruição de 30 mil fazendas dos Boers e devastou cerca de 40 povoados. Milhares de pessoas, na maioria mulheres e crianças, foram internadas em enormes campos de concentração sem condições adequadas de alimentação, higiene e abrigo, e sem atendimento médico. Mais de 26 mil mulheres e crianças — 80% crianças — morreram nesses campos de concentração britânicos.

As condições em Darnitsa não foram melhores do que em qualquer dos outros campos de concentração que iam surgindo através do território da União Soviética à medida que os alemães avançavam. Algumas poucas barracas rudimentares serviam de abrigo, o que significava que os prisioneiros, muitos deles gravemente feridos, ficavam expostos ao calor do dia — e em setembro os dias ainda eram quentes —, e depois ao frio das noites do outono. Muitos não conseguiram suportar os extremos de temperatura e morreram. As condições sanitárias eram precárias, as moléstias grassavam. Mas a maioria morria de inanição. Os alemães haviam sido incitados a acreditar que os bolcheviques eram subumanos. Eles não faziam distinção entre russos, ucranianos e bielo-russos. Todos eram vistos simplesmente como o inimigo odiado, e assim não mereciam qualquer consideração, nem sequer o trabalho de serem alimentados, embora os alemães tivessem comida mais do que suficiente armazenada. Essa atitude refletia o pensamento da Berlim nazista. Segundo os *Übermenschen* — os super-homens da raça ariana —, os ucranianos e os judeus eram *Untermenschen* — subumanos que deviam ser expurgados para que as metas de Hitler fossem alcançadas. Ele estava tão decidido a conquistar a *Lebensraum* da Ucrânia que de fato sancionou uma campanha de total aniquilação contra os ucranianos. Hitler acreditava plenamente que, em um ano de ocupação, a maior parte da população da região teria “desaparecido” ou sido enviada para a Alemanha como mão-de-obra escrava. A Convenção de Genebra não tinha voz na frente oriental.

Em alguns campos, os guardas alemães escarneciam dos prisioneiros jogando comida no cercado como se estivessem jogando pão para patos. Os soviéticos capturados perdiam todo o sentimento de dignidade, disputando as menores migalhas. O canibalismo tornou-se prática comum em muitos desses campos. Alguns prisioneiros morriam sabendo pelo menos que poderiam manter alguns de seus camaradas vivos ainda por certo tempo. E, para os que sobreviviam a tudo isso, havia o constante temor de serem mandados para o

campo de Siretz. A taxa de sobrevivência em Siretz era ainda mais baixa e o regime tremendamente cruel em comparação com os padrões vigentes em outros campos. Ser mandado para Siretz equivalia a uma sentença de morte, e a única interrogação era quanto tempo se levaria para morrer. Trusevich e Balakin já haviam sobrevivido a uma incursão dos guardas que certa manhã entraram no acampamento de Darnitsa e simplesmente desencavaram todos os que puderam encontrar. Disseram aos prisioneiros que eles seriam mandados para Siretz, mas em vez disso os levaram para fora e os fuzilaram. Para a maioria, essa alternativa era a mais misericordiosa. Trusevich e Balakin conseguiram se esconder embaixo das camas no fundo da barraca. Entre tantos soldados capturados, era quase impossível para os alemães afirmar com alguma precisão quantos prisioneiros havia em cada cabana. Foi uma grande sorte para Balakin e Trusevich que ninguém os fosse procurar, e assim sobreviveram. Yatchmennikov, seu antigo companheiro de equipe, não teve a mesma sorte — foi um dos que pereceram em Darnitsa.

As condições na cidade de Kiev não eram muito melhores do que em Darnitsa. Tudo o que podia ter alguma utilidade para as forças ocupantes havia sido explodido ou queimado. O que não fora destruído pelas tropas soviéticas em retirada tinha sido pulverizado e esmagado pelos bombardeios alemães. Os belos e elegantes edifícios de outrora lembravam fachadas bidimensionais de um cenário de cinema. As lutas nas ruas haviam deixado enormes vãos nas fileiras de prédios que os Panzers alemães e os carros blindados tinham atravessado, destruído com seus canhões, como largas avenidas. As chamas que saíam pelas janelas deixavam as paredes externas negras de fuligem e a constante troca de tiros não deixou sequer uma vidraça inteira. Mas ainda assim a resistência dos kievanos não estava totalmente quebrada.

Uma das primeiras tarefas das forças de ocupação alemãs em setembro foi estabelecer um quartel-general na rua Kreschatik, a principal artéria da cidade, de onde pudessem impor uma nova ordem à população de Kiev. Com grande rapidez, as autoridades civis e militares se instalaram ali. Menos de uma semana depois, em um ato final de desafio, um grupo de oficiais da NKVD que haviam se escondido na cidade conseguiu dinamitar metade dos edifícios da rua. A devastação foi impressionante. Sem bombeiros civis, e nenhum militar disposto a se apresentar como voluntário, os edifícios arderam durante vários dias. Segundo testemunhas oculares, Kreschatik ainda estava em chamas quando o seguinte comunicado foi espalhado por toda a cidade em 27 de setembro, três dias depois da explosão:

Na segunda-feira, 29 de setembro de 1941, todos os judeus da cidade de Kiev e das áreas circundantes

devem comparecer às 8:00 horas à esquina das ruas Melnikovskaya e Dokhturovsky. Devem levar consigo documentos, dinheiro, objetos de valor, assim como agasalhos, roupas de baixo etc.

Os judeus que não cumprirem esta ordem e forem encontrados em outros lugares serão fuzilados. Os cidadãos que ocuparem as casas deixadas pelos judeus e roubarem seus pertences serão fuzilados.

Como já haviam feito por toda a parte da Europa Oriental, milhares de judeus compareceram prontamente com seus pertences. Homens, mulheres e crianças de todas as idades chegaram à rua Melnikovskaya, onde lhes foi ordenado que se dividissem em filas. Havia 100 pessoas em cada fila e mais de 300 filas ao todo. Cerca de 30 mil judeus foram obrigados a marchar para fora da cidade com destino ao cemitério de Lukyanovskoye. Ao empreenderem seu doloroso caminho para fora da cidade, dificilmente teriam dúvidas quanto ao que iria acontecer. *En route* para o cemitério, passavam por corpos estirados nas ruas e nas sarjetas. Não eram cadáveres de soldados, mas de civis executados ali mesmo, ao capricho dos invasores. Alguns eram judeus, outros guerrilheiros, muitos simplesmente estavam no lugar errado e na hora errada. Quando as fileiras de judeus finalmente chegaram ao cemitério, todos eles foram despojados de suas roupas e de seus objetos. E então foram levados para a ravina, em Babi Yar.

O Relato Operacional da Situação da URSS nº 101, datado de 2 de outubro de 1941, informa aos chefes da Polícia de Segurança e dos Serviços de Segurança em Berlim que o “Sonderkommando 4a, em colaboração com o Einsatzgruppe HQ e dois comandos do Regimento da Polícia do Sul, executou 33.771 judeus em Kiev nos dias 29 e 30 de setembro de 1941”.

De acordo com outro memorando oficial “a ação foi desempenhada sem qualquer complicação e nenhum incidente ocorreu”. As roupas, objetos de valor e tudo o mais que foi tirado dos judeus foi repartido entre aqueles que participaram do massacre de Babi Yar. Entre os executores incluíam-se divisões de policiais ucranianos simpatizantes do nazismo, bem como soldados alemães.

Os primeiros meses na Kiev ocupada foram um pesadelo para os habitantes, submetidos à fome e à brutalidade indiscriminada. Parecia nunca haver comida. Os alemães dispunham de enormes reservas de suprimento, mais do que o suficiente para suas tropas e provavelmente também para a população civil, mas eles simplesmente não se interessavam em mantê-la com vida. Em pouco tempo, os habitantes de Kiev se viram reduzidos a comer os animais domésticos, e em breve não havia mais um gato ou um cachorro na cidade. Os ratos que vinham em bandos do Dnieper também eram uma presa fácil, mas eles também não tinham muito com que se alimentar. As poucas aves domésticas que restaram também foram rapidamente dizimadas e nada havia para substituí-las. Havia

poucos pássaros de qualquer espécie na região, sobretudo depois que os alemães descobriram que os pombos eram usados na troca de mensagens entre os grupos de resistência. Imediatamente ordenaram que todos os pombos fossem abatidos a tiros ou envenenados. As pessoas faziam sopas com grama, folhas de árvores ou pedaços de couro, com qualquer coisa que encontrassem. Enquanto isso, os alemães dificultavam a vida cotidiana a cada oportunidade, demonstrando pouca compaixão pelos inimigos derrotados. O plano de Hitler era que os ucranianos fossem escravizados ou morressem de fome. Mais tarde, em dezembro de 1942, ele ordenou que "os meios mais violentos" fossem usados contra a Ucrânia, e chegou mesmo a especificar que mulheres e crianças não deveriam ser poupadas das represálias.

Embora vivessem sob as condições mais terríveis, havia um ponto em comum que unia os moradores de Kiev. Tanto nos que permaneceram na cidade como nos que sofreram os intermináveis tormentos de Darnitsa e de instituições similares, a forte ligação com a mãe-pátria permaneceu inalterada. Só havia diferenças na forma como essa ligação se manifestava. Stalinistas ardorosos como Nikolai Makhinya se envergonhavam de terem sido feitos prisioneiros e preferiam ter morrido em defesa da pátria. Mas havia outros que refletiam o sentimento crescente na Ucrânia de que a vida sob Hitler não poderia ser mais opressiva do que sob Stálin. A despeito das conseqüências fatais para muitos dos que tinham ficado para trás, havia outros que saudavam os invasores. Fotografias e cinejornais da época mostram mulheres ucranianas vestidas com o traje nacional, enfileiradas ao longo das ruas para aclamar os alemães como se eles fossem um exército de libertação. Algumas dessas fotos e desses filmes certamente nada mais são do que propaganda nazista preparada depois do ocorrido, mas mesmo assim apenas exageram o que de fato aconteceu. Havia muitas pessoas na Ucrânia profundamente revoltadas com o stalinismo e com o que ele lhes causara. Não se tratava de pessoas que se recordavam dos "bons velhos tempos" do regime tsarista, mas daquelas cuja memória só precisava recuar a pouco menos de dez anos, ao período da Grande Fome. Eram essas as pessoas que constituíam as multidões que acenavam e alegravam-se com os invasores, oferecendo-lhes a tradicional hospitalidade ucraniana do pão e do sal.

Entre os jogadores do Dínamo de Kiev, um dos primeiros adeptos dessa opinião de que as coisas melhorariam sob Hitler foi Lazar Kogen, que era, como se diria hoje, um jogador que joga para o time. Kogen argumentava, como vários outros, que nada poderia ser pior do que sob Stálin. De qualquer modo — indagava — para onde poderiam escapar? Os alemães estavam por toda parte e parecia impossível impedir seu avanço. Embora fosse judeu, Kogen recordava

que os alemães não tinham sido piores do que outros com os judeus durante a ocupação na Primeira Guerra Mundial. Dotado de habilidade persuasiva, Kogen convenceu muitos dos jogadores, um a um, a permanecer na cidade. Ele falou com Lev Chernobylsky, árbitro de futebol em 1941 e que fora um dos primeiros treinadores do Dínamo de Kiev. Como Kogen, Chernobylsky era judeu, mas foi convencido a ficar em Kiev, assim como Sviridovsky. Makar Goncharenko também foi persuadido, sem grande esforço. Goncharenko era um ponta extremamente talentoso, além de ter um caráter irrepreensível. Política era o que menos lhe interessava; ele simplesmente acreditava que mesmo os alemães iriam querer jogar futebol, e era tudo em que importava crer. Ele conseguiu conservar seu uniforme e um par de chuteiras durante a guerra porque achava com toda a sinceridade que, fosse qual fosse o regime no poder, sempre conseguiria jogar futebol.

Lazar Kogen estava terrível e tragicamente errado, e pagou por seu engano. Ele e Lev Chernobylsky estavam entre os primeiros a serem fuzilados no massacre de Babi Yar. Vladimir Balakin, jogador do Lokomotiv, também foi preso no início da ocupação. Mas ele teve mais sorte. Os alemães de fato procuravam seu irmão Nikolai, que estava no campo de Darnitsa com Trusevich. Nikolai era membro do Partido Comunista, mas Vladimir não era. Ele insistiu que haviam apanhado o homem errado, mas os alemães pareciam não lhe dar atenção. Vladimir estava numa sala do quartel-general da Gestapo, aguardando pelo que suspeitava que seria um interrogatório seguido de espancamento e, provavelmente, de execução. Enquanto ali estava, um funcionário local, que prestava assessoria à administração alemã de Kiev, entrou na sala e, ao vê-lo, deu uma gargalhada. O homem fora bilheteiro no novo estádio do Exército Vermelho e sabia que eles tinham apanhado o irmão errado. Balakin foi dispensado, o que fez dele um dos poucos prisioneiros a entrar no edifício e sair com vida.

É difícil acreditar que os jogadores do Dínamo realmente não compreendessem o perigo em que estavam metidos. Alguns dos membros mais antigos do time estavam conscientes do risco antes de Kiev cair nas mãos dos alemães, mas sua opinião parece que não foi compartilhada pela maioria. Ao contrário dos cidadãos comuns da cidade recém-ocupada, os membros do Dínamo de Kiev eram nominalmente policiais e, como tal, participavam com freqüência das reuniões comunistas e dos comícios do Partido. Alguns eram até mesmo registrados como membros da NKVD nos documentos oficiais do time. Seu motivo para fazerem parte da polícia ou da NKVD pode ter sido obter permissão para jogar no Dínamo e ter acesso a melhores instalações de

treinamento, mas isso não tornaria os investigadores da Gestapo mais simpáticos. Eles tinham documentos que declaravam que eram da polícia secreta e, assim, podiam ser designados para receber um tratamento particularmente duro por parte das forças ocupantes. A esse perigo somava-se a presença de informantes, sempre desejosos de identificar para os alemães quem era membro da NKVD — jogadores de futebol ou não —, com a finalidade de salvar as suas próprias vidas e sustentar suas famílias. Outros eram motivados simplesmente pelo desejo de vingança.

Oleg Golovchenko ajudara a fundar o time de handball do Dínamo em 1928, mas foi encarcerado durante a repressão da década seguinte porque seus métodos de treinamento foram considerados “burgueses”. Embora tivesse sido libertado pouco depois, guardou ressentimento contra o clube, ao qual culpava por sua prisão. Ele ajudou a Gestapo a identificar e até a interrogar quem era suspeito de ser comunista. Muitos desportistas, homens e mulheres dos vários clubes esportivos do Dínamo, sofreram nas suas mãos. Em vista das execuções em massa e da ajuda de pessoas como Oleg Golovchenko aos alemães, os jogadores do Dínamo de Kiev corriam enorme risco.



Capítulo Seis

Depois da experiência de uma década que seria lembrada pela Grande Fome e pelo Terror, não surpreende que alguns ucranianos encarassem os alemães como uma força que, se não viera ficar, pelo menos poria fim à opressão stalinista. A Organização dos Ucranianos Nacionalistas (OUN) era um grupo terrorista anticomunista e pró-independência que atuava na Polônia, financiado pela Alemanha e pela Lituânia. Os alemães, por sua vez, viram que o grupo poderia ser manipulado para alcançar seus próprios objetivos, e tanto encorajaram a organização que, quando invadiram a Ucrânia em junho de 1941, tiveram o apoio de muitos dos seus membros.

Grandes áreas da Ucrânia, especialmente na parte ocidental, nunca haviam de fato se sentido parte da Rússia comunista, e muitos ucranianos confiavam sinceramente que Hitler permitiria o estabelecimento de uma Ucrânia independente. Os sentimentos nacionalistas eram fortes nessa região e a população estava acentuadamente dividida entre os que toleravam o comunismo e Stálin, e os separatistas. A princípio, os alemães fingiram apoiar os nacionalistas, o que tornou a vida muito mais fácil nos primeiros dias da ocupação. A bandeira ucraniana pôde ser hasteada em Kiev e nos prédios públicos sob o novo regime tremulava ao lado da suástica. Estimulados pelo que consideraram um clima de tolerância por parte dos novos chefes, muitos kievanos cooperaram com eles de tal forma que aos alemães nunca faltaram recrutas para sua nova força paramilitar. Mesmo os massacres dos judeus uma semana depois da ocupação da cidade não dissiparam em muitas pessoas a crença de que a vida ficaria melhor, ou pelo menos não pioraria, com os alemães.

Outro Relatório Operacional da Situação — de número 112, datado de 13 de outubro de 1941 — deixa subentendido que, diante dos dois problemas, bolchevismo e judaísmo, o povo de Kiev fazia coro com seus novos senhores.

> A população rejeita o bolchevismo quase sem exceção, pois não há praticamente nenhuma família que não tenha perdido um ou mais membros através da deportação bolchevista ou da execução. Além disso, os ucranianos eram fazendeiros livres e independentes na antiga Rússia, e não esqueceram que tudo lhes foi confiscado quando foram obrigados a aceitar as fazendas coletivas. O número de ucranianos que aderiu ao Partido Comunista por convicção é surpreendentemente baixo.

O relatório indica que apenas os jovens, que pouco sabiam da vida antes do comunismo, foram convencidos pela ideologia do Partido. Mesmo assim, o documento sugeria que a convicção destes não era tão firme a ponto de não poderem ser influenciados pela propaganda alemã e que, portanto, quase toda a população poderia ser "reeducada".

> Os ucranianos repudiam o judaísmo junto com o comunismo, porque a maioria dos funcionários do Partido Comunista era constituída por judeus. Os ucranianos tiveram oportunidade de descobrir que os judeus eram praticamente os únicos a desfrutar das vantagens relacionadas à filiação ao Partido Comunista, especialmente nos postos de direção … Não existem lideranças nem ímpeto espiritual entre os ucranianos para desencadear a perseguição, pois todos recordam as duras punições infligidas pelos bolchevistas contra quem quer que atacasse os judeus … Contudo, se um impulso surgir de qualquer lado, e se a população tiver carta branca, poderá ocorrer uma grande perseguição aos judeus.

Pouco antes da ocupação, em 1939, só faltou ao jovem e carismático líder da OUN, Stepan Bandera, declarar guerra aos judeus quando os alemães o tiraram da prisão na Polônia. Bandera chefiava a ala militante da OUN e tinha sido preso por atentados terroristas. A organização se inspirava nos princípios fascistas e quem entrasse para ela tinha que fazer dez juramentos, o primeiro dos quais era "instituir um estado ucraniano ou morrer lutando por ele". Sem dúvida, os sentimentos de Bandera refletiam os da comunidade nacionalista como um todo, que acreditava, assim como ele, que os judeus eram os mais firmes defensores dos bolchevistas. É espantoso, portanto, que os jogadores do Kiev decidissem permanecer na cidade por mais persuasivo que Lazar Kogen tenha sido ao garantir que eles seriam bem-tratados. Por exemplo, Livshitz, sua irmã e sua sobrinha, que eram respectivamente a esposa e a filha de Trusevich, eram judias, mesmo não praticando a religião judaica. O sentimento contra os judeus era impiedosamente explorado pelos alemães. As execuções em Babi Yar tornaram-se ocorrências semanais, mas provocaram pouco protesto entre os habitantes ucranianos de Kiev. Até mesmo quando os objetos dos executados foram postos à venda no mercado, os ucranianos fizeram fila, com tanto entusiasmo quanto os alemães, para comprá-los.

Mas logo tornou-se evidente que as execuções não se limitavam aos judeus. A OUN interpretou mal a situação política ao proclamar um "Estado Ucraniano soberano" e acabou sendo envolvida numa amarga disputa de poder pelo controle da Ucrânia. O chefe nominal do Ostministerium — o ministério

responsável pela direção do governo alemão no leste — era Alfred Rosenberg. Ele era um filósofo político leal a Hitler antes deste subir ao poder e cuja recompensa foi ser admitido em seu círculo mais íntimo. Tinha chefiado a seção de política externa do Partido Nacional Socialista e foi designado Ministro dos Territórios do Leste em abril de 1941. Rosenberg apoiava a independência da Ucrânia e tinha um plano para estabelecer um estado soberano, retirando-a da URSS. Chegou até a planejar a Universidade da Ucrânia. A opinião de Rosenberg era que uma Ucrânia separada funcionaria como uma espécie de "estado amortecedor" entre o Reich e qualquer ameaça futura que pudesse partir do leste. Hitler deu-lhe a impressão de que concordava, e Rosenberg ficou convencido de que uma Ucrânia autônoma poderia existir dentro do novo império germânico. O maior problema de Rosenberg parece ter sido sua inaptidão para distinguir o abstrato do concreto. Podia ser um teórico político perspicaz, mas tinha pouca percepção da *Realpolitik*. Era óbvio para todos, exceto para Rosenberg, que Hitler não tinha intenção de permitir um estado ucraniano autônomo. A Ucrânia devia ser esmagada. Rosenberg tinha liberdade para alimentar suas grandiosas visões, mas no próprio dia em que Kiev caiu, 19 de setembro de 1941, as minutas de uma reunião entre Hitler e Erich Koch, o recém-empossado *Reichkommissar* — e administrador de fato da Ucrânia — mostraram os verdadeiros sentimentos de Hitler. Ele disse a Koch que rejeitava totalmente a idéia de um novo estado ucraniano. Além disso, ele achava que todas as principais cidades deviam ser arrasadas e a infra-estrutura industrial destruída, para que os ucranianos fossem efetivamente reduzidos à servidão. Koch era íntimo de Hitler e o conhecia desde 1922. Era também um protegido de Goering, que o auxiliara sempre que surgiam oportunidades. Através de Goering, Koch também recebia apoio de Himmler e de Martin Bormann. Rosenberg, ao contrário, não tinha aliados próximos nas fileiras daqueles que competiam pelos favores do Führer e era um político medíocre. Ele não era bem-visto pelos conselheiros políticos de maior confiança de Hitler, mas o historiador Alan Clark sugere que Rosenberg, embora não fosse um ministro particularmente brilhante, servia aos propósitos de Hitler. Temendo, como os césares outrora, a revolta potencial das províncias, Hitler preferia um *Ostminster* apagado e manejável, a que fosse astuto e ambicioso. Embora Koch, como ministro para a Ucrânia, fosse subordinado a Rosenberg, seu superior como ministro para o leste, os dois tinham choques constantes. Rosenberg conseguiu obter de Hitler uma concessão para que o Führer só visse Koch quando ele também estivesse presente. Isto pode ter tranqüilizado Rosenberg, mas na realidade a concessão era desprovida de sentido, uma vez que o *Reichskommissar* da Ucrânia tinha acesso a Hitler através de Goering ou Bormann. Era Koch quem realmente Hitler escutava, e foi

a opinião de Koch, compartilhada com seu Führer, a que prevaleceu.

Erich Koch, um antigo funcionário de ferrovia, era um homem extraordinariamente cruel e se aplicou com mão firme na realização dos desejos de Hitler. Ele e Goering eram da opinião que o único modo de lidar com a Ucrânia era pela limpeza étnica. Eles advogaram a matança de todos os homens com mais de 15 anos, substituindo-os pelos "reprodutores da SS". Em seu discurso inaugural descreveu-se a si próprio como um "cão feroz". Koch disse também aos soldados reunidos que o trabalho deles era se apoderar de tudo o que pudessem na Ucrânia, e que esperava que tratassem a população local com a máxima severidade. Como acreditava de fato que os ucranianos eram subumanos, não queria que seus soldados desperdiçassem munição com eles. Seu castigo preferido era o açoitamento, às vezes até a morte. Em novembro de 1941, ordenou que 20 ucranianos fossem chicoteados por suspeitas de que tivessem dinamitado uma ponte sobre o Dnieper. Alan Clark descreve cenas de "barbarismos pré-romanos" sob o "sádico Koch". Grupos de chamados "voluntários" foram levados sob chicote para os vagões dos trens que os conduziriam aos campos de trabalho escravo na Alemanha e, com toda a certeza, à morte. Isto acontecia diariamente.

Foi sob Erich Koch que a prática de executar 100 ucranianos para cada soldado alemão morto pelos guerrilheiros foi introduzida. Outros meios de intimidação que usou foram os enforcamentos públicos após os quais os corpos eram deixados por vários dias em decomposição como advertência para o resto da população. A disciplina sob Koch era arbitrária, porém infalivelmente brutal. Os camponeses podiam ser executados como intelectuais por admitirem que sabiam ler e escrever. Mulheres grávidas eram forçadas a abortar, porque ele queria varrer a raça ucraniana. O chicote também era usado contra os kievanos que se esqueciam de tirar o chapéu para um oficial nazista. Quem fosse acusado de esconder comida nas fazendas coletivas, reorganizadas pelos nazistas como "cooperativas", também estava sujeito ao enforcamento. Os historiadores acreditam que cerca de 250 aldeias ucranianas foram varridas do mapa para encorajar a população a obedecer às determinações das autoridades alemãs.

As opiniões de Koch sobre educação eram igualmente radicais. Hitler uma vez lhe dissera que os ucranianos deveriam receber apenas uma educação rudimentar, suficiente para capacitá-los a se comunicar com seus superiores alemães. Koch imediatamente determinou que as escolas e colégios fossem fechados para quem tivesse mais de 15 anos, e que todos os estudantes e professores fossem mandados para a Alemanha como trabalhadores escravos. Apenas as quatro primeiras séries poderiam ter aulas nas escolas, pois mesmo

Hitler concordava que o mínimo de ensino em leitura e números era útil e prático. As universidades também foram fechadas.

Dada a proximidade de Koch com Hitler, o anúncio de um novo governo independente na Ucrânia feito pela OUN e por Stepan Bandera foi um tremendo equívoco estratégico. Essa administração, com Yaroslav Stetsko como primeiro-ministro, era na verdade um governo no exílio, dando tempo ao tempo, mas realmente esperando estar no poder na Ucrânia sem muita demora. Mas isso nem passava pela cabeça dos alemães, e mesmo Rosenberg, em geral mais tolerante, não aceitaria tal pretensão. Uma semana após o anúncio da nova administração, ela foi desmantelada e seus membros presos. Bandera e Stetsko passaram a guerra na prisão de Sachsenhausen, na Alemanha.

Enquanto Koch assumia o controle em Kiev, seus informantes garantiam que a guerrilha em larga escala e as operações da resistência estavam sob controle. Mas explosões como a de Kreschatik continuaram como atos esporádicos de sabotagem isolada e desobediência civil. Em novembro de 1941, em um dos atentados mais espetaculares, a catedral do mosteiro de Pecherska Lavra foi explodida. O mosteiro, que era um dos marcos mais queridos da região, fora construído em 1073, não muito depois do Grande Portão Dourado, que por sua vez já estava em ruínas. A propaganda de Moscou tentou culpar os alemães pela destruição, mas parece que ela foi obra de um estúpido grupo de sabotadores ucranianos, que colocou minas no edifício, como em Kreschatik, e depois, quando ele estava cheio de soldados alemães, detonou os explosivos.

Atos de sabotagem provocaram represálias de extrema brutalidade e os resultados eram afixados nas ruas, para que ninguém se equivocasse quanto às conseqüências de tais ações. A execução em massa de Babi Yar em 29 e 30 de setembro foi apenas o começo. Um aviso divulgado na cidade, em 27 de outubro, por exemplo, anunciava que “como represália por um ato de sabotagem, 100 habitantes de Kiev foram fuzilados”.

Dias depois, em 2 de novembro, um dia antes da explosão do mosteiro, outro cartaz foi divulgado:

> Sou forçado a tomar as medidas mais estritas diante dos casos cada vez mais freqüentes de incêndios e sabotagem. Por essa razão, 300 habitantes de Kiev foram executados hoje. Para cada novo caso de incêndio ou sabotagem, um número muito maior de habitantes será executado. Os habitantes de Kiev são obrigados a notificar a polícia alemã sobre incidentes suspeitos. Garantirei a ordem e a tranqüilidade em Kiev por todos os meios e em todas as circunstâncias.

Os alemães cumpriam sua palavra. Em 29 de novembro, outro cartaz apareceu:

> Em Kiev, telefones, telégrafos, cabos e outros meios de comunicação foram deliberadamente danificados. Como não é mais possível tolerar semelhantes atos de destruição, 400 homens foram executados na cidade, o que servirá de advertência à população. Exijo mais uma vez que quaisquer incidentes suspeitos sejam imediatamente notificados aos soldados ou à polícia alemã, de modo que os criminosos sejam devidamente punidos.

Todas essas ordens eram assinadas pelo major-general Eberhardt, então comandante militar da cidade, agindo por instrução de Erich Koch.

Um dos piores incidentes aconteceu no asilo de loucos de Poltava, em Kiev. Os alemães requisitaram o prédio e seu terreno para usá-los como hospital de campo, e para isso agiram com espantosa selvageria. Uma frota de camionetes e caminhões alemães chegou a Poltava entre 31 de outubro e 5 de novembro. Durante toda a semana, os pacientes foram enfiados nos veículos e levados embora, para serem exterminados. Depois da guerra, um médico do hospital apresentou um terrível depoimento sobre o fato no Tribunal Soviético de Crimes de Guerra.

Ele contou como um grupo de oficiais da SS chegou no dia 14 de outubro. Assessorados por médicos da guarnição local, os oficiais selecionaram cerca de 300 pacientes. Esses infelizes foram então transferidos para um dos anexos do hospital e ali deixados por vários dias, sem alimento nem água. Depois disso, de acordo com o médico, um comboio de camionetes foi ao hospital. Os alemães empurraram as pessoas para dentro das camionetes — 60 ou 70 pessoas em cada uma —, depois as levaram para um barranco na floresta de Kirilov. Ali, os pacientes foram metralhados e seus corpos atirados em uma vala. As execuções nem sempre foram assim tão “limpas”. Alguns pacientes sofreram torturas; outros, já doentes e enfraquecidos, foram espancados até ficarem inconscientes e depois fuzilados. As execuções se estenderam por vários dias e, no final desse martírio, mais de 800 pacientes e internos haviam sido assassinados.

O Relatório Operacional oficial do Einsatzgruppe C diz que 599 “alienados mentais” foram mortos em Poltava durante aquela semana. Diz também que outros 200 internos foram enviados para trabalhar numa instalação agrícola próxima. Essas pessoas certamente morreram em poucos dias sob as condições do trabalho escravo. Isto totalizaria as 800 vítimas citadas no depoimento do médico. Poltava foi transformada pela Wehrmacht em hospital de campo e todas as “roupas e artigos hospitalares” foram colocadas à disposição do hospital.

Qualquer idéia que os kievanos pudessem ter a respeito de que a vida melhoraria com os invasores alemães foi rápida e brutalmente dissipada. A bandeira ucraniana não mais tremulava sobre a cidade, e o nazismo era a única ideologia política admitida. No final de novembro, cerca de 100 mil civis haviam

sido executados — incluindo 75 mil judeus — e o povo de Kiev não tinha mais dúvidas de que apenas trocara o insidioso terror do regime stalinista pelas represálias imediatas dos Einsatzgruppen.

Mas o exército de ocupação alemão precisava que Kiev funcionasse. A cidade era um importante posto de suprimento para o seu avanço contínuo. Depois da subjugação dos elementos rebeldes, era preciso que Kiev descobrisse seu novo papel sob a administração alemã e que os componentes essenciais da vida urbana fossem restaurados. Os alemães emitiram uma mova moeda — o *karbowanetz* —, a qual, por perversa ironia, reproduzia imagens idealizadas de camponeses ucranianos na frente das cédulas. Uma das primeiras tarefas foi classificar e estratificar a população, o que foi feito de acordo com os mesmos critérios aplicados a outros territórios ocupados. A nova Kiev devia funcionar num sistema de quatro castas, designadas pura e simplesmente em termos raciais.

No alto do estrato social estavam os Reichsdeutsche, que eram alemães que tinham vivido anteriormente na Alemanha. Esses arianos puros-sangues, fossem eles soldados ou administradores, podiam fazer o que lhes aprouvesse e reinavam sobre a população local. Se os Reichsdeutsche constituíam a nova aristocracia, em uma camada logo abaixo deles vinham os Volksdeutche. De modo estrito, estes eram alemães que viviam fora da Alemanha ou em colônias alemãs. Na prática, nos territórios ocupados essa categoria podia se estender àqueles que pudessem comprovar alguma origem alemã razoável. A despeito da suprema posição dos Reichsdeutche, aqueles que eram classificados como Volksdeutsche também tinham muitas prerrogativas. Eles podiam, por exemplo, dirigir negócios, e tinham tratamento preferencial em termos de emprego, moradia e todos os demais aspectos da vida cotidiana. Os Volksdeutsche também incluíam os membros da nova hierarquia burocrática de Kiev. Embora considerados inferiores aos Reichsdeutsche, eram notoriamente superiores ao restante da população e desfrutavam de um padrão de vida mais do que tolerável, com acesso a dinheiro, comida e viagens.

Embora os alemães estabelecessem um sistema social com uma classe alta e uma classe média bem-definidas, seria um erro imaginar a terceira categoria como uma classe operária convencional. A população local vencida constituía um amplo grupo de pessoas cuja sobrevivência dependia dos caprichos das duas primeiras categorias. Não tinha quaisquer direitos de modo automático. Seus componentes eram tratados como combustível humano para ser usado até o esgotamento, e então postos de lado como um monte de refugos numa cova coletiva. Finalmente, a categoria mais baixa de todas era formada por aqueles

que eram vistos como inimigos do Reich. Eram os membros do Partido Comunista, os funcionários locais e outros considerados perigosos. Aqueles que não foram sumariamente fuzilados, ou jogados num campo de concentração, eram mantidos sob constante vigilância. Tinham que se apresentar regularmente em repartições especiais. Esta quarta categoria também abrangia aqueles que tinham lutado contra o Reich mas não eram necessariamente considerados como uma ameaça, já que a guerra, no entender dos alemães, fora vencida.

Membros desse agrupamento incluíam os praças soviéticos capturados, além de oficiais que não haviam sido membros do Partido e outros que não tinham qualquer ligação com o governo sob os comunistas. A justificativa alemã era que mantê-los prisioneiros nos campos de concentração seria uma perda de tempo, visto que podiam ser muito mais úteis como força de trabalho. Assim, decidiu-se que, caso eles estivessem dispostos a assinar uma declaração, prometendo ser leais ao novo regime, teriam permissão para deixar os campos. Todos os jogadores do Dínamo de Kiev que foram capturados no cerco assinaram esses documentos. Havia pouca opção para Trusevich, Kuzmenko, Klimenko e os outros. Muitos deles, simplesmente em virtude de terem sido jogadores do Dínamo, podiam ser considerados membros do Partido Comunista. Na verdade, na maioria, esses jogadores não se definiriam como comunistas militantes ou membros do Partido, eles eram simplesmente jogadores de futebol que teriam entrado para qualquer organização se isso significasse jogar. Eles não eram políticos, eram pragmáticos. Certamente também compreendiam que não assinar aquele documento seria uma autocondenação à morte, fosse num campo de concentração, numa cela ou fosse por uma bala. E havia suas famílias a considerar. Se eles não assinassem, os alemães não hesitariam em declará-las inimigas do Reich, o que significaria, na melhor das hipóteses, prisão para os parentes e entes queridos. No fim, Trusevich, Klimenko, Kuzmenko e até Nikolai Makhinya, stalinista ardoroso, assinaram os papéis e foram libertados do campo de concentração. Outros jogadores do Dínamo que também foram apanhados no cerco — Pavel Komarov, Makar Goncharenko, Fyodor Tyutchev, Mikhail Sviridovsky e Mikhail Putistin — se juntaram a eles e também foram soltos.

A restauração da infra-estrutura industrial era outra das prioridades dos invasores alemães. Quanto mais seu exército penetrava no interior da União Soviética, mais longas ficavam suas linhas de comunicação e mais importante era criar meios de auto-suficiência. Uma das primeiras tarefas era pôr as padarias de novo em funcionamento, para que elas pudessem fornecer alimentação, primeiro para o exército que avançava e para os administradores germânicos, e

depois, com o que sobrasse, para a população local. A primeira a retomar o trabalho foi a Padaria nº 3, na rua Degtyarevskaya. Há alguma confusão em torno do nome desse prédio. Embora antes da guerra fosse chamada de Padaria nº 3, os alemães se referiam a ela como Padaria nº 1, porque tinha a maquinaria mais moderna e foi a primeira a reabrir. Depois da guerra, voltou ao nome original. A Padaria nº 3 não era, como seu nome nos faz crer, uma padaria no sentido estrito que o termo tem, por exemplo, num povoado inglês ou num *arrondissement* parisiense. Era um importante complexo industrial — em ucraniano é uma "Khlebzavod", o que significa uma fábrica de pães — e, pelo lado externo, em nada diferente de qualquer outra grande fábrica de Kiev. A única função da Padaria nº 3 era fazer pão em quantidade suficiente para atender à demanda de milhares de pessoas diariamente, e era capaz de produzir mais de 50 toneladas de diferentes tipos de pão a cada dia. Não era uma indústria doméstica, menos ainda um negócio artesanal, mas um processo manufatureiro bem organizado, que combinava a perícia de 300 pessoas para chegar ao resultado final. Antes da guerra, a padaria fora dirigida por Alexander Levkovich, que era um engenheiro especializado, com muitos anos de experiência. Contudo, quando foi reaberta, Levkovich ficou sendo apenas o segundo homem, e Josef Ivanovich Kordik o novo patrão. A promoção de Kordik era um exemplo claro da nova reclassificação demográfica da Ucrânia, em que a vantagem era conseqüência da consangüinidade, e não da capacidade.

Quase imediatamente após a ocupação de Kiev, Josef Kordik fez uma pequena mas significativa alteração no seu nome. Ele deixou de ser Josef Ivanovich para se tornar Josef Jorganovich, adotando o equivalente teutônico de seu patronímico. Esta era uma das pequenas medidas que Kordik tomou para provar aos novos senhores que foi e seria sempre um servidor leal do Reich. A princípio, parecia que a "conversão" de Kordik visava à promoção pessoal, embora depois, quando a ocupação se estendeu e sua insatisfação com os governantes alemães aumentou, outras razões, possivelmente mais altruístas, tenham emergido. Sua vida não tinha sido fácil e Kordik acumulara durante anos uma série de queixas contra os ucranianos. Os acontecimentos de 1941 aparentemente lhe davam uma chance de fazer a balança pender para o seu lado. Para início de conversa, Kordik não era germânico, de fato era um checo da Morávia, nascido no final do século XIX em território que então fazia parte do Império Austro-Húngaro. Como jovem, lutara na Primeira Guerra Mundial pelos Habsburgo. Foi ferido e acabou em Kiev, onde vivia desde então. Seus ferimentos sararam rapidamente, mas Kordik nunca tentou voltar à Morávia. No início, por não ter permissão, mas depois ele parecia cultivar sua amargura,

considerando-se como que enjaulado em seu novo país. Parte da frustração de Kordik era talvez compreensível. Ele fora ferido, estava — na sua própria opinião, pelo menos — mantido ali contra a vontade, e parecia que toda possibilidade de felicidade lhe fora arrancada. Não muito depois da Primeira Guerra, ele conhecera e se apaixonara por uma moça local, o que pode ter tido algo a ver com sua falta de vontade de voltar para casa quando afinal teve permissão. Eles se casaram, mas ela morreu em pouco tempo, deixando uma filha ainda bebê para que ele criasse sozinho. Foi provavelmente sua dedicação à menina e a sua relutância em levá-la para um futuro incerto na Morávia que, antes de tudo, contribuíram para a sensação de Kordik de estar encurralado numa terra estrangeira.

Josef Kordik falava alemão como um nativo. Para agarrar a oportunidade em 1941, ele mentiu sobre seu lugar de nascimento e disse às novas autoridades que viera da Áustria. Diante de sua fluência em alemão e sua ansiedade por agradar, os alemães dispensaram uma investigação mais detalhada de seu caso e ele foi regularmente classificado entre os Volksdeutsche. Voltou a trabalhar na padaria onde trabalhara antes da guerra, mas ficou na direção, uma vez que Alexander Levkovich fora remanejado como um cidadão de terceira classe. Levkovich parece não ter ficado ressentido nem com os alemães nem com Kordik por essa troca de postos. Anos depois, ele disse que Kordik não odiava de fato as autoridades soviéticas, mesmo tendo-o impedido de voltar para seu país. Tudo o que ele queria, de acordo com Levkovich, era sentir-se como se estivesse vivendo uma vida plena e útil, e talvez um dia encontrar alguma liberdade em sua pátria original, a Morávia.

Os sentimentos de tristeza e ressentimento envolviam Kordik como uma mortalha. Ele era um homem pequeno, desprovido de senso de humor, que trabalhava longas horas sem interrupção e parecia não ter outra vida além da padaria. Muitos dos que trabalhavam com ele nem sequer sabiam que tinha uma filha, pois conversas triviais não eram o seu forte. Trajava-se com esmero, era mais para o gorducho e, com suas faces bem lisas e rosadas, parecia — segundo uma de suas antigas empregadas, Anna Varshavskaya — um pãozinho recém-assado. Varshavskaya também definiu com perspicácia outro aspecto da personalidade de Kordik. Ela o descreveu como um tipo reservado e taciturno no trabalho, mas com o potencial para ser muito severo e extremamente cruel. Certamente há evidências para confirmar isto durante a ocupação de Kiev. Um assunto, porém, infalivelmente trazia Kordik à vida. Ele era apaixonado por esporte, sobretudo por futebol, e um fanático torcedor do Dínamo de Kiev. As únicas ocasiões em que alguém se lembra de ter visto esse homem pequeno e

triste animar-se e conversar relacionavam-se ao esporte.

Pelo fim de 1941, Kordik estava andando na rua em Kiev quando parou para comer alguma coisa. Sentado num café na rua Mikhailovskaya — naturalmente, um café de propriedade de um membro dos Volksdeutsche —, ele viu alguém que pensou reconhecer. No princípio, não tinha certeza, mas acabou convencido de que o homem para o qual olhava era Nikolai Trusevich. Não era de espantar que Kordik não reconhecesse de imediato o homem que tanto aplaudira como goleiro do Kiev. Seu próprio companheiro de equipe, Shchegotsky, custou a reconhecê-lo, e depois disso ele ainda tinha agüentado uns dois meses em Darnitsa, que mudaram ainda mais a aparência do homem alto, elegante e jovial. Ele estava magro e abatido. A exaustão, acrescida do ferimento na perna, fazia-o mancar. O que restava de sua túnica do exército pendia sobre ele em frangalhos, e o homem que tinha sido tão cuidadoso com sua aparência não se lavava ou barbeava há semanas. A única coisa que convenceu Kordik de que estava mesmo vendo o grande Kolya Trusevich era a marca da cicatriz do lado direito do rosto. Kordik ficou horrorizado ao ver que o grande Trusevich fora reduzido àquilo. Pagou alguma coisa para ele comer e os dois homens conversaram.

Em poucos minutos, Kordik ficou sabendo que Trusevich, como muitos outros, estava vivendo ao deus-dará. Tivera permissão para deixar o campo de Darnitsa mas, com limites para se locomover e nenhum lugar para morar, a vida estava quase impossível. Trabalhava onde e quando podia — um dia aqui, outro ali — e comia quando conseguia. Mas as perspectivas não eram boas. Se não morresse de inanição ou de frio, seria inevitavelmente apanhado pelos alemães ou pela polícia local. Isto significava ser deportado para a Alemanha para morrer como escravo numa fábrica, ou ser jogado na prisão em Kiev, e provavelmente ser fuzilado ou espancado até a morte. Trusevich, como muitos outros, era simplesmente um homem que vivia sob sentença de morte, a ser cumprida num dia a ser decidido. Sua situação estava longe de ser peculiar. A vida para os cidadãos comuns de Kiev ficou quase intolerável nos primeiros meses da ocupação alemã. Famílias haviam sido desagregadas. Os chefes de família estavam mortos, mães tinham perdido seus filhos, crianças vagavam pela cidade em busca dos pais. Aqueles que não haviam sido mortos na selvageria do conflito, caíram vítimas da fome ou do regime implacável dos novos senhores. Notícias de amigos e de seres amados filtravam-se para dentro e para fora da cidade.

Naquele verão, nos primeiros dias da guerra no leste, quando ninguém realmente acreditava que a luta chegaria a Kiev, os moradores haviam feito os seus preparativos habituais para o inverno. Frutas tinham sido preparadas em

conserva, fizeram-se geléias e molhos, salgou-se o peixe. Agora que o inverno chegara, os suprimentos acumulados ou tinham sido destruídos na luta, ou deixados a apodrecer entre os destroços de casas cujos donos tinham morrido ou partido. Comprar comida era teoricamente possível, mas na prática exigia quase um milagre. Os Reichsdeutsche e os Volksdeutsche nunca sentiam fome pois tinham dinheiro suficiente para pagar pelos poucos suprimentos disponíveis. Para os locais, a história era muito diferente. Os que tivessem a sorte de encontrar trabalho poderiam, se tivessem ainda mais sorte, ganhar algo em torno de 50 a 100 rublos por mês. Um pão de forma de trigo branco no mercado custava cerca de 40 rublos, um litro de leite custaria 20 rublos, e um quilo de batatas — uma das bases da dieta ucraniana — poderia custar mais de 100 rublos. Manteiga era um artigo quase inexistente, mas quando encontrada, um quilo não sairia por menos de 300 rublos. Além desses produtos básicos, o *salo*, prato mais comum da Ucrânia, valia 340 rublos o quilo. *Salo* é, basicamente, gordura de porco salgada e temperada com alho ou pimenta do reino. Para qualquer pessoa fora da União Soviética é uma especialidade que se tem de aprender a gostar, mas para os ucranianos é seu prato nacional. É servido com qualquer outro prato ou comido sozinho — como as *tapas* na Espanha —, ou como tira-gosto com um *ryumka* de vodca. Diante desses preços e dos miseráveis salários por trabalhos quase impossíveis de encontrar, a população estava sucumbindo de fome aos poucos. Isto, é claro, era a política de Koch.

Como todo mundo, Trusevich parecia resignado a seu destino em curto prazo. Havia sempre a esperança não verbalizada de que Stálin e o Exército Vermelho os salvariam no fim, mas a perspectiva imediata era um teste cotidiano de sobrevivência. Ele pelo menos tinha a satisfação de saber que sua esposa judia e sua filha estavam em relativa segurança em Odessa. Depois de ver o que tinha acontecido com os judeus em Kiev, Trusevich sentia-se aliviado com a partida das duas. Kordik ficou estarrecido com a sua história e decidiu fazer alguma coisa para ajudar. Ofereceu imediatamente um emprego em tempo integral a Trusevich na padaria. Mestre-padeiro por quase 20 anos, Trusevich ficou encantado com o convite de Kordik e aceitou-o sem hesitar. Sua nova classificação, entretanto, impedia-o de retornar ao antigo posto, não importa quanto fosse competente. É verdade que, com a qualidade de farinha usada então, ele teria dificuldade para reconhecer a mistura preparada na padaria, se comparada com a rica variedade de pães que estava acostumado a fabricar. Trusevich acabou varrendo o pátio e dormindo em um dos alojamentos à noite. Quando começou seu trabalho na Padaria nº 3, Trusevich ficou espantado de ver que não estava sozinho.

Josef Kordik parece ter sido um homem dividido entre seu amor pelo esporte e seu desejo de sair-se bem para poder voltar à terra natal. Publicamente, apoiava os alemães. Chefiava uma operação eficiente na padaria e não toleraria que as regras fossem quebradas. Em particular, porém, parece ter tido as suas dúvidas. Sentia-se desapontado pelo modo como o movimento nacionalista tinha sido reduzido com eficácia, e também se horrorizava com as represálias e as execuções sumárias. Suas objeções parecem ter sido de ordem prática mais do que ética, porque ele sinceramente acreditava que as pessoas não trabalhariam bem se vivessem sob constante ameaça de execução sumária. Achava que trabalhar na padaria ou em todas as demais fábricas 24 horas por dia não era bom para o moral nem para a produtividade. Os operários não tinham tempo de descansar, nada para fazer fora das horas de trabalho, e dificilmente comiam o suficiente para manter-se em atividade enquanto estavam ali. Kordik ficou certo de que eles precisavam de alguma coisa mais, e também achou, é claro, que o esporte seria a resposta.

Tirar Trusevich da rua não foi uma ação isolada. Quando o goleiro chegou à padaria na rua Degtyarevskaya, viu que não era o único esportista ali. Havia, ocultos entre os trabalhadores, ginastas, ciclistas, boxeadores, atletas e muitas outras personalidades do mundo esportivo. Seria fácil imaginar Josef Kordik como uma figura parecida com Oscar Schindler, empenhado em esconder esses esportistas — homens e mulheres — do escrutínio dos alemães. Na verdade, suas razões parecem ter sido muito menos altruístas. Kordik era um aficcionado do esporte e, como para a maioria dos entusiastas, a idéia de conviver com seus heróis o mobilizou mais do que qualquer coisa. Parece que ele apenas queria ter gente como Trusevich e outros à sua volta, quase como bichinhos de estimação, porque o faziam sentir-se bom. Eles não recebiam um tratamento especial e, como Trusevich, eram incumbidos quase sempre das atribuições mais subalternas. Kordik apenas os queria perto de si.

Mas a chegada de Kolya Trusevich na padaria parece ter desencadeado uma idéia que estava dando voltas na cabeça de Kordik há algum tempo e que tinha origem na sua convicção de que os operários se beneficiariam se houvesse algo em suas vidas além do trabalho, algo que pudesse afastar de suas mentes sua existência massacrante. O que eles precisavam, Kordik acreditava, era de um time de futebol.

O sonho de um time de futebol poderia ser realizado somente com o apoio de um jogador respeitado e influente. Kordik, sozinho, não conseguiria criar um time. Assim, ele levou a idéia a Trusevich, cuja reação inicial foi de descrença, o que não espanta diante das circunstâncias. Mas a insistência de Kordik o venceu.

Havia alguma lógica nos argumentos dele. O trabalho na padaria proporcionaria o abrigo — em vista da falta de moradias, parte da fábrica fora convertida em dormitórios improvisados —, assim como uma certa quantidade de alimento e alguma segurança. Num certo momento, Trusevich, que apesar da falta de instrução formal era um homem inteligente, começou a achar a idéia interessante. Talvez tenham sido engenheiros checos que introduziram o jogo em Kiev, na virada do século, após aquela feira de Lvov, em 1892. E agora era outro checo que se esforçava para salvar a nata do futebol ucraniano. Trusevich refletiu e finalmente concordou em servir de intermediário para Kordik. Seu próximo passo seria encontrar os remanescentes do time, agora dispersos em Kiev e vivendo nas mesmas circunstâncias difíceis em que ele estivera havia pouco tempo. Durante a primavera de 1942, ele vasculhou a cidade, na tentativa de reunir o time. O primeiro que encontrou foi Makar Goncharenko que, no meio do caos e das privações, havia conservado seu uniforme e suas chuteiras porque estava convencido de que quem estivesse no comando iria querer que o futebol fosse jogado, mais cedo ou mais tarde. O pequeno ponta ficou encantado ao ver que tinha razão.

“Kolya veio me ver na rua Kreschatik, onde eu estava morando ilegalmente na casa da minha ex-sogra”, Goncharenko relatou depois, numa entrevista. “Ele chegou e batemos um papo sobre a idéia, e sobre como encontrar alguns dos outros. Fizemos contato com Kuzmenko e Sviridovsky, e eles também contataram outros companheiros.”

Finalmente, através de uma rede de contatos, Trusevich conseguiu chegar a todos os jogadores que ainda permaneciam na cidade. Não eram muitos. Alguns, como Shchegotsky, tinham tido sorte e rompido o cerco, e estavam lutando na guerra, em alguma parte. Outros, como o goleiro Yatchmennikov, tinham morrido nos campos. Outros ainda, como Lazar Kogen, haviam sido executados pelos alemães ou, como Burdukov, simplesmente desapareceram sem deixar vestígios. Mas Trusevich encontrou os que pôde encontrar. Também foi persuadido, parece que por Goncharenko, de que devia salvar tantos jogadores dos demais times quantos pudesse. Não havia mais lugar para rivalidades entre equipes.

“Depois que reunimos nossos próprios jogadores, também entramos em contato com alguns rapazes do Lokomotiv”, Goncharenko relembrou. “Encontramos Mikhail Melnik, Vasily Sukharev e Vladimir Balakin, e os convencemos a se juntarem a nós.”

Os jogadores do Lokomotiv não precisaram de muita persuasão. Como seus colegas do Dínamo, sua existência cotidiana era uma batalha. Eles precisavam

de um lugar para morar, precisavam de comida e de uma certa segurança. Então, aceitaram a proposta.

Josef Kordik ficava encantado, à medida que mais e mais nomes famosos se juntavam à sua equipe de sustentação. Não demorou para que a padaria tivesse uma turma completa de encarregados do pátio, formada por ex-jogadores de futebol. Eles passavam o dia varrendo o pátio, carregando e descarregando caminhões. Eram vistos com sacos de farinha nas costas e bandejas de pão para serem levadas aos caminhões de distribuição, enquanto refletiam sobre o fato de que agora tinham uma chance de se livrar da guerra. A comida ainda era escassa, mas seu status esportivo os beneficiava. Eles tinham sido levados para a padaria por Kordik porque eram famosos e os outros trabalhadores da fábrica sabiam disso. Muitos destes também ficaram tão entusiasmados quanto Kordik com a idéia de terem celebridades esportivas na Padaria nº 3. Os homens do Dínamo e do Lokomotiv eram heróis e seus fãs fariam tudo por eles, até mesmo surripiar comida quando possível.

“Eles jogavam pedaços de pão pela janela para nós, no pátio”, disse Goncharenko. “Não éramos obrigados a ficar no pátio, podíamos entrar nas áreas de produção, onde se fazia pão, mas tínhamos receio, porque havia muitas tentações ali, e então não íamos. Quem tentasse tirar pão poderia ser fuzilado no ato. Portanto, não roubávamos, exceto por alguns pedacinhos.”

Esse relato revela o outro lado de Josef Kordik. Embora ele possa ter sentido que as táticas de pulso de ferro alemães eram erradas, nunca faria nada tão ingênuo quanto queixar-se delas. Quando os alemães pediam punições ou represálias, ele concordava e lhes entregava os operários sem objeções. Goncharenko relatou um incidente especialmente sinistro, que serviu para os jogadores como lembrete de que, se eles estavam mais a salvo ali do que nas ruas, isto ainda era uma coisa muito relativa:

> Se alguma coisa se quebrava, o perigo era grande, porque os alemães achavam que era sabotagem. Eles nem investigavam para descobrir quem estava errado e quem estava certo, simplesmente punham todo mundo contra a parede. Uma vez, eu me lembro, alguém jogou vidro quebrado na massa do pão e estragou toda uma fornada. Os alemães nem tentaram saber quem tinha feito aquilo. Eles dispararam contra toda a equipe. Eram 22, na maioria mulheres e moças, mas eles fuzilaram todos.



Capítulo Sete

Quando a primavera de 1942 chegou, os alemães controlavam Kiev há pouco mais de seis meses. No inverno severo a temperatura caíra a menos de 30° centígrados, e centenas de milhares de pessoas por toda a Ucrânia haviam morrido de doenças, fome e congeladas. Dessa vez os efeitos da baixa temperatura também foram sentidos pelos nazistas. O "General Inverno" havia sustado a Operação Tufão — o avanço sobre Moscou — a apenas 20 quilômetros da capital. Walter Schaefer-Kenert fazia parte de uma divisão Panzer em Moscou e lembra que os soldados tinham de ser despertados a cada duas horas, durante a noite, para não morrerem congelados naquele traiçoeiro inverno. Houve também um número enorme de feridos, cujos dedos e artelhos foram amputados, ulcerados pelo frio.

Em Kiev e no resto da Ucrânia, a fome continuava a ser o pior flagelo. Integrantes bem-alimentados da Wehrmacht assistiam ao povo morrer de inanição em sua frente. As pessoas se despojavam de qualquer vestígio de dignidade na busca desesperada de algo para comer. Bebia-se água que havia sido usada para lavar os pratos alemães, na esperança de encontrar algum sustento nas sobras que ela podia conter. Outros faziam sopa de grama ou de cascas de árvores, ou até mesmo mastigavam diretamente as cascas arrancadas de carvalhos e bétulas. A fome, especialmente, era responsável em grande parte pela falta de reação da população local, o que levava os alemães a acreditar que seu tratamento havia pacificado os habitantes de Kiev. Os judeus continuavam a ser exterminados, os ucranianos metodicamente deportados para a Alemanha como mão-de-obra escrava, e tudo isto sem a menor resistência. Parecia que o objetivo de Hitler de esvaziar a Ucrânia era apenas uma questão de tempo. As ações de sabotagem e guerrilha haviam sido praticamente sufocadas, embora as execuções de represália prosseguissem. Por exemplo, cinco pessoas foram fuziladas no dia 4 de março "por abuso da confiança das forças militares alemães

na área de distribuição de comida e roupas à população local". Mas parecia que a maioria dos kievanos já estava preparada para viver sob o jugo germânico.

Esta, no entanto, é a história vista da perspectiva dos alemães. Para o grosso da população de Kiev, a vida estava totalmente desgraçada desde setembro de 1941. Eles tinham perdido a sua liberdade, graças ao processo de registro dos alemães. Aquele censo constituía um meio eficiente de controle. Uma vez que cada cidadão era obrigado a se registrar, os alemães conseguiram localizar muitos dos antigos líderes comunistas e executá-los. Os que preferiram escapar ao registro, também podiam ser executados, pois não tinham os documentos exigidos. E esses documentos só podiam ser obtidos através do registro. O sistema era tão infalível que os alemães o usavam como instrumento para eliminar certos setores da comunidade. Eles simplesmente impediam que determinadas pessoas se registrassem, de modo que, mais tarde, poderiam executá-las com bases legais, visto que elas não tinham aqueles documentos. A liberdade básica de ir e vir também foi suprimida. Os kievanos viviam sob o toque de recolher: quem estivesse nas ruas das seis da tarde às cinco da manhã enfrentava a acusação de fazer parte da guerrilha ou de grupos criminosos, e estava sujeito a fuzilamento. Os habitantes não podiam sair da cidade para visitar amigos ou parentes em áreas afastadas. Seus movimentos se restringiam ao perímetro urbano. Só os que estavam em Kiev no dia 20 de setembro ou a partir dessa data tinham o direito de permanecer na cidade. Todos os demais foram obrigados a sair, a menos que apresentassem uma boa razão para ficar, caso em que deveriam pedir autorização especial às autoridades. Para reforçar essa ordem, outro regulamento foi criado, determinando que ninguém oferecesse abrigo ou acomodação a alguém que estivesse ilegalmente na cidade, sob pena de fuzilamento de ambos.

Em janeiro de 1942, teve início uma campanha com vistas ao trabalho forçado. Deportações foram anunciadas no jornal *Nova Ukrainski Slovo* — Nova Palavra Ucraniana —, que substituiu o antigo *Ukrainski Slovo*. O jornal original era abertamente pró-nacionalista e defensor da independência ucraniana. Como a OUN, também fez uma avaliação equivocada das intenções do Alto Comando Alemão. Seu editor, Ivan Rohach, e toda a sua equipe foram levados para Babi Yar e fuzilados. O jornal substituto ainda era dirigido por nacionalistas, mas sob controle alemão e — o que não causa surpresa — adotou uma linha bem mais moderada a respeito da independência. Era também um porta-voz dos fascistas, como o *Pravda* para os comunistas. Tudo o que saía no *Nova Ukrainski Slovo* tinha o beneplácito das autoridades ocupantes.

Em 11 de janeiro de 1942, o *Nova Ukrainski Slovo* anunciava:

Homens e mulheres ucranianos — os comissários bolchevistas destruíram as suas fábricas, os seus locais de trabalho, e os despojaram de seus bens e do seu pão. Os alemães lhes dão a chance de um trabalho útil e bem-remunerado.

Durante a viagem, vocês terão bons suprimentos e comida quente. Na Alemanha, terão bom atendimento e boas condições de vida. Seus salários serão bons e vocês serão pagos de acordo com os salários vigentes, conforme a sua produtividade. Durante o tempo em que estiverem trabalhando na Alemanha, suas famílias estarão amparadas.

Homens e mulheres de todas as profissões — de preferência operários da indústria do aço com idades entre 17 e 50 anos — que desejarem ir para a Alemanha como voluntários deverão comparecer ao centro de serviços de Kiev, diariamente das 8:00 às 15:00.

O primeiro trem deveria partir em 28 de janeiro. O inexorável tom de exaltação do anúncio do jornal fez a oferta soar como infalivelmente atraente. Muitos, sem dúvida, suspeitaram dela, mas um número grande ficou seduzido por falsas promessas de alimentação diária e moradia segura. No dia 22 de janeiro, o trem já não tinha mais lugares disponíveis. Outro anúncio apareceu em março no jornal, com a mesma excitante exortação.

“A Alemanha está chamando! Conheçam a bela Alemanha!”, dizia esse anúncio. “Já há 100 mil ucranianos trabalhando na Alemanha. Por que você também não vai?”

Este fez bem menos sucesso que o primeiro. Por mais que o jornal procurasse transmitir encorajamento, os ucranianos já tinham recebido informações sobre as condições de trabalho enfrentadas pelos chamados Ostarbeiter — “trabalhadores do Leste”. Cada palavra do primeiro anúncio fora uma mentira. Os infelizes voluntários se viram amontoados em vagões de gado durante a viagem e o que comeram só dava para não morrer de fome, antes de serem instalados em campos de trabalho. Aqueles que não sucumbiram à fome ou à exaustão, ou que não foram executados por simples arbítrio dos novos “empregadores” diante de qualquer infração às regras, sobreviveram apenas para morrer mais adiante, nos ataques aéreos dos aliados sobre a Alemanha. As estimativas são de que cerca de 2,2 milhões de Ostarbeiter foram para a Alemanha. Não há números confiáveis quanto à pequena proporção dos que voltaram para a União Soviética.

Entretanto, a Alemanha precisava de operários, voluntários ou não. Hitler ordenara a Erich Koch que fornecesse por ano 450 mil operários da Ucrânia. A reação da Alemanha à falta de voluntários foi simplesmente tornar a operação obrigatória. Em 21 de março, Hitler emitiu a ordem que tornava compulsório o registro de todas as mulheres de 16 a 45 anos sem filhos, e daquelas cujos filhos tinham mais de 16 anos, para que elas pudessem ser mandadas para trabalhar na Alemanha. Uma vez que essas ordens chegaram, aproximadamente 40 mil

ucranianas passaram a ser enviadas a cada mês. Ainda assim, Albert Speer, o Ministro de Armamentos e supervisor logístico de Hitler, constantemente reclamava que a força de trabalho estava minguando. A simples aritmética demonstra a horrenda realidade de que mais de 40 mil homens, mulheres e crianças morriam a cada mês na Alemanha, fosse durante a viagem, fosse trabalhando como escravos, ou depois, vítimas das bombas dos aliados.

É significativo que os Ostarbeiter tivessem que ser empurrados para dentro dos trens com destino às fábricas alemãs: fica subentendido que a dominação da Ucrânia estava longe de ser completa, como a aparência exterior dócil parecia indicar. A população local não acreditava tão cegamente em seus superiores a ponto de confiar nas promessas de uma vida mais digna em seu país. Ao contrário, os kievanos entraram nos trens com fuzis apontados para eles.

Em 31 de maio, o Jardim Botânico reabriu e no primeiro dia mais de 2 mil pessoas foram visitá-lo, o que foi possível porque naquele mesmo dia os serviços de bonde voltaram a funcionar na cidade, com seis rotas restabelecidas. A resistência de Kiev se agitou. Ela estabeleceu uma “ferrovia clandestina” para encorajar as pessoas destinadas ao trabalho escravo a saírem da cidade. A volta à circulação dos bondes proporcionava o meio perfeito para retirar as pessoas da cidade à vista de todos. Os membros da resistência conseguiam colocar uma ou duas pessoas num bonde lotado e desembarcá-las nos limites da cidade. Dali elas podiam, com sorte, desaparecer nas florestas para juntar-se aos guerrilheiros, ou simplesmente fugir. Por volta da primavera de 1942, entre o setor nacionalista da população, havia, no máximo, uma profunda desconfiança das forças alemãs, que aumentou quando eles começaram a ser executados junto com os comunistas; e entre os comunistas remanescentes havia um ódio indisfarçado contra as forças ocupantes. A conquista de Kiev pode ter sido a pior derrota militar da história, mas para os comunistas na cidade era tida como um revés temporário.

A aparência de uma vida cotidiana tranqüila era sustentada por eventos cívicos com autorização oficial. Para celebrar os 53 anos de Hitler, na segunda-feira 20 de abril de 1942, todas as igrejas ortodoxas de Kiev receberam a ordem de celebrar missas em ação de graças pelo “libertador da Ucrânia”. Também houve uma parada especial na praça em frente da universidade para marcar a ocasião. Os fotógrafos da propaganda deviam focalizar moradores entusiásticos comemorando a grande data, mas as fotos reais tiradas pela resistência ucraniana contam uma história muito diferente. Vê-se uma grande multidão, mas os que aparecem nas margens, mais distantes dos alemães, mostram os verdadeiros sentimentos do povo de Kiev. Têm rostos contrariados e ressentidos. Os olhos

deprimidos, distantes do objeto que fixam, são de pessoas que estão ali porque têm consciência do perigo potencial que significaria a sua ausência. Mas o *Nova Ukrainski Slovo* continuava a despejar uma imagem agradável da vida sob os nazistas.

As escolas reabriam, de acordo com o jornal. As quatro turmas para os alunos com menos de 11 anos — tudo o que Koch permitia — iniciaram as aulas em 11 de maio. As casas de banho também reabriram e, por incrível que pareça, o jornal anunciava que duas lojas de flores e um quiosque no bazar Galitsky estavam em funcionamento e venderam 500 rosas por dia no mês de maio. Para qualquer um, exceto os Reichsdeutsche e os Volksdeutsche, as notícias sobre o mercado concorrido das rosas devem ter sido como sal numa ferida. A maioria dos ucranianos não tinha sequer dinheiro para comer. É difícil ver nessa notícia algo além de uma propaganda mentirosa.

A ocupação da Ucrânia colocou um singular desafio para as autoridades alemãs. A Ucrânia era, em grande medida, o território mais amplo e hostil que tiveram que ocupar. Países como a Áustria e a Hungria não eram considerados realmente hostis — a Hungria esteve ocupada apenas em 1944 como estratégia defensiva —, e mesmo naqueles países que eram hostis, como a França, os alemães não precisaram subjugar o território inteiro. Durante a primavera de 1942, os alemães fizeram esforços prolongados para convencer o povo da Ucrânia, e de Kiev especialmente, que a vida sob Hitler oferecia perspectivas muito mais agradáveis do que sob Stálin. Isto era um estratagema calculado: a esperança de que, ao conquistar os corações e mentes da população, ganhariam tempo para levar adiante sua política de exterminação e deportação. Eles já tinham usado táticas similares na França ocupada, onde permitiram a reintrodução de uma forma de “café society” com a reabertura dos clubes noturnos e cabarés. Os ocupantes alemães provavelmente apreciavam a música mas seu objetivo principal era tornar os parisienses mais tolerantes com a ocupação. Em Kiev, o abastecimento de alimentos gradualmente tornou-se um pouco mais farto. Embora para muitos ainda fosse difícil conseguir alimentos, um moderno café chamado “Margens do Dnieper” foi inaugurado e apresentava uma orquestra de jazz. Já era possível até mesmo fazer um corte de cabelo da moda. O *Nova Ukrainski Slovo* clamava que havia 50 salões de cabeleireiro funcionando em Kiev no final de maio — o corte de cabelo custava três rublos, um permanente 30 rublos e a barba dois rublos e meio. O toque de recolher também foi atenuado e as novas autoridades militares, cientes de que muitas pessoas estavam ansiosas para entrar e sair da cidade, relaxaram as regras de deslocamento e permitiram que fossem às cidades e aldeias próximas, desde que

tivessem os papéis de praxe.

Uma área, mais do que qualquer outra, era favorável para que se conquistasse o interesse da população: o amor ao esporte e à cultura física estava intrinsecamente ligado à formação da sociedade soviética. Se eventos desportivos pudessem ser regularmente oferecidos, então talvez a população local ficasse um pouco mais dócil. Os alemães iniciaram sua propaganda esportiva com o anúncio de que destinariam 50 mil rublos — uma soma fantástica naquela época — para a conclusão do estádio que estava em construção quando Kiev foi tomada. O estádio, que receberia o nome de Nikita Kruschev, passaria a chamar-se Estádio Ucraniano. Sua inauguração foi marcada para 8 de julho, com uma programação de boxe, ginástica e futebol. Um time nacionalista de futebol chamado Rukh havia sido criado e jogaria contra uma equipe formada por membros da unidade alemã local.

O homem responsável pela volta do futebol à cidade ocupada era Georgi Shvetsov, ex-jogador que, acima de tudo, nunca perdia uma oportunidade para se autopromover. Shvetsov era o mais novo de dois irmãos nascidos em Kiev pouco antes da virada do século. Pyotr, o mais velho, tinha maiores inclinações para os estudos acadêmicos. Gostava de ciência e nos últimos tempos estivera trabalhando para os bolcheviques como engenheiro-chefe numa usina de energia. Os talentos de Georgi eram mais voltados para o desempenho físico. Ele ficara muito impressionado com as histórias do avô, que morrera heroicamente na Bulgária quando os russos a libertaram dos turcos. Georgi estava decidido a igualar-se ao avô. Era um homem de ombros largos, alto e muito forte, e logo alcançou enorme sucesso na carreira que escolhera, como militar. Lutou com distinção e bravura na Primeira Guerra Mundial e foi condecorado com a Cruz de São Jorge, a mais alta ordem que a Rússia Imperial conferia a um soldado. Foi durante essa época no exército, em jogos com seus companheiros de armas, que Georgi descobriu o futebol. Embora fosse forte e corpulento, Shvetsov tinha boa coordenação e parecia feito para o futebol. Começou a jogar tarde, com mais de 20 anos, mas rapidamente afeiçoou-se a esse esporte. Entrou para o Cidade de Kiev, que era de fato o time de sua cidade natal, e jogou com algum sucesso. Logo suas proezas de artilheiro, atuando como atacante, atraíram a atenção do Lokomotiv, e ele se tornou uma das estrelas desse time. Os torcedores adoravam ver Shvetsov abrir caminho na defesa dos adversários quando arrancava para marcar mais um gol. Sua enorme força física tornava difícil para os opositores tirar-lhe a bola, e seus fãs o apelidaram de “Paravoz”, que significa “máquina a vapor”.

O auge da sua carreira foi em 1923, quando o Lokomotiv venceu o

campeonato de Kiev. Vários jogadores do time foram depois transferidos para o Dínamo, mas o clube não ofereceu um contrato a Shvetsov. Talvez seus dirigentes achassem que ele já passara da idade. Shvetsov recebeu mal essa decisão. Ficou extremamente decepcionado. A essa altura, já era um herói de guerra, mas o futebol lhe dera fama e popularidade. Conservou a amargura por ter sido dispensado pelo Dínamo, o que exacerbou seu desejo de ter êxito no esporte por outros meios. No começo, voltou-se para a arbitragem, mas não se deu bem. Shvetsov recebera aquele apelido por sua natureza incontrolável dentro de campo, mas fora dos gramados era também assim. Fanfarrão e intolerante, não se destacava pela habilidade em lidar com as pessoas. Reclamava muito e em voz alta, para quem quisesse ouvir, que sua carreira fora prejudicada por um complô de árbitros judeus. É verdade que havia quatro juízes de futebol judeus nos registros da associação local de futebol, mas a idéia de que eles conspiraram para sabotar Shvetsov ou qualquer outro jogador era certamente reflexo de um anti-semitismo raivoso. A triste verdade, no que lhe dizia respeito, era que seu temperamento inflamado não estava adequado a um árbitro, como todos deviam perceber, exceto ele próprio. No seu entender, ser juiz constituiria um degrau para realizar o sonho de se tornar um burocrata influente na área esportiva. Ele tinha muitas idéias e um entusiasmo sem limites, mas sua incapacidade para trabalhar com os outros levou-o ao fracasso na conquista dos altos cargos que julgava merecer.

Quando a guerra começou em junho, Shvetsov era instrutor esportivo do 6º Regimento Ferroviário, que estava baseado perto da aldeia de Grushki, não muito longe de Kiev. Ao contrário de muitos de seus colegas instrutores e de outros soldados, ele não parecia muito preocupado com a perspectiva da invasão alemã. Logo após o início da operação Barba-Roxa, ele simplesmente desapareceu e voltou a Kiev para esperar a chegada dos alemães. Depois que estes tomaram a cidade, Shvetsov subitamente passou por uma conversão e tornou-se um fervoroso nacionalista ucraniano. Para os alemães, ele era um cidadão modelar. Mas durante todo o tempo estava prestando atenção ao que acontecia na cidade, aguardando apenas a oportunidade de realizar seus sonhos frustrados. O sinal mais evidente da mudança política de Shvetsov foi que ele deixou de falar russo para falar ucraniano. A necessidade de ser bilíngüe para ter sucesso sempre foi motivo de desentendimento entre os ucranianos. O único modo de prosperar sob o bolchevismo era falando russo, o que significava que deviam abandonar sua própria língua. Sob os alemães, contudo, as pessoas pelo menos podiam expressar seus sentimentos em seu próprio idioma.

Shvetsov era um leitor fiel do *Ukrainski Slovo*. Mesmo quando o jornal foi

substituído pelo *Nova Ukrainski Slovo*, ele não protestou, uma vez que o novo periódico concordava em linhas gerais com seus próprios sentimentos, pois permanecia anti-russo, antijudeu e anti-polonês. Embora se tratasse praticamente de um panfleto de propaganda, Shvetsov anteviu as vantagens de trabalhar para o jornal. Antes da guerra, ele tinha escrito um pouco, e agora se via como um influente jornalista esportivo, posição de algum status na sociedade. Ele conhecia K.F. Shtepa — professor de história, reitor da Universidade de Kiev e editor do jornal — e tirou proveito disso para conseguir um emprego como jornalista. Não era raro que os heróis soviéticos do esporte se tornassem influentes jornalistas e administradores. Este era um caminho que Shvetsov havia traçado para si, mas sua falta de sofisticação seria sua ruína. Seu empenho em se promover era tal que muitos dos seus artigos nada mais eram que polêmicas histéricas. Para sua infelicidade, não teve a astúcia de buscar a proteção do anonimato ou de um pseudônimo. Publicava os artigos assinados e, embora tenha sobrevivido à guerra, seu ego lhe custou depois muitos anos nos campos de trabalho soviéticos.

O jornalismo era apenas outra dimensão de sua investida em duas frentes para alcançar uma posição de influência e poder. Além de escrever artigos para o jornal, ele também organizou um time de futebol com outros indivíduos que compartilhavam de sua simpatia pelos fascistas. Batizou o time de Rukh, um termo tradicional do nacionalismo ucraniano que significa “movimento”. Contudo, ficou frustrado quando o time não atraiu os jogadores de categoria que esperava atrair. Shvetsov era jogador e também empresário de futebol, mas, exceto ele próprio, havia poucos jogadores realmente habilidosos. O Rukh era um time com base numa filiação política mais do que no talento futebolístico, e estava longe de ser popular por causa dessa filiação escancarada aos ocupantes alemães. Suas partidas eram jogadas no velho Estádio do Dínamo que os alemães haviam rebatizado de Estádio Alemão e que permanecia interditado para a população. Shvetsov, em combinação com o professor Shtepa, convenceu as autoridades de que isso era um erro. Chegaram a um acordo e o campo foi finalmente rebatizado como Estádio Ucraniano. Mesmo assim, quando o Rukh jogava ali, a maioria do público se constituía de alemães, com alguns nacionalistas locais, porque os elementos considerados não-confiáveis eram barrados na entrada. Naturalmente, esses tipos inconfiáveis incluíam os antigos jogadores do Dínamo que, como prisioneiros de guerra, não tinham permissão para participar.

Famosos por direito, já que poucos homens jovens haviam sobrado em Kiev, Trusevich, Kuzmenko e Nikolai Korotkykh eram, sem dúvida, notórios.

Shvetsov percebeu o potencial de propaganda que seria para ele ter esses heróis comunistas do esporte no seu time colaboracionista. Entretanto, não importando os atrativos que lhes foram oferecidos, nenhum dos jogadores do Dínamo ou do Lokomotiv reunidos por Josef Kordik quis renegar seus princípios ou os de seus colegas e assinar com o Rukh, mesmo que isto lhes tivesse garantido uma melhoria significativa em suas vidas e perspectivas imediatas de sobrevivência. Apenas dois jogadores — Nikolai Golembiovsky e Lev Gundarev — jogaram em ambos os times. Nenhum dos dois era particularmente conhecido ou influente, nem desfrutava de grande simpatia com os comunistas. Não se sabe se eles foram ou não membros da OUN. Suas políticas eram mais próximas da de Shvetsov. Gundarev, por exemplo, foi particularmente duro ao tratar com as esposas dos jogadores do Dínamo que haviam escapado do cerco e ainda estavam combatendo. Ele destruiu os seus apartamentos em incursões oficiais e também ajudou a despejar aquelas que considerava inimigas do novo regime. Golembiovsky era pouco melhor. Ele participou de interrogatórios e ajudou os alemães em sua perseguição à população local.

Na ocasião em que o Rukh se estabeleceu, Kuzmenko e Korotkykh haviam se juntado a Trusevich e aos demais jogadores na padaria. Antes, eles estavam vivendo — a maioria ilegalmente — em várias partes da cidade, mas à medida que mais esportistas foram sendo admitidos como mão-de-obra, encontraram acomodação nos dormitórios relativamente seguros da fábrica. Eles trabalhavam por longas horas nas equipes de manutenção, mas tão logo terminavam suas tarefas iniciavam um treino informal para distrair os outros trabalhadores da padaria com suas habilidades. Josef Kordik se deleitava com todos os seus desportistas — homens e mulheres — pela glória e respeitabilidade refletidas sobre ele, mas orgulhava-se acima de tudo do que considerava como “o seu time”. E acabou convencendo as autoridades alemãs de que seria bom para levantar o ânimo que eles tivessem permissão para sessões formais de treinamento. Os alemães, ansiosos por conseguir a pacificação através de um programa de normalização, acharam a sugestão sábia, e concordaram. A essa altura, Kordik tinha reunido um espetacular grupo de jogadores na rua Degtyarevskaya 19. Graças ao encontro casual com Trusevich, pôde reunir alguns dos melhores jogadores da Ucrânia — dos melhores de toda a União Soviética, aliás — no pátio da Padaria nº 3.

Trusevich era o homem-chave do time. Não só era um goleiro extraordinário, o melhor da URSS, como também uma espécie de talismã para o grupo. Fora ele quem havia conseguido juntar a equipe, era ele quem os divertia com suas piadas e seu bom humor e ele quem, a despeito de seu temperamento folgazão, estava

profundamente comprometido com a causa do grupo. Trusevich era um dos que Shvetsov mais gostaria de ter no Rukh, porque sabia que, se ele fosse, os outros o seguiriam também. Mas o goleiro, que nunca deixava passar um dia sem agradecer a sua boa sorte por ter enviado esposa e filha para um lugar seguro, opunha-se implacavelmente aos alemães, e resistiu a todas as lisonjas de Shvetsov.

Formada à frente de Trusevich estava uma plêiade impressionante de esportistas talentosos. Alexei Klimenko era o mais moço e, apesar de sua aparência juvenil, era um defensor aguerrido. Era rápido, atlético, e a ferocidade de sua marcação contrastava com a sua compleição esguia. Seus colegas de zaga eram Mikhail Sviridovsky e Fyodor Tyutchev. Embora estivessem tecnicamente aposentados do futebol — Sviridovsky, que também era o treinador *de facto* do time, havia jogado na equipe de 1932 do Kiev —, eles tinham acertadamente visto a oferta de Trusevich como uma tábua de salvação e a agarraram com sofreguidão. Com o veterano Mikhail Putistin, da equipe que recebeu a medalha de prata em 1936, eles eram os membros mais velhos do time. Porém ainda estavam em forma e não haviam perdido suas habilidades. E não se consideravam mais velhos, e sim mais experimentados.

Homens como Nikolai Korotkykh, antes uma figura de segundo plano no banco, agora tinham finalmente uma chance de mostrar seu valor. Nos últimos dez campeonatos Korotkykh estivera alternadamente dentro e fora da equipe do Dínamo, em parte porque freqüentemente se ausentava da cidade em funções oficiais. Jogava como meia-avançado, mas não costumava ser escalado habitualmente para o time titular. Isto era uma fonte constante de irritação para ele, uma vez que ninguém dava muita atenção aos reservas. Era um jogador muito bom, mas no Kiev de antes da guerra estava entre jogadores excepcionais e por isso achava que não jogava tanto quanto merecia por seu talento. Finalmente foi transferido para o Rut Front, um time do Instituto Politécnico local, para o campeonato de 1939. O Rut Front era dirigido por Stephan Sinitza, um dos antigos jogadores do Kiev, e naquele campeonato, com Korotkykh na equipe, conquistou a Taça de Kiev. Agora, mais uma vez, Korotkykh se via em uma equipe de jogadores excepcionais, mas desta vez teria chance de brilhar.

Foi entre os atacantes que Trusevich encontrou maior reforço. Além de Nikolai Makhinya, que marcara o único gol do primeiro jogo no campeonato de 1936, ele também tinha localizado Pavel Komarov, o maior goleador do Dínamo de antes da guerra. Os críticos diziam que faltava coragem a Komarov para enfrentar as bolas divididas, mas ele tinha o instinto de atacante e era um goleador nato. A falta de força física de Komarov era compensada por seu

notável parceiro Ivan Kuzmenko, habitualmente citado entre os melhores jogadores da União Soviética e que no primeiro campeonato imediatamente antes da guerra fizera 15 gols. Era um homem enorme, que os amigos comparavam a um guerreiro tártaro, com o cabelo que caía sobre a testa como a franja de uma cortina. O chute de Vanya — como o chamavam — era como um tiro de canhão, e ele conseguia mandar a bola da linha média diretamente para o gol. Não satisfeito em depender apenas de sua força natural e da potência de seu arremesso, ele também era extremamente consciente e se empenhava em melhorar sua atuação. Konstantin Shchegotsky se lembrava de uma ocasião em que alguns jogadores do Dínamo ficaram parados, depois do treino, observando Vanya. Ele estava costurando pacientemente três bolas de futebol vazias, uma dentro da outra, para depois enchê-las e praticar então com uma bola de peso três vezes maior do que o regulamentar. Vanya calculava que, depois de treinar com aquela bola pesada, poderia chutar com muito mais potência a bola oficial. Ele era também um homem cuja bravura acompanhava sua força física. Não havia nada que não fizesse por seu time. Numa partida decisiva contra o Dínamo de Tbilisi, Kuzmenko machucou o pé, mas não havia ninguém para substituílo. O treinador perguntou-lhe se conseguiria jogar e ele concordou. Esquadrinhando o vestiário, encontrou uma chuteira dois pontos acima da sua. Calçou-a no pé machucado, apertou bem os cordões e voltou para o segundo tempo.

Kuzmenko era quem dava força ao time, mas Makar Goncharenko — o ponta que conservara cuidadosamente as suas chuteiras na certeza de que ainda jogaria novamente — era quem proporcionava o ímpeto e a intuição. Goncharenko era compacto e difícil de derrubar quando estava com a bola, por causa do seu baixo centro de gravidade. Ele era incrivelmente rápido e os fãs estavam acostumados a vê-lo abrir seu caminho, deixando as defesas aos tropeços, enquanto procurava passar a bola para um parceiro ou ir direto para o gol. Como os verdadeiros craques, Goncharenko era dotado de uma extraordinária visão e antecipação das jogadas. Quando estava com a bola nos pés parecia ser capaz de ver seus companheiros, não onde estavam, mas onde estariam daí a meio segundo. Podia-se confiar que passaria a bola para Kuzmenko ou Komarov exatamente onde eles deviam recebê-la. Naquilo em que Kuzmenko era um instrumento bruto, Goncharenko era um artista. Seu chute não era violento, mas era preciso, e poucas vezes errava. Seus colegas haviam-se acostumado tanto à sua habilidade de chegar sozinho à meta que, quando ele estava diante do goleiro adversário, simplesmente viravam as costas e dirigiam-se para o círculo central, esperando ouvir o apito do juiz anunciando o gol. Raramente se enganavam.

Além desses jogadores talentosos do Dínamo, havia também os que vieram do Lokomotiv para fortalecer a equipe. Homens como Mikhail Melnik, Vladimir Balakin e Vasily Sukharev eram igualmente famosos, e sua reputação se equiparava à dos jogadores do Dínamo de antes da guerra. Não havia dúvida de que Josef Kordik possuía uma equipe formidável, e quando Georgi Shvetsov conseguiu persuadir os alemães a reabrirem o campeonato oficial de futebol, era inevitável que o time da Padaria nº 3 participasse. Mas o time precisava de um nome, e decidiram se autodenominar F.C. Start. O nome em russo ucraniano é tão prosaico quanto em inglês, a palavra significa exatamente a mesma coisa nas duas línguas: “começo”. Este é um nome muito comum em clubes de todas as variedades esportivas e pode simbolizar um novo empreendimento, algo que se ergue do chão pela primeira vez. Também é, segundo a tradição de denominar os clubes esportivos de organizações ou sociedades, um nome apolítico, o que pode ter, nesse caso, um sentido subjacente.

Os alemães finalmente anunciaram que o futebol voltaria e que o novo campeonato começaria no dia 7 de junho de 1942. A primeira partida oficial seria entre o F.C. Start e o Rukh.



Capítulo Oito

O início do primeiro campeonato de futebol organizado na Ucrânia após três temporadas sem jogos foi um acontecimento significativo, no que diz respeito aos alemães. Não havia uma liga de futebol, e os times do Start e do Rukh, assim como os das várias guarnições alemãs — seis times ao todo — se enfrentariam em uma série de partidas amistosas. A temporada de verão começaria num domingo, 7 de junho de 1942, e os ocupantes planejavam tirar dela o maior proveito possível. Eles adotavam uma política de não-interferência em relação ao esporte, mas isto não os impedia de se arrogar o mérito pelo que consideravam como mais uma melhoria da qualidade de vida sob Hitler. Os alemães decidiram fazer um verdadeiro carnaval no Estádio Ucraniano. O tempo estava magnífico e o toque de recolher havia sido relaxado para que o jogo entre o Start e o Rukh pudesse ter início às cinco e meia da tarde. Naturalmente, Georgi Shvetsov, em seu artigo para o *Nova Ukrainski Slovo*, deu todo o apoio ao acontecimento.

> Com a permissão do Stadtkommissariat e a ajuda das autoridades municipais, nossa vida esportiva está voltando à normalidade. O primeiro time de futebol, chamado Rukh, já está organizado, e vários clubes estão se formando em diferentes fábricas e unidades militares. Por exemplo, a padaria já formou seu clube e conta com alguns dos melhores jogadores de futebol da cidade. No domingo 7 de junho, às 17h30min, no Palácio do Esporte, será realizada uma partida entre o Rukh e a padaria, e às 14h um outro jogo, entre o regimento local da Luftwaffe e um time do serviço de intendência de uma das divisões. A entrada é franca.

Num eco ao artigo de Shvetsov, cartazes em alemão e em ucraniano foram afixados nas ruas pela cidade inteira, anunciando o jogo. Esperava-se que chamassem a atenção, uma vez que era a maior distração da guerra oferecida à população em meses. Como a entrada era franca, aqueles que não tinham trabalho poderiam desfrutar de um pouco de alívio em suas vidas penosas assistindo a uma partida de futebol.

O time da padaria, contudo, não havia tomado levianamente a decisão de jogar. Alguns dos jogadores — Makhinya, especialmente — achavam que isto podia ser visto como uma forma de colaboração com os alemães. Com seus fortes sentimentos stalinistas, Makhinya argumentava que eles não deveriam jogar, e que deveriam estar preparados para aceitar as conseqüências disso. Havia também aqueles que achavam que o jogo podia levantar o moral do povo de Kiev, principalmente se eles jogassem bem. O debate se travou entre um grupo de homens que se conheciam bem. Eles trabalhavam juntos, treinavam juntos, descansavam juntos. Embora só tivessem se passado algumas semanas desde que Trusevich começara a recrutar jogadores para o F.C. Start, uma intensa camaradagem, nascida das circunstâncias extraordinárias, já os aproximava. Em qualquer equipe de futebol, os jogadores tendem a gravitar em torno de um líder natural, quase sempre o capitão da equipe. Os jogadores do Start tendiam a dar mais atenção a dois integrantes: o veterano Putistin, que fora membro do glorioso time de 1936, e o eloqüente Trusevich. Putistin fazia-os manter a cabeça fria, embora todos se sentissem solidários com a situação familiar de Trusevich e compreendessem seu ódio aos alemães. Juntos, os dois faziam com que o grupo tivesse uma visão equilibrada da realidade. Mas em relação àquela competição crucial, foi Trusevich que deu a palavra final, não através de retórica, mas pela descoberta de algo que passara despercebido por ocasião da queda de Kiev, e que ele e Putistin encontraram entre as ruínas de uma loja.

A maioria dos jogadores que estavam com ele vinha do Dínamo de Kiev; alguns eram veteranos como Putistin, alguns eram relativamente novos no antigo time como Kuzmenko, e alguns ainda eram aspirantes, como Korotkykh. Mas havia também três jogadores do Lokomotiv — Melnik, Balakin e Sukharev —, tão famosos quanto os melhores do Dínamo. Quando se reuniram na garagem da padaria para decidir o que fazer, foi Trusevich quem revelou-lhes o que ele e Putistin tinham encontrado na loja: um jogo de camisas de futebol de lã vermelha, ali deixado por alguém na pressa de escapar dos invasores alemães. Ninguém sabia a que time elas haviam pertencido, mas certamente não eram do Dínamo, já que as cores do clube eram azul e branco. Os dois, Trusevich e Putistin, estenderam as camisas no chão, diante dos colegas.

“Não temos armas”, disse Trusevich, “mas podemos batalhar pela nossa própria vitória no gramado. Mikhail e eu usaremos estas camisas. Desta vez, os membros do Dínamo e Zheldor [nome oficial do Lokomotiv] vão jogar com a mesma cor, a cor da nossa bandeira. Os fascistas vão ver que esta cor não pode ser derrotada.”

Foram palavras simples e de grande poder emocional. O Start participaria do

campeonato e eles jogariam com a camisa vermelha. Para si próprio, Trusevich conseguiu uma camisa de malha preta com listras vermelhas, que serviria como camisa de goleiro.

Para Georgi Shvetsov, o jogo oferecia a oportunidade de descarregar o ressentimento que guardava há quase 20 anos contra o Dínamo, desde o dia em que seus dirigentes recusaram-se a contratá-lo porque o consideravam velho demais. Ele era velho mas, como provou em sua arenga sobre "a conspiração dos árbitros judeus", nunca permitiria que a verdade suplantasse um preconceito. Agora estava numa posição em que podia saldar antigas dívidas no dia da abertura da temporada. Não só se vingaria contra um time composto em grande parte por seus antigos rivais, como o faria diante dos novos governantes e de um público de milhares de kievanos. Essa grande vitória sem dúvida aumentaria as suas chances de prosperar como administrador esportivo influente no novo regime. Shvetsov certamente acreditava que o Start não seria páreo para o seu próprio time. Como um time de nacionalistas que viviam na população em geral, o Rukh tinha muito mais liberdade do que os jogadores do Start, trabalhadores da fábrica de pão, que eram prisioneiros de guerra. Enquanto estes trabalhavam na padaria numa escala rotativa de 24 horas, os jogadores do Rukh tinham empregos regulares, com bastante tempo livre. O Start era deficiente em equipamentos. Exceto pelas camisas de malha, o resto de seus uniformes era improvisado. Em lugar de calções, tinham de usar calças cortadas. Goncharenko tinha chuteiras mas os outros, que não tiveram tanta certeza de que ainda precisariam delas, calçavam botas de trabalho, sapatos comuns, sapatos de lona, o que pudessem encontrar e no tamanho que encontrassem. Os jogadores do Rukh tinham uniforme completo, comiam bem, descansavam mais e estavam, de um modo geral, em melhor forma que os do Start. Em média, o time do Rukh também era mais jovem e mais preparado que a maioria dos jogadores do Start.

A situação mudou dramaticamente quando o juiz romeno apitou para iniciar a partida, às cinco e meia da tarde. Não obstante a condição física, não havia como negar que o Start era, do ponto de vista técnico, um time muito superior. Os nacionalistas podiam ser mais rápidos e ter melhor forma, mas o Start era uma equipe. Eles confiavam em sua capacidade e no entendimento que crescera no grupo durante as peladas jogadas depois do trabalho. O Rukh, muito menos experiente, passou a maior parte do jogo correndo atrás deles pelo campo, com pouco a mostrar para compensar o esforço. No final da partida, o Start estava solto. Goncharenko estava à vontade, driblando a defesa do Rukh sem parar, deixando os oponentes tontos. O Start venceu facilmente, com o placar de 7**x**2. Shvetsov ficou furioso e humilhado. Seu grandioso projeto entrara em colapso

diante do primeiro obstáculo. Sua reação foi tipicamente mesquinha: foi direto ao comandante da cidade, major-general Eberhardt, e pediu que o estádio ficasse fechado para os jogadores do Start, argumentando que verdadeiros patriotas não podiam se misturar com prisioneiros de guerra. Eberhardt não deu muita importância ao fato, pois para ele eram apenas dois times ucranianos em confronto, mas cedeu. Também permitiu que Shvetsov recrutasse para o Rukh os jogadores do Start que não fossem considerados especialmente indignos de confiança. Naturalmente, Shvetsov tinha em vista os melhores e tentou seduzi-los com promessas de casa e comida, mas, como antes, eles recusaram.

Embora seu time tivesse sido humilhado em campo, Georgi Shvetsov conseguira causar algum dano ao Start. Sem acesso ao Estádio Ucraniano, seus componentes não tinham outro lugar para treinar ou jogar além do pátio da padaria. Isto poderia significar que eles teriam de desistir dos outros jogos programados. Mas nesse momento Josef Kordik veio em seu socorro. Kordik tinha pouca participação na rotina diária do time, apesar de ter sido ele quem o reuniu. Essa tarefa cabia a um homem chamado Grigory Osinyuk, sobre o qual só se sabe que era Diretor de Esporte da padaria. Era Osinyuk quem comandava com Sviridovsky os treinos e que lidava diariamente com os jogadores, enquanto Kordik tocava o negócio da padaria. Mas Kordik era um negociador experiente. Afinal de contas, conseguira se tornar um Volksdeutsche para ficar na direção da padaria, e era um páreo duro para Shvetsov. Assim como este persuadira as autoridades a barrar o Start do Estádio Ucraniano, Kordik as convenceu a permitir que usassem um outro campo. Ele acreditava nas virtudes do esporte e do exercício físico como antídoto para a rotina massacrante de trabalhar 24 horas na fábrica. Parece que tinha esperanças de convencer os novos governantes de Kiev de que as condições de trabalho eram muito duras e que deviam ser contrabalançadas pelo encorajamento a outras atividades. Novamente, o regime militar parece ter dado pouca importância a essa disputa local, mas no fim Kordik conseguiu para seu time o pequeno Estádio Zenit, ao lado de um parque público no centro de Kiev. Foi ali que o Start passou a treinar e que as partidas seguintes de que participaria foram realizadas.

O segundo jogo da temporada foi contra um time da guarnição húngara. A Hungria era aliada da Alemanha e havia assinado o Pacto Tripartite — o mesmo com que Hitler seduzira Stálin em 1940 — para estabelecer uma nova ordem mundial. A Hungria assinara junto com a Romênia e, embora houvesse soldados húngaros e romenos combatendo, como participantes da operação Barba-Roxa, eles estavam ali mais para cumprir ordens do que por ideologia política. Seus governos podem ter se aliado a Hitler, mas quanto aos soldados no *front* esta era

apenas uma decisão tomada por políticos. Não havia de fato uma afinidade cultural ou sociológica entre húngaros ou romenos e alemães. Eles tinham mais laços em comum com a Ucrânia, em termos de cultura, filosofia, estilo de vida e mesmo fronteiras geográficas. Mesmo assim, o time húngaro recebeu ordens de jogar, e o compromisso devia ser cumprido.

Não houve nessa partida qualquer sinal da magia do futebol húngaro que entusiasmaria o mundo esportivo na década de 1950. O time da guarnição era muito fraco, e nenhum dos seus componentes tivera antes um desempenho profissional. O Start batizou seu novo campo em 21 de junho com uma vitória de 6**x**2. Novamente o Start dominou a partida do começo ao fim e um observador comentou mais tarde que os dois gols dos húngaros foram de impedimento, mas que o juiz os confirmou para não humilhá-los. Alguns dias depois, também no Zenit, a equipe visitante foi a da guarnição romena, obviamente vencida e desta vez por um placar de 11**x**0. Os jogadores do Start disseram que os romenos pareceram não se importar com a derrota. De fato, o Start encontrou entre eles vários fãs, que torceram pela equipe de Kiev nas partidas subseqüentes. E a reputação do Start começou a crescer. O *Nova Ukrainski Slovo* anunciava os jogos com antecedência e lhes dava bastante publicidade para garantir a presença do público mas, curiosamente, depois os resultados eram abafados, publicados no final de alguma coluna. Por essa razão, é muito difícil encontrar hoje relatos e detalhes sobre esses primeiros jogos. Essa aparente tentativa dos nacionalistas de suprimir do jornal seus rivais comunistas não impediu, no entanto, que a cidade despertasse aos poucos para o fato de que o Start era um time habilidoso, que jogava um bom futebol e que estava dando sinais de ser imbatível. As notícias sobre suas vitórias se espalhavam pela cidade e, quando os kievanos se reuniam e conversavam sobre futebol, o sucesso do F.C. Start era invariavelmente mencionado. Cada vitória da equipe levantava o ânimo da população. Mesmo a imposição do pagamento de cinco rublos pelo ingresso não impediu a multidão de correr para o estádio em número crescente. O time fez uma genuína diferença na vida dos habitantes comuns de Kiev, homens e mulheres. Um maquinista de trem, um homem sem nenhum interesse particular por política, que era um garoto de 12 anos quando os alemães ocuparam Kiev, recordou como isto aconteceu:

> Eu morava com a minha mãe na rua Degtyarevskaya 19, e freqüentemente ia à rua Kerosinnaya, onde ficava o estádio, para ver como nosso time jogava. Como era muito caro para entrar, nós, meninos, costumávamos pular a cerca. Foi um verão muito quente e as partidas em geral começavam ao cair da tarde, quando o calor já não era tanto. Os juízes costumavam ser romenos que falavam muito bem ucraniano, alemão e húngaro. Só havia cadeiras para os alemães, e os torcedores tinham que ficar de pé ao longo de linhas laterais, ou sentados na grama.

> Trusevich era formidável no gol, e Goncharenko um grande atacante. Quase sempre podia-se contar com ele para marcar um monte de gols em cada partida. Eu estava entre os garotos que corriam para buscar a bola quando ela saía de campo. Às vezes ela ia parar na rua Kerosinnaya. Nosso time sempre vencia e o time do Rukh sempre acabava perdendo feio.

Os alemães estavam satisfeitos por terem deixado o futebol a cargo das autoridades civis. Até então, o Start tinha se mostrado popular, mas suas três vitórias haviam sido contra equipes de outros territórios vencidos, portanto nada havia que causasse preocupação. Isto, contudo, mudaria no jogo seguinte, marcado para a sexta-feira 17 de julho de 1942, quando o Start enfrentou o PGS, um time de uma unidade militar alemã, dando-lhe uma surra de 6**x**0. A defesa do Start havia se consolidado — levou apenas quatro gols em quatro partidas — e os atacantes faziam gols com facilidade, alcançando a marca de 30 gols nessas mesmas quatro partidas. O Start estava se tornando um fenômeno e o *Nova Ukrainski Slovo* não podia mais ignorá-lo. Mas continuou a não lhe dar muito destaque. Pela primeira vez, o jornal publicou um comentário sobre o jogo, mas esforçou-se em interpretar o resultado do modo mais propício para os alemães. O artigo é assinado “R.D.”, e é quase uma apologia aos ocupantes, ao criticar o Start, embora finja elogiá-lo:

> É impossível descrever esse jogo como sendo uma conquista para o Start. O time alemão é composto por jogadores individuais e fortes, mas não podemos considerá-lo como um time no verdadeiro sentido da palavra. Seus jogadores estão na mesma unidade simplesmente por acaso. Também é óbvia a falta de treinamento do PGS, e mesmo o time mais forte não pode vencer sem treinar. O Start, como todos sabem, é composto por jogadores do antigo Dínamo, um time profissional, e por esta razão devíamos exigir e esperar de sua parte muito mais do que eles mostraram em campo. Os jogadores de Kiev ficaram em impedimento mais de dez vezes, o que poderia ser justificado pelo pequeno tamanho do campo, mas por algum motivo os alemães nunca ficaram impedidos.

O infeliz comentário de R.D. consegue apresentar uma boa descrição da partida, mesmo quando tenta mostrar o PGS à luz mais favorável possível. Nas entrelinhas, o relato constrói uma imagem de um time de Kiev que parece ter passado a maior parte do jogo atacando sempre na área dos alemães. O PGS provavelmente não cometeu impedimentos porque seus jogadores nunca conseguiram levar adiante os seus ataques, e quando em algum momento chegaram à área do time de Kiev, a defesa do Start foi mais do que capaz de lidar com eles. O repórter também parece sugerir que o Start falhou por não ter vencido por uma diferença maior. E, depois de fazer críticas indiretas ao juiz romeno, lança um *cri de coeur* muito comum, culpando as condições do campo: “Por que equipes tão boas têm que jogar num campo pequeno tão malconservado, onde a grama é tão alta que às vezes a bola fica presa, ao invés de correr?”

Uma coisa que R.D. parece não ter levado em conta é que, não importava quão alta ou malconservada estivesse a grama, aquele campo sujo, próximo a um parque público, ainda era a mãe-pátria para os jogadores do Start, que lutariam por ele e o defenderiam tão heroicamente como se fosse a própria cidade de Stalingrado.

No meio de suas queixas, entretanto, R.D. assinala que Klimenko e Sviridovsky se sobressaíram, o que sugere que uma defesa bem-armada era a base do esquema do Start: defender com vigor e atacar com astúcia. Sem levar em conta o estado do gramado e a arbitragem, que talvez estivesse ansiosa por não desagradar aos alemães, e a julgar pelo breve comentário do jornal, a partida foi disputada num clima tão normal quanto possível, no que diz respeito aos jogadores.

Numa entrevista de rádio gravada e transmitida em 1992, Makar Goncharenko relembra aquele verão e se recorda de duas coisas. A primeira é que, com exceção de um jogo, os alemães e seus aliados haviam se comportado com esportividade. Não cometeram, ele contou, faltas deliberadas nem houve tentativas de trapaça. Goncharenko também admitiu que o Start tinha se esforçado para não provocar desnecessariamente os alemães. O time jogou com empenho para vencer a partida, mas não houve tentativas de humilhar ou menosprezar os adversários. Parece óbvio que os jogadores de ambos os lados estavam fazendo tudo para deixar a política de fora e se concentrar no jogo. Eles eram, antes de qualquer coisa, jogadores de futebol, e depois representantes de uma ideologia política. A partida contra o PGS foi uma espécie de marco decisivo para o reconhecimento do Start pela imprensa. O jornal não só publicou o comentário como também a fotografia de ambas as equipes após o jogo. É uma foto em preto e branco, mas é fácil reconhecer os alemães com suas camisas brancas e os componentes do Start em suas camisas escuras (de fato, vermelhas). Todos os jogadores que se tornaram famosos com o Start estão ali.

Goncharenko está numa extremidade da fileira, sorridente. Trusevich, o goleiro acrobático, que guardou uma segunda camisa limpa para a foto, parece feliz, assim como o atacante Kuzmenko, com aspecto um pouco menos agressivo do que no seu esplendor, mas ainda uma potência. Tyutchev, Timofeyev e Korotkykh também ostentam sua satisfação com a vitória. Klimenko, o jovem zagueiro, parece exultante, da mesma forma que Komarov, logo atrás dele, que finalmente teve a oportunidade de mostrar seu valor. E bem no meio da primeira fila, comprovando que a idade não é uma barreira para a experiência, estão os veteranos Mikhail Melnik e, sem camisa, Mikhail Putistin.

A expressão em seu rosto e nos dos outros jogadores comprova o que

Goncharenko disse na entrevista a respeito do clima que prevaleceu naquelas partidas. Não são os rostos sulcados e sombrios de homens vivendo sob uma sentença de morte iminente. Eles estão animados e cansados pelo exercício, mas sorriem e se regozijam com sua própria atividade física. Mesmo os alemães estão sorridentes embora, na condição de derrotados, seus sorrisos pareçam um pouco mais forçados. Mas a impressão geral não é de hostilidade. Há um clima de naturalidade e despreocupação entre esses homens. Não se vêem sinais ostensivos de antagonismo. A foto tanto poderia ter sido tirada após uma pelada de domingo como no meio do maior conflito armado do século XX. Uniformes foram trocados por camisas de futebol; momentaneamente, não havia ali soldados e prisioneiros de guerra, mas simples jogadores de futebol. Assim como nos famosos jogos de futebol do dia de Natal, nas frentes de batalha na Primeira Guerra Mundial, durante 90 minutos a guerra e suas conseqüências foram esquecidas. No Estádio Zenit apenas o futebol reinou.

Porém, independentemente do espírito esportivo que prevaleceu nos jogos, o Start se tornava cada vez mais problemático para os alemães, como Goncharenko assinalou naquela entrevista de 1992. Uma população que, se não totalmente acovardada, estava se tornando submissa, encontrava agora no F.C. Start um motivo de união. A perícia e a vivacidade de seu desempenho faziam a equipe conquistar amigos. Não eram só os habitantes de Kiev que começavam a adotá-lo como seu time — até seus oponentes mostravam-se entusiasmados com ele. Depois de derrotar tão impiedosamente os romenos, o Start agora tinha muitos torcedores nessa guarnição em Kiev. Seus jogadores recordaram como os romenos costumavam burlar a vigilância e chegar ao vestuário do Start antes das partidas para levar-lhes comida às escondidas. Depois saíam sorrateiramente, desejando boa sorte aos ucranianos e encorajando-os a dificultar a vida para as autoridades.

Mesmo com o Start conquistando uma torcida cada vez maior entre a população local, os alemães ainda mantinham sua política de não-interferência. Em particular, contudo, deviam desejar que o Start manifestasse sinais de fraqueza e perdesse uma partida. Havia um jogo marcado entre o Start e outro time húngaro, o MSG Wal, no domingo 19 de julho. Menos de um mês antes eles tinham derrotado a guarnição húngara por 6**x**2, mas agora previa-se um confronto mais duro, porque o MSG era muito mais competente e bem-organizado como time do que aquele que fora derrotado pelo Start. Aparentemente, sua equipe tinha jogadores com experiência profissional e o grupo treinava regularmente. Mas no fim o Start venceu com ampla vantagem por 5**x**1. Novamente, R.D. publicou no dia seguinte seu comentário no *Nova*

Ukrainski Slovo. Desta vez, o Start não foi agraciado com elogios fingidos; ele não recebeu nenhum, pois o artigo sugeria que sua vitória não fora merecida. Segundo R.D., o resultado não foi justo:

> A despeito do resultado final, não é possível comparar a força desses dois times. Os húngaros jogaram a maior parte do tempo com dez homens porque um dos seus jogadores se contundiu e teve de sair de campo no início do jogo. O Start foi salvo mais uma vez por Sviridovsky e Klimenko. Mas mesmo quando os húngaros se encontravam diante do arco de Trusevich, seus esforços foram infrutíferos, porque estavam com um homem a menos.

O Start venceu, mas venceu contra um time com dez homens. Naqueles tempos, um jogador que se machucasse era uma perda irreparável pois o regulamento não permitia substituições. Assim, era compreensível que tendo perdido um jogador logo no início da partida o MSG acabasse apanhando. O resultado simplesmente prejudicara uma equipe que sentia não merecer uma derrota por 5**x**1. Logo após a partida, os dirigentes do time húngaro foram procurar as autoridades para pedir-lhes uma revanche. O jogo contra o MSG deveria ter sido o último da temporada do Start. Os alemães, contudo — obviamente animados pelo nível de perícia que os húngaros haviam demonstrado, e na esperança de uma derrota do Start —, concordaram em prolongá-la por mais uma semana. O novo jogo foi marcado para o domingo seguinte, 26 de julho.

A notícia do encontro de revanche se espalhou pela cidade, e multidões acorreram ao Estádio Zenit. Embora um bilhete custasse cinco rublos — medida que visava a coibir o ingresso da população empobrecida de Kiev —, o público foi ainda maior do que nos jogos anteriores do Start. Além da natural curiosidade dos que estiveram no primeiro jogo, havia outro motivo de atração nessa partida: pela primeira vez, o *Nova Ukrainski Slovo* relatou as circunstâncias excepcionais que levaram à criação do time num artigo intitulado “Esportistas da mesma fábrica”.

A história, assinada por A. Gavrilyuk, descrevia os jovens que trabalhavam na padaria cujo diretor empregava não só jogadores de futebol como também grandes boxeadores, ginastas e nadadores. O artigo acrescentava que todos eles poderiam treinar para competir em eventos locais. Mas — assinalava — “o maior orgulho da padaria é seu imbatível time de futebol”.

Houve, sem dúvida, muita gente que foi ao Zenit naquele dia para ver esse fenômeno com seus próprios olhos. Desde o pontapé inicial, os jogadores do Start sabiam que seria um jogo difícil e que sua reputação de “imbatíveis” poderia estar em risco. Um dos motivos era o calor excessivo. Mesmo com a partida marcada para o entardecer, o calor minava o desempenho dos jogadores,

que continuavam trabalhando na padaria no esquema de turnos de 24 horas. Outro fator a ser considerado era que o MSG, já tendo jogado com o Start, estaria mais bem-preparado para enfrentar o time de Kiev. A partida foi arduamente disputada e o MSG mostrou que, com todos os seus homens em campo, era um adversário respeitável. O Start foi obrigado a lutar com toda a sua capacidade e experiência, diante de uma equipe muito superior a qualquer uma das que enfrentara antes. Conseguiu fazer três gols no primeiro tempo marcados por Kuzmenko, Komarov e Goncharenko. Mas o MSG não desistia. No segundo tempo o time húngaro atacou repetidamente e a defesa do Start, organizada pelo veterano Sviridovsky e pelo jovem Klimenko, ficou sob pressão constante. Afinal, a pressão venceu, e o Start concedeu um pênalti, que os húngaros converteram. Esse gol trouxe novo fôlego para a equipe e logo eles marcaram novamente. Na fase final do jogo, o Start estava começando a esmorecer, enquanto os húngaros atacavam com força renovada. Só a habilidade de Trusevich no gol e o bom desempenho de Klimenko na zaga impediram o empate. Quando o juiz apitou o encerramento, o Start tinha ficado nos 3**x**2. Os jogadores saíram de campo num estado quase de exaustão, mas ambas as equipes se confraternizaram e foram saudadas com entusiasmo pelo público recorde ao se dirigirem para os seus vestiários.

Um disputa épica e a tremenda vitória do Start eram a última coisa que os alemães desejavam. Não só o Start tinha derrotado o time mais forte que enfrentara até então como a reputação de seus jogadores como heróis populares tinha se reforçado. Um número crescente de kievanos se reunia só para falar sobre “o nosso time” e para reviver os êxitos do Start em termos épicos. O ânimo na cidade estava começando a mudar e as conquistas do Start no futebol se refletiam na cidade como um todo, chegando rapidamente ao ponto de incomodar. A política de não-interferência teria de ser abandonada e diferentes planos postos em prática para lidar com o assunto.

Uma outra partida de futebol se realizou em Kiev, em 26 de julho de 1942. Para os cidadãos comuns da cidade o jogo que atraiu mais atenção foi a revanche entre o Start e o MSG, mas a outra partida foi talvez muito mais significativa. Enquanto multidões barulhentas se dirigiam para o Estádio Zenit, no Estádio Ucraniano o ambiente era muito mais contido. Assim como o Start disputara todas as suas partidas no Zenit, o Rukh jogara no recém-reformado estádio nacional. Os nacionalistas eram menos ardentes em seu apoio ao Rukh do que os comunistas em relação ao Start, o que reflete o abismo existente entre os dois times. A maioria da multidão no Estádio Ucraniano era composta por soldados de folga que queriam apenas assistir a um pouco de futebol para quebrar a

monotonia. No dia 26 de julho, havia mais soldados ali do que de costume, para ver o Rukh de Georgi Shvetsov contra um time chamado Flakelf. Algumas fontes mencionam o Flakelf como a equipe oficial da Luftwaffe, mas isso parece ser um exagero. No papel de “guarda pretoriana” de Hitler, a SS parece ter sido a elite das forças nazistas, os mais puros entre os arianos puros, mas na aristocrática Luftwaffe estavam seus esplêndidos cavalheiros do ar. Ao descrever o Flakelf como time da Luftwaffe, as autoridades militares tentavam dar-lhe um ar de invencibilidade. Havia alguns pilotos no Flakelf, mas a maioria do time vinha das guarnições das baterias antiaéreas em Kiev, como o nome sugere: os 11 (*elf* em alemão) da Flak (bateria antiaérea). Sem mencionar sua composição, o *Nova Ukrainski Slovo* o descreve como um time que nunca perdeu uma partida e que sem dúvida era o mais forte do lado alemão naquela época. Além do fato de que o Flakelf venceu com brilho, nada se sabe sobre o resultado do jogo, que não foi registrado no jornal nem em outro lugar. Algumas fontes afirmam que o Flakelf não só venceu e manteve a sua invencibilidade, como dizem que sua vitória foi tão fácil que o jogo mais pareceu um treino. O que é exatamente o que se pretendia: já estava decidido que o Rukh era apenas um ensaio para deixar o Flakelf bem-afiado para uma partida contra o Start.

Nenhuma equipe alemã saíra vitoriosa na temporada de futebol e as autoridades estavam ansiosas para que ela terminasse o mais cedo possível. Sua intenção fora cooptar os habitantes, de forma que seus planos fossem alcançados sem perturbações. No entanto, tudo o que conseguiram foi criar um talismã para os ucranianos. Com a guerra na União Soviética que já durava mais de seis meses além do previsto e cujo término era uma incógnita, esta situação era inadmissível. O inconteste potencial do Start como ponto de união dos kievanos precisava ser abafado imediata e definitivamente. A solução mais simples — mandar os jogadores para a prisão ou fuzilá-los — só criaria mártires para os ucranianos, o que era ainda menos desejável. O Start não podia ficar com qualquer vestígio de grandeza mística. Ele teria que ser destruído no campo de futebol, diante de seus próprios torcedores, e seus destruidores necessariamente teriam que ser os alemães. O bolchevismo tinha sido esmagado no campo de batalha, agora teria que ser esmagado também no gramado de um campo de futebol. A temporada seria novamente prolongada, por mais uma semana, e haveria mais uma competição.

O jogo entre o Start e o Flakelf foi marcado para o dia 6 de agosto de 1942, uma quinta-feira. O público não foi tão grande quanto de costume porque era um dia de semana, mas havia um grande número de alemães no estádio. Tinham ido ver seu time comprovar sua superioridade física e moral diante daqueles joões-

ninguém da padaria. O *Nova Ukrainski Slovo* também estava alerta e se esmerou em fazer mais do que seu relato sucinto. Esse jogo seria manchete de primeira página e os alemães queriam que a notícia se espalhasse aos quatro cantos.

O Start teve um dos seus jogos mais fáceis da temporada e ganhou por 5**x**1.



Capítulo Nove

Não houve relatórios oficiais sobre a ampla vitória do Start sobre o Flakelf, e detalhes a respeito do próprio jogo não são mais encontrados. Mesmo assim, as notícias sobre o resultado logo se espalharam pela cidade. Eram más notícias para os alemães, num momento em que isto era tudo o que eles não desejavam. Em 28 de julho de 1942, por coincidência dois dias depois de o Start ter batido o MSG Wal no seu segundo encontro, Josef Stálin emitiu sua infame Ordem nº 227, que ficou conhecida como “Nem um passo para trás”. No verão anterior, ele havia emitido uma ordem parecida, a ordem *Stavka*, proclamada pelos alto-falantes na ocasião em que os alemães passaram sobre os soldados mortos e moribundos da União Soviética, ao invadirem o país. Desta vez, a ordem era diferente porque seria executada com o máximo rigor. De acordo com a Ordem nº 227 “alarmistas e covardes devem ser eliminados. A idéia da retirada deve ser combatida. Comandantes do exército que permitiram o abandono voluntário de posições devem ser afastados e enviados para imediato julgamento em corte marcial”.

A ordem destinava-se principalmente ao Exército Vermelho que ainda estava tonto após esmagadora derrota infligida na queda de Rostov. O 6º Exército Alemão estava agora quase às portas de Stalingrado. Em conseqüência disto, Stálin providenciou a organização de brigadas de bloqueio, ou de execução, cuja única missão era atirar em qualquer um que desertasse diante do inimigo. Essas brigadas de execução posicionavam-se geralmente na segunda fileira durante as principais ofensivas para desencorajar os que estavam na primeira fileira a voltar atrás e debandar. Embora atos importantes de sabotagem quase não acontecessem mais, a resistência e a guerrilha ainda estavam ativas na espionagem em Kiev, em 1942. Alguns relatos dão a entender que seus grupos guerrilheiros se deixaram apanhar deliberadamente no cerco para formar unidades de resistência. A nova diretiva de Stálin circulou rapidamente pela

cidade, boca a boca. Esta era uma função-chave da resistência ucraniana durante a ocupação alemã. Eles conseguiam transmitir informações clandestinamente para dentro e para fora da cidade. Através da resistência, homens como Trusevich ficavam sabendo que suas famílias estavam a salvo e também que seus esforços no campo de futebol estavam alcançando uma esfera de influência muito maior. Stálin fizera saber ao povo de Kiev que, para o bem da pátria, era preciso resistir por todos os meios, e agora, com o sucesso do F.C. Start, os kievanos tinham um foco simbólico para essa resistência.

Foi o próprio Hitler quem decretou que a perfeição física da nação ariana garantiria sua superioridade na arena esportiva. Sua filosofia foi eloqüente e poderosamente articulada pela documentarista Leni Riefenstahl no filme que realizou em 1935, *O triunfo da vontade*, um hino à superioridade ariana. Riefenstahl também fez o documentário oficial sobre as Olimpíadas de 1936 em Berlim, outro suposto triunfo do Führer. Em Berlim, Hitler foi prejudicado pelo atleta negro americano Jesse Owens que dominou os jogos ganhando quatro medalhas de ouro. Agora, mais uma vez, os *Untermenschen* comprovavam a loucura da eugenia racista de Hitler. A doutrina do Führer fora contestada por um time meio faminto de um povo supostamente vencido. Era fatal que isto fosse considerado inadmissível.

O Start havia derrotado o Flakelf numa quinta-feira mas, no dia seguinte, centenas de panfletos anunciando a revanche apareceram nas vitrines das lojas, em edifícios, cercas e postes de luz por toda a cidade. A produção dos panfletos era, por si só, uma confissão pública de que as coisas não tinham ido bem para o Flakelf na primeira partida, e o tom do anúncio acabava com qualquer dúvida que alguém ainda pudesse ter quanto ao estado de espírito predominante na administração militar. Os panfletos foram impressos no mesmo papel cinza desbotado dos anúncios oficiais. Como antes, os detalhes foram dados em ucraniano e alemão, e a população soube que no domingo seguinte, 9 de agosto, haveria outro jogo no Estádio Zenit na rua Kerosinnaya. Entretanto, sob a palavra “futebol”, e realçada por letras de igual tamanho, lia-se a palavra “revanche”. O Start e o Flakelf iriam jogar de novo e ninguém podia duvidar que os alemães pretendiam vencer a partida, não importava como.

Por acaso ou deliberadamente, a escalação do Flakelf como equipe destinada a esmagar os pretensiosos ucranianos é interessante. Ases da aviação, como Adolf Galland, eram os ídolos da Vaterland pois ele e seus colegas levaram as táticas da *Blitzkrieg* de Hitler à iminência da vitória na Europa. Mas a Luftwaffe falhou excepcionalmente no *front* oriental. Os pilotos fizeram incursões aéreas muito prolongadas e foram forçados a voar em péssimas condições, nada

adequadas a suas aeronaves. Durante a operação Barba-Roxa, perdas severas foram infligidas à Força Aérea Soviética, que, graças à obstinação de Stálin em não admitir a possibilidade da invasão alemã, deixou seus aviões em terra, para serem bombardeados. Os sobreviventes lutaram com tenacidade e eficiência. Mais tarde receberam um reforço de novos aviões dos Estados Unidos e da Grã-Bretanha, mas ainda em meados de 1942 os pilotos soviéticos se recusavam resolutamente a ceder o controle do espaço aéreo. A perda da superioridade aérea germânica foi um forte golpe para o progresso da operação Barba-Roxa e uma das razões para que a luta tenha se estendido por muito mais tempo além do previsto por Hitler para conquistar a União Soviética. Foi nesse contexto que um time derrotado da Luftwaffe se viu subitamente agraciado com uma segunda chance. A temporada de futebol de 1942 seria prolongada para uma competição final.

No intervalo de 72 horas entre as duas partidas, kievanos ansiosos esquadrinharam todas as fontes possíveis de informação sobre o jogo. A partida fora anunciada, como as anteriores, no *Nova Ukrainski Slovo*. Os cidadãos da cidade ocupada estavam acostumados à leitura das entrelinhas, mas desta vez não havia nenhuma pista. O jogo seria no domingo, às cinco da tarde, e, como os dias de gratuidade já iam longe, o ingresso custaria novamente cinco rublos. A única outra informação divulgada com antecedência — e que era incomum — foi a lista de jogadores do F.C. Start convocados — Trusevich, Klimenko, Sviridovsky, Sukharev, Balakin, Gundarev, Goncharenko, Chernega, Komarov, Korotkykh, Putistin, Melnik, Timofeyev e Tyutchev. A lista é curiosa e diz muito sobre quão seriamente as autoridades haviam encarado os jogos até ali, pois tem pouca relação com as equipes que o Start colocara em campo anteriormente. Gundarev, por exemplo, era um jogador do Rukh que aparecera no Start apenas uma vez, na primeira partida, quando o time da padaria ainda se empenhava em ter o número de atletas necessário. Havia também ausências notórias, uma das quais a de Vanya Kuzmenko que era, junto com Goncharenko, um dos mais amados e carismáticos jogadores do Start. Paralelamente às ausências, na lista foram atribuídos ao clube 14 componentes em sua equipe, o que era algo como um milagre para um time que às vezes tinha dificuldade em contar com 11 homens em forma. A lista errada divulgada nos panfletos reflete o fato de que, até então, o Start havia sido praticamente ignorado pelas autoridades e que a pouca informação publicada se limitava ao resultado e a um comentário muito breve sobre os jogos. Parece provável que aqueles que produziram os cartazes, assim como o anúncio no *Nova Ukrainski Slovo,* realmente ignorassem quem jogava pelo Start, e a lista era apenas um equívoco, causado pela pressa com que

o anúncio foi feito.

É razoável presumir que ninguém além da hierarquia imediata alemã em Kiev tenha se preocupado muito com os resultados anteriores dos jogos da temporada. Nenhuma dessas partidas colidia com a filosofia da raça superior. Tomada a cidade, os alemães tinham desimpedido o caminho e, condescendentes com a paixão soviética pelos esportes, fomentaram eventos destinados a proporcionar diversão aos kievanos. Supunham que os domingos seriam dias em que as famílias sairiam a passeio, numa trégua à dureza da semana de trabalho. Uma competição dominical também encorajaria as pessoas a encherem o estádio. Quando o Flakelf foi derrotado — e derrotado de modo inequívoco — as atitudes mudaram e a temporada de futebol de súbito adquiriu uma dimensão abertamente ideológica. A política da não-interferência foi abandonada.

Os alemães estavam tão determinados a ganhar a primeira partida que tinham feito tudo para atingir os jogadores do Start. A competição não se desenrolou "da maneira correta", foi o eufemismo tático usado por Goncharenko para descrever a brutalidade da Luftwaffe. Mas a ênfase na força física mais do que na habilidade não salvou o Flakelf da condição superior e do trabalho de conjunto dos adversários. A derrota para os alemães na revanche era simplesmente impensável. Os jogadores do Start estavam certos de que o tratamento violento dispensado pelos alemães na primeira partida seria repetido ainda com mais vigor na segunda. O juiz da primeira partida, de acordo com Goncharenko, estava tão decidido a ver a vitória dos alemães que ignorara a maioria das faltas cometidas por eles, e não havia razão para que agisse de modo diferente na segunda disputa. Mas naquele primeiro jogo, até um juiz favorável ao Flakelf foi incapaz de protegê-lo da derrota. Não havia dúvida de que, mesmo levando em conta seu estado físico precário e o pequeno intervalo entre as partidas, o Start poderia derrotar o Flakelf novamente. Mas será que teriam permissão para fazê-lo? Segundo Goncharenko, os jogadores do Start tinham ouvido boatos de que o Flakelf traria jogadores bem-dispostos de todo o cenário europeu, atletas reconhecidos internacionalmente que participariam apenas daquele jogo. Havia também indícios de que os alemães não confiariam a arbitragem aos romenos, presumivelmente neutros, que antes haviam desempenhado essa tarefa.

A entrada do Estádio Zenit, apropriada para a natureza gladiatória da competição que iria ser travada, é de estilo neoclássico. A multidão que se comprimia na rua Kerosinnaya atravessava primeiro uma fileira de colunas, depois um portão construído sob uma série de arcos. Era nesse portão que se pagavam os cinco rublos. Aliás, para os torcedores que assistiram a todos os jogos do Start, o preço dos ingressos equivalia aproximadamente à metade do

salário mensal. Mesmo assim, a partida atraiu o maior público da temporada, mais numeroso ainda que o do segundo e polêmico confronto com o húngaro MSG Wal, sobre o qual o Start teve a apertada vitória de 3**x**2. No segundo jogo contra o Flakelf, o estádio ficou lotado.

O Estádio Zenit foi construído numa pequena depressão, no meio de um grande bairro residencial. Uma vez atravessado o portão, a multidão seguia por uma avenida cercada de árvores até o campo, que fica num anfiteatro natural, ligeiramente à direita em relação à entrada principal. Não é difícil imaginar o Zenit como uma instalação que servia à comunidade local, um lugar onde as famílias podiam ir nas tardes de domingo para fazer piqueniques na relva ou assistir a algum evento esportivo. Embora o Start tenha sido forçado a realizar seus jogos no Zenit como resultado da petulância de Shvetsov, o estádio era sem dúvida um cenário perfeito para a pretensão alemã de restaurar a paz através do esporte. No final do caminho, um pequeno lance de meia dúzia de degraus de pedra conduzia os espectadores a uma arquibancada ligeiramente mais elevada de onde podiam ver o campo de futebol. O gramado, que estava de fato irregular e sem conservação como o jornalista do *Nova Ukrainski Slovo* reclamara, era cercado por uma pista de corrida que definia a forma oval do estádio. Os únicos assentos no estádio ficavam ao longo de uma das laterais. Eram assentos rudimentares, bancos semelhantes a dormentes de trem encostados ao longo de uma mureta. No centro da fileira de bancos ficava a tribuna de honra, um arranjo igualmente básico, pouco mais que um telhado de metal apoiado em seis pilastras. O chão dessa tribuna se nivelava com o da arquibancada e se estendia por dois metros sobre este, com uma elevação que permitia a seus ocupantes ter uma visão total do campo. Uma grade de metal com cerca de um metro de altura os separava da turba.

O carnaval esportivo dos primeiros jogos guardou pouca semelhança com os acontecimentos de 9 de agosto. Havia poucos sinais de uma festividade em família. À medida que os habitantes de Kiev entravam no Estádio Zenit naquela tarde quente de domingo o significado da partida não lhes escapava. Era mais um dia de calor abafado, no auge do verão. A multidão que se acotovelava no corredor em direção ao campo se defrontou com a visão de soldados da Wehrmacht, com ar ansioso, postados ao longo do caminho. Treinadores de cães, com poderosos animais pastores alsacianos, também se mantinham em guarda para garantir a ordem. Isto era uma novidade, uma demonstração da gravidade com que os alemães estavam encarando a partida. Quem quer que tenha vivido sob ocupação nazista já tinha visto o que esses cães podiam fazer se fossem soltos, e por isso todos se mantinham o mais possível longe deles. Quando o

estádio se encheu, uma sensação estranha dominou a multidão. Era uma atmosfera de expectativa contida. Makar Goncharenko recorda que os torcedores do Start estavam nervosos. Obviamente eles queriam que seu time ganhasse, mas devem ter compreendido que outra vitória para o Start poderia levar à repressão, talvez à violência, e à perda das poucas liberdades que agora desfrutavam, após quase um ano de ocupação. Os kievanos que chegaram cedo, na esperança de conseguir um lugar para sentar, ficaram desapontados. As arquibancadas ao lado do gramado estavam lotadas de soldados alemães.

Os ucranianos ajeitaram-se o mais confortavelmente possível no espaço disponível. Os primeiros a chegar sentaram-se na grama em volta da pista de corrida, enquanto os outros ficaram de pé, atrás deles. Aproximava-se a hora do pontapé inicial e a multidão ainda entrava. Os que estavam na frente colocaram-se sobre a pista, para dar mais lugar. Só os soldados alemães, cutucando-os com as botas, os impediam de avançar nos limites do próprio campo de jogo. Não se viam bandeiras nem se entoavam cantos e os únicos toques de cor na multidão eram os torços de rendas usados tradicionalmente pelas mulheres de Kiev em seus cabelos. Sem perceber a apreensão de seus pais, as crianças não reprimiam a excitação, especialmente os meninos. Eles ainda disputavam posições mais próximas da lateral de modo a ver melhor seus heróis, ou quem sabe trocar uma palavra com eles, e servirem de gandulas. Sem redes ou cercas em volta do campo, sempre havia uma chance de que homens como Kuzmenko mandassem uma bola voando até a rua Kerosinnaya, com um menino correndo atrás para pegá-la e devolvê-la de modo que o jogo pudesse continuar.

Mas, além das crianças, havia um outro foco de agitação na assistência. Onde quer que Vladimir Klimenko estivesse, sempre havia uma multidão em torno dele. Não era apenas porque como artistas de circo por várias gerações os Klimenko estavam entre as mais antigas, mais conhecidas e mais respeitadas famílias de Kiev. Vladimir era o mais velho de três irmãos: Alexei, que tivera um desempenho heróico na defesa do Start durante toda a temporada, era o mais jovem. Vladimir tinha a energia e o físico para jogar futebol, mas era manco desde a infância, o que o impedira de seguir a profissão escolhida. Em vez disso, tornou-se ceramista e escultor, e seus trabalhos eram muito procurados antes da guerra. Vladimir Klimenko estava acostumado a ser o centro das atenções porque os amigos, os vizinhos e até pessoas totalmente desconhecidas o assediavam com perguntas sobre seu irmão e sobre o resto do time. Vladimir amava Alexei como a um filho e talvez visse seu irmão mais novo vivendo a vida que ele desejara para si. Fosse qual fosse a razão, não havia para Vladimir — a quem as crianças chamavam de “tio Volodya”, usando o diminutivo

afetuoso — nada que ele gostasse mais do que falar de Alexei.

Quando se aproximou a hora do apito inicial, a multidão ganhou um pouco de confiança, devido a seu tamanho, e ouviram-se alguns coros de canções tradicionais do folclore ucraniano. Desde cedo o estádio estava lotado, o que exigiu esforços combinados do guardas armados de rifles, dos policiais ucranianos com bastões, e dos treinadores de cães para impedir que a multidão invadisse o gramado.

A tensão também repercutiu no vestiário do F.C. Start. Como todo mundo, os jogadores sabiam exatamente o quanto esse jogo havia se tornado importante. Quaisquer dúvidas sobre as intenções dos alemães foram rapidamente dispersadas quando alguém bateu na porta. Anos mais tarde, Makar Goncharenko ainda podia se recordar do homem que entrou. Ele era, segundo o atacante do Start, alto e careca e usava um uniforme da SS. Duas coisas ficaram gravadas na memória de Goncharenko: a primeira delas eram suas maneiras impecáveis, e a segunda era que ele falava russo impecavelmente.

“Sou o juiz do jogo de hoje”, declarou o homem. Ele falava lentamente, sem elevar a voz, pronunciando cuidadosamente cada sílaba. “Sei que o time de vocês é muito bom. Por favor, sigam as regras, não infrinjam qualquer regra, e antes do jogo cumprimentem seus adversários à nossa maneira.”

Embora seu pequeno discurso tenha sido polido, quase cortês, havia algo claramente sinistro no tom estudado e neutro que ele empregou. Não deixava margem para dúvidas quanto à implicação da mensagem dirigida a Goncharenko e aos outros. O Start não estava apenas sendo convocado a enfrentar um time alemão bem-treinado, bem-alimentado e com o reforço de novos jogadores, mas também teria pela frente um oficial da SS como árbitro. Além disso, a solicitação de “saudar os oponentes à nossa maneira” só podia significar uma coisa: esperava-se que eles começassem a partida com a saudação nazista e gritassem “Heil Hitler”.

Depois que o juiz se retirou, o vestiário ficou em tumulto enquanto a perversidade da mensagem caía sobre eles. Alguns queriam desistir e abandonar o jogo. Outros acharam melhor ignorar as instruções do alemão e simplesmente entrar em campo como sempre. Alguém opinou que deviam se esforçar para humilhar os alemães com uma vitória ainda mais ampla do que no primeiro jogo. Os jogadores não foram os únicos a contribuir para a decisão final. Houve uma verdadeira romaria de visitantes ao vestiário. Soldados romenos novamente levaram de presente comida e votos de boa sorte. Outros torcedores recomendavam cautela diante da atitude dos alemães. Alguns jogadores do Rukh, inclusive Lev Gundarev, sugeriram que talvez fosse melhor se eles

perdessem o jogo. Também alguns funcionários municipais deram esse conselho: os rapazes já tinham dado o melhor de si e agora talvez fosse a hora de não pensar mais no assunto e deixar os alemães vencerem.

O vestiário do Start funcionava como qualquer outro. Ao se aproximar a hora do início do jogo os visitantes foram resolutamente conduzidos para fora, enquanto os jogadores foram deixados sós para decidir a sua sorte. Antes das partidas, um vestiário de futebol se transforma numa entidade curiosa, com uma vida e uma dinâmica próprias. É o lugar onde os atletas se recolhem do mundo exterior. É talvez o único lugar onde eles podem fechar a porta e ficar completamente à vontade. Não há segredos no vestiário, cada um depende dos outros. Se há algum descontente na equipe, os outros conseguem detectá-lo no vestiário. Se há dois jogadores que não se dão bem, isto fica imediatamente aparente. E não importa quão fortemente as opiniões são defendidas no vestiário: uma vez que a decisão é tomada, ela vale para todos. Os times de futebol são dirigidos na base da responsabilidade coletiva. O Start começara a sua existência como um grupo de jogadores que estavam gratos pelo refúgio que a Padaria nº 3 lhes tinha proporcionado. Nas nove semanas decorridas desde o primeiro jogo, em 7 de junho, eles haviam se tornado uma verdadeira equipe, em todos os sentidos. Agora tinham que tomar uma decisão como equipe. Os jogadores do Dínamo que conheceram Konstantin Shchegotsky manifestaram esse espírito de equipe em 1938, quando se recusaram a entregá-lo à NKVD. Desde então, entraram para o time outros jogadores que não participaram daquele incidente, bem como componentes do Lokomotiv. Mas todos agiam como uma equipe. Por duas vezes haviam repelido Georgi Shvetsov quando ele tentou seduzi-los com promessas de vida mais fácil e preferiram compartilhar a vida mais dura que já tinham com seus companheiros de equipe. O que quer que decidissem ali, todos teriam de arcar com as conseqüências, não importando quais fossem.



Capítulo Dez

Logo depois das cinco os jogadores surgiram das bocas dos vestiários, os olhos apertados contra o sol brilhante, mas que já se punha com o entardecer. O Start foi o primeiro a entrar em campo. A trilha coberta com pedriscos de carvão estalava sob seus pés enquanto eles eram escoltados através da multidão pela polícia ucraniana. Os espectadores empurravam de todos os lados, em parte por pura excitação, em parte porque desejavam ver de perto os seus heróis. Aqueles que conseguiram se aproximar puderam constatar que as roupas remendadas de dois meses antes haviam sido substituídas por algo que de fato se parecia mais com um uniforme. As camisas vermelhas eram agora acompanhadas por meias vermelhas e calções brancos que haviam sido garimpados em algum lugar ou doados por pessoas da cidade, felizes em retribuir a alegria que o time lhes proporcionava. Trusevich usava sua camisa preferida, preta com listas vermelhas. Aqueles que, como Goncharenko, usavam suas próprias chuteiras, caminhavam devagar, e as travas os faziam andar com as pernas ligeiramente arqueadas. O uniforme que Trusevich e os demais jogadores do Start usavam parecia, à primeira vista, ter as cores nacionais da URSS. Era, como ele lhes disse quando apresentou as camisas na garagem da padaria, uma cor que não seria derrotada. O significado não podia ser ignorado pela multidão esperançosa de que a convicção de Trusevich não estivesse equivocada. A competição era entre o Flakelf e o Start, mas aos olhos dos dois grupos de espectadores era também entre a Alemanha e a União Soviética, entre o fascismo e o bolchevismo.

Os jogadores do Start entraram em campo e se alinharam diante dos dignatários alemães que estavam na tribuna, protegidos por um cordão de soldados armados da SS. Um por um, os jogadores olharam em torno do campo que parecia a ponto de estourar de tão cheio, como que esperando entrar em acordo com o mar de espectadores que tinham vindo lhes dar apoio. Ao mesmo

tempo que se sentiram reconfortados pelos milhares de kievanos, também não tinham dúvidas quanto ao significado sinistro de todo um lado do gramado ocupado pelos soldados alemães. Enquanto permaneciam concentrados, antecipando o que ia acontecer, o time alemão entrou em campo. Seus componentes usavam o uniforme branco costumeiro. A equipe ucraniana percebeu que havia algumas caras novas entre eles. Os boatos que tinham ouvido não correspondiam à verdade, pois teria sido quase impossível transportar astros alemães internacionais para Kiev em tempo tão curto, mesmo que eles quisessem. Contudo, o time alemão fora reforçado por homens que pareciam em tão boa forma física e tão fortes quanto os que foram substituídos. Os jogadores do Flakelf se postaram eretos, batendo os calcanhares e, voltados para o lado alemão que os aplaudia, ergueram os braços e gritaram “Heil Hitler”. A multidão esperava ansiosamente para ver o que os jogadores do Start fariam a seguir, mesmo desconhecendo as instruções que eles haviam recebido no vestiário. Os alemães aguardavam que os ucranianos os acompanhassem na saudação. Eles permaneceram em silêncio por um momento, com as cabeças baixas. Era chegada a hora. A decisão fora tomada. A pausa prolongou-se desconfortavelmente. Devagar, um a um, eles ergueram os braços. A multidão se calara. Os fãs do Start estavam perplexos, confusos. Mas quando os braços chegaram ao alto, os jogadores ucranianos os dobraram sobre o peito e gritaram a uma só voz: “FizcultHura!”.

As duas equipes foram para o centro do campo para aguardar o início do jogo. A Wehrmacht estava estupefata e os torcedores ucranianos, deslumbrados. Passaram-se quase 50 anos para que viesse a público o que aconteceu depois que o oficial da SS deixou o vestiário naquela tarde. Assim Makar Goncharenko relembrou:

> Nós ouvimos o que ele tinha a dizer e, polidamente, aceitamos seus termos antes de sua partida. Mas, é claro, nunca iríamos nos postar ali humildemente e gritar “Heil Hitler”. Eles mentiram ao dizer que tínhamos preparado nossas camisas especialmente para aquele dia. Elas eram iguais às da URSS, mas nós simplesmente não tínhamos outras. Eram as camisas que Trusevich encontrou e com as quais jogamos desde o começo, e não havia nenhum desafio nelas.

A escolha de suas palavras de ordem foi significativa. O termo *fizcultHura* significa “cultura física”, no sentido de aprimoramento físico e mental pelo próprio bem do físico e da mente, em contraposição ao esporte, que contém um elemento competitivo e triunfalista. Antes de qualquer evento desportivo soviético os participantes tradicionalmente cumprimentavam-se uns aos outros com a saudação “FizcultHura”. A expressão — uma combinação das palavras *fitzcultura* e “hurrah” — significa “vida longa ao esporte”. Era não só um gesto

de boa sorte como também a afirmação de que aquilo que estava prestes a ocorrer tinha um sentido mais elevado do que o mero resultado. Naquelas circunstâncias, não havia palavra de ordem mais apropriada.

Goncharenko também esclareceu outro mito persistente que acompanha os relatos sobre o jogo:

> Ninguém da administração oficial nos pediu antes da partida para entregar o jogo. Alguns indivíduos tentaram nos persuadir a não provocar os alemães ou causar qualquer problema. Ouvimos em silêncio esse conselho e então decidimos por nós mesmos o que fazer. Resolvemos não fazer concessões: nós ganharíamos, mas talvez apenas com pequena vantagem.

Goncharenko argumentou com alguma razão que não havia outra opção para o Start além de jogar para vencer. Eles suspeitavam, especialmente em relação a alguns dos jogadores convocados em outras unidades militares alemãs, que o Flakelf estaria mais forte e que o Start não mandaria no jogo como fizera antes. Não havia estrelas internacionais, mas era óbvio que o time da Luftwaffe trouxera bons jogadores de outros destacamentos como reforço. Os jogadores do Start também desconfiavam — aliás corretamente, como se comprovou depois — que o juiz não marcaria as faltas cometidas pelo Flakelf. Qualquer tentativa de responder da mesma forma por um jogador do Start certamente levaria à expulsão, o que daria efetivamente a vitória aos alemães. Tudo o que o F.C. Start podia fazer era tentar vencer, e vencer dentro das regras. Isso não parecia tão fácil, uma vez que seus jogadores raramente se alimentavam satisfatoriamente e que vinham de uma partida desgastante contra aquele time há apenas três dias. Goncharenko recorda com exatidão que, ao olhar para o banco de reservas do Flakelf antes do jogo, viu quase um outro time completo, cheio de disposição, bem-treinado e alimentado, pronto para entrar em campo com suas camisas brancas e seu vigor atlético. Então olhou para o banco do Start e viu apenas seu próprio treinador, Grigory Osinyuk. O Flakelf tinha um time inteiro de reserva, enquanto o Start tinha apenas os homens que já estavam em campo.

Mas o Start tinha uma vantagem a qual, provavelmente mais do que tudo, lhe foi útil no campo de futebol naquele verão de 1942. Eles tinham recebido um legado valioso de seu ex-treinador, Mikhail Butusov, que lhes imprimira um estilo e um sistema de jogo que resultou o mais perfeito para as condições que enfrentaram. Quase desde a fundação do clube, o Dínamo de Kiev foi um exemplo vibrante da aplicação prática das mais modernas e sofisticadas teorias científicas e psicológicas aplicadas ao mundo do esporte. As atuais equipes do Kiev são testemunhos vivos da aplicação da ciência esportiva, cujo paladino foi seu legendário treinador Valery Lobanovsky, mas que já era uma tendência na

década de 1930, tendo como pioneiros homens como Mikhail Pavlovich Butusov. Os que jogaram com ele lembram-se de Butusov com carinho. Era um homem grande, de aparência bondosa e extremamente tímido, mas seus olhos se inflamavam de paixão e intensidade quando falava de seu amor total pelo futebol. Se o Dínamo perdia, era capaz das mais violentas manifestações de raiva — os jogadores diziam que ele era como o tsar Pedro o Grande, com seu famoso temperamento —, mas se o time ganhava ou se tivessem jogado particularmente bem, ele corria ao campo para oferecer-lhes rosas. Butusov tinha escapado com sua família antes da queda de Kiev, mas sua influência permaneceu entre os jogadores a cada vez que eles entraram em campo naquela temporada incomum.

O resultado da última partida oficial com Butusov no comando foi um 2**x**0 sobre o Spartak, em Kharkov, no dia 16 de junho de 1941, último jogo daquele campeonato interrompido. Nessa partida, e em algumas das anteriores, o Dínamo pôs em prática um novo sistema radical que fora concebido por seu técnico. Butusov viajara para o exterior um ano antes, numa excursão exploratória, para observar outros times e aproveitar novas idéias de técnicos estrangeiros. Foi na Espanha que ele percebeu que as táticas que até então haviam servido tão bem ao Dínamo quando jogava em casa já estavam irremediavelmente ultrapassadas em comparação com as adotadas pelos times de outros países. Butusov publicou um artigo intitulado “Os cinco atacantes”, que apontava as falhas na estratégia do futebol soviético. Na época, o Dínamo e todos os outros clubes soviéticos jogavam com cinco atacantes em linha, o que significava que podiam atacar com toda a potência. Mas, em contrapartida, quando o ataque falhava metade do time acabava ficando retida no campo do adversário, que então se lançava para o contra-ataque. Butusov introduziu o sistema europeu ocidental de dois pontas, dois pontas-de-lança e um centro-avante, jogando numa formação em W. Foi ele o homem que efetivamente adotou o meio de campo no futebol soviético.

A formação em W acabou sendo uma dádiva de Deus para o pressionado time do Start no verão seguinte. O sistema permitia que os atacantes tivessem o apoio da linha média quando estavam avançando, e também que a defesa fosse reforçada pelos pontas-de-lança, que retrocediam rapidamente e ocupavam o que hoje conhecemos como meio-de-campo. Em geral, o Start formava com Trusevich no gol e Sviridovsky e Klimenko como zagueiros. Os dois volantes podiam ser Tyutchev, Putistin, Melnik ou Sukharev. Nas pontas, Goncharenko e Korotkykh ligavam-se aos pontas-de-lança Makhinya e Balakin, para servir ao centro-avante, que podia ser Kuzmenko ou Komarov. Geralmente Kuzmenko era preferido por causa de sua maior presença física. Era a formação perfeita para um time de recursos limitados, especialmente quando esses recursos estavam

com freqüência no ponto da exaustão. A formação era ao mesmo tempo sofisticada e flexível, uma combinação que permitiu ao Start conquistar vitórias tão amplas nos seus jogos anteriores.

Neste segundo jogo contra o Flakelf, a opressão da expectativa nas duas torcidas parecia ser demasiada para que o Start se tranqüilizasse. O relato mais completo do jogo vem da entrevista gravada muitos anos depois por Makar Goncharenko. Ele disse que o jogo começou mal para o Start e que Trusevich parecia especialmente distraído. Os jogadores do Start haviam esperado um tratamento físico duro desta vez, e foi o goleiro quem recebeu o impacto mais forte nas primeiras etapas. Cada vez que ele se lançava para pegar uma bola cruzada ou tentava sair da sua área era derrubado, enquanto o juiz ignorava a falta. Aos dez minutos da partida o Flakelf lançou um ataque e Trusevich correu para mergulhar aos pés do atacante alemão. Este não tentou se esquivar ou evitar o choque com o goleiro. Em vez disso, simplesmente continuou correndo e chutou a cabeça de Trusevich, que ficou inconsciente por vários minutos. Não havia reserva disponível no Start, e depois de se levantar, ainda tonto, Trusevich insistiu em permanecer em campo. Contudo, ele mal teve condições de se concentrar no jogo durante o resto do primeiro tempo e não é de surpreender que, minutos após sua corajosa defesa, tenha sido incapaz de impedir que os alemães conseguissem a vantagem em seu ataque seguinte. Os jogadores do Start ficaram indignados com o tratamento dado a Trusevich em particular, mas o juiz da SS — que, eles notaram, ficara visivelmente irritado com a recusa do time em fazer a saudação nazista — simplesmente não os atendeu.

Como na partida anterior, os alemães bateram forte, mas desta vez cometeram faltas ainda mais ostensivas. Agarravam os jogadores sem bola; levantavam as pernas, de modo que as travas das chuteiras machucassem as pernas dos adversários; ou simplesmente se esquivavam da bola, acertando diretamente as canelas dos jogadores do Start. Estes, que não dispunham do luxo das caneleiras, caíam contundidos pelo campo. Os ucranianos eram deliberadamente empurrados e tirados do caminho, e nas cobranças de escanteios eram descaradamente agarrados ou puxados pela camisa, para que não alcançassem a bola. Era mais do que eles podiam suportar. Faltava-lhes robustez física para enfrentar à altura os alemães, suas camisas de lã eram pesadas e estavam encharcadas de suor e, fatigados com os jogos daquele verão, chegavam quase ao ponto de entrar em colapso.

Foi Kuzmenko quem veio em seu auxílio pela linha média, ainda no primeiro tempo. Sempre que um jogador do Start se aproximava da defesa do Flakelf era derrubado implacavelmente. Mas Kuzmenko tinha a solução perfeita para isto.

Habituado a treinar com uma bola que tinha três vezes o peso regulamentar, ele pegou um passe de Goncharenko dentro do círculo central, avançou com a bola por alguns metros e então simplesmente chutou, lançando-a a 30 metros de distância, antes que a defesa adversária conseguisse derrubá-lo. A bola voou, ultrapassando o goleiro do Flakelf, e o Start empatou. O time da Luftwaffe vacilou diante desse desvio do que estava planejado para o jogo, ou pelo menos do que lhes tinha sido explicado. O Start se aproveitou da confusão momentânea e começou a tocar a bola com mais tranqüilidade. De um momento para o outro seus jogadores sentiram-se capazes de vencer o desafio pois, a despeito da juventude e do vigor de seus oponentes, sua superioridade técnica era evidente. A habilidade dos ucranianos foi recompensada alguns minutos depois quando a bola rolou para os pés de Goncharenko na lateral. O robusto ponta, com sua capacidade de antecipar as jogadas dos adversários assim como as dos companheiros de equipe, infiltrou-se na área e driblou um meia após o outro. A defesa do Flakelf simplesmente não conseguiu alcançá-lo e ele praticamente entrou com a bola no gol. Goncharenko nunca se destacara pela potência de seus chutes, mas isso agora não importava: ele tinha acabado de marcar o segundo gol. O Start ganhou inspiração e audácia. Pouco antes do intervalo, Kuzmenko mandou um tiro longo para Goncharenko, que estava colocado junto do último zagueiro. Tempos depois, o ponta rememorou seu medo de que o juiz apitasse impedimento caso ele avançasse para a bola. Então, recuou um ou dois passos, esperou que a bola chegasse ao chão e aí acertou-a com um chute digno de Kuzmenko. Alguns minutos depois, o juiz apitou, encerrando o primeiro tempo. O Start vencia por 3**x**1.

O público ucraniano não podia acreditar no que via e estava compreensivelmente maravilhado. Os gritos de comemoração aumentaram a cada gol. Os bramidos de saudação ao Flakelf há muito haviam sido esquecidos. Os ucranianos cantavam e dançavam. Os mais audaciosos dirigiram-se à tribuna especial, onde, animados com a vitória do seu time, zombaram e insultaram os oficiais e dignatários alemães. A reação foi chamar os treinadores com os cães. Em outros cantos do gramado rixas esporádicas se travavam entre torcedores rivais. Uma parte desses torcedores era de combatentes em licença que estavam loucos por uma briga depois de passarem a maior parte do dia bebendo. A polícia ucraniana e os guardas alemães acabaram separando-os, mas não antes que alguns torcedores do Start tivessem apanhado bastante.

No vestiário do Start o cenário era igualmente caótico. Os jogadores, exultantes, tinham conseguido muito mais do que esperavam. Estavam vencendo os alemães e humilhando-os diante de seus próprios oficiais e, ainda mais

importante, diante da própria torcida do Start. Era o coroamento da temporada, a justificativa para a decisão de continuar a jogar sob as forças de ocupação. Houve visitas também no intervalo. Seguindo o exemplo dos jogadores do Rukh, que foram vê-los antes do início do jogo, Shvetsov apareceu no vestiário do Start. Para um homem que odiava tanto o Dínamo, ele se mostrou singularmente conciliador. Não se tratava de dobrar-se diante dos alemães no segundo tempo, mas de protegerem a si próprios e a todo mundo. Shvetsov parecia sincero em seu apelo e partiu achando que tinha feito o que podia. Entre os jogadores, alguns sentiram que ele estava apenas defendendo seus interesses particulares, pois a derrota do Flakelf seria tão prejudicial para Shvetsov como para os demais. Momentos depois, eles receberam outro visitante e a importância do argumento de Shvetsov tornou-se imediatamente clara. Era um segundo oficial da SS. Este também foi polido e também falava russo impecavelmente. Comentou, muito à vontade, que o Start tinha jogado muito bem no primeiro tempo e que os alemães estavam impressionados com sua perícia e espírito esportivo. Entretanto, assinalou, deviam compreender que o time não podia esperar a vitória. Os jogadores deviam parar por alguns instantes para avaliar as conseqüências antes de voltarem para o campo.

Quando saíram para o segundo tempo, os jogadores do Start mal podiam ouvir as instruções que davam uns para os outros, por causa do barulho. A cerca havia sido substituída por uma corrente de guardas armados que, ombro a ombro, defrontavam-se com a multidão. Os guardas estavam tão próximos das laterais que os jogadores corriam o risco de esbarrar neles quando partiam para a bola. Trusevich estava particularmente vulnerável depois do tratamento que recebeu dos atacantes alemães no primeiro tempo. No segundo tempo, foi sujeitado a uma torrente de insultos proferidos pelos torcedores alemães, sobretudo porque era um alvo estático entre as traves. No campo, o segundo tempo foi uma espécie de anticlímax. Ambas as equipes estavam abaladas diante das circunstâncias que envolviam a disputa. As agressões não eram mais de ordem física porque os alemães temiam os torcedores de Kiev tanto quanto os jogadores do Start temiam os soldados alemães. A equipe ucraniana manteve a vantagem e, embora os dois times tenham marcado dois gols no segundo tempo, não houve chance para o Flakelf modificar o resultado.

Vladimir Mayevsky se destacaria anos mais tarde como jogador do Dínamo de Kiev, mas em agosto de 1942 ele era um garoto de dez anos, que foi ao jogo com o pai. Ele relatou:

> Lembro-me que toda a parte central do estádio foi tomada pelos alemães. Havia soldados húngaros sobre a colina de um lado, e o resto do público cercava o perímetro do estádio. Lembro-me que nosso

time fez muitos gols. Nossos melhores jogadores foram Goncharenko e Klimenko.

Mayevsky recordou que os soldados húngaros ficaram entre as pessoas que mais vibravam no segundo tempo. Também se lembra da humilhação final imposta aos alemães pelo jovem Klimenko.

> Ele se esquivou de toda a defesa alemã, inclusive do goleiro. Depois correu para a linha do gol, mas em vez de chutar a bola para lá, parou-a na linha. Então, correu para dentro do gol, virou-se, chutou a bola para o centro do campo e colocou-a novamente em jogo.

Era o bastante para o homem da SS com uniforme de juiz. Ele apitou, dando o jogo por encerrado — embora os 90 minutos não tivessem decorrido — para poupar os alemães de novos constrangimentos. O Start venceu por 5**x**3.

O Start golpeou o orgulho da Alemanha na Ucrânia não uma, mas duas vezes em três dias. Causou problemas para o comando militar alemão. E o homem que ministrou o insulto final, o homem que desdenhou a oportunidade de aumentar essa vergonha marcando outro gol, e que agira assim para humilhá-los ainda mais, era o membro mais jovem do time. Um zagueiro a ser eliminado.



Capítulo Onze

Os jogadores do Start não estavam comemorando quando deixaram o campo no final daquela tarde. Eles estavam calados e quase tristes. Sabiam que sua vitória provavelmente teria repercussões. Trocaram apenas breves apertos de mão e gracejos. Estavam exaustos, mais do que eufóricos, e só queriam voltar para o vestiário. A multidão estava agitada e, logo que os jogadores saíram de campo, a polícia e os SS soltaram os cães para dispersá-la. Na tribuna, onde o alto comando tinha sido submetido a uma visão incessante da derrocada da propaganda, oficiais e outras autoridades foram cercados e incomodados por kievanos exultantes, quando tentavam entrar em seus carros. Os guardas alemães atirararam para o ar, na tentativa de restabelecer a ordem.

Surpreendentemente, a julgar pela selvageria das represálias a outras ofensas anteriores, não houve uma retaliação imediata depois que o Start derrotou o Flakelf pela segunda vez. Os jogadores ucranianos passaram alguns dias de ansiedade após o jogo, na expectativa de serem presos a qualquer momento e fuzilados por sua insolência. Em vez disso, puderam retomar seu trabalho normalmente. Eles voltaram à Padaria nº 3 e continuaram em suas tarefas no pátio e na expedição. Continuaram mesmo a treinar sempre que podiam no Estádio Zenit, e ficaram ainda mais surpresos quando Josef Kordik os procurou para anunciar que uma nova partida fora combinada para o domingo seguinte.

Um olhar retrospectivo indica que talvez não fosse difícil perceber por que os alemães não quiseram tomar uma medida precipitada. Os oficiais mais graduados tinham visto, com seus próprios olhos, como cada mísero indício de superioridade que haviam sustentado durante o ano anterior desaparecera em menos de 90 minutos. Já era ruim o bastante que a população tivesse zombado e vaiado, mas que a ela tivessem aderido soldados supostamente aliados dos alemães era humilhante. O domínio germânico sobre Kiev tornou-se frágil

durante os dias que se seguiram à partida de futebol. Os habitantes estavam exultantes e começaram a reagir. Stálin lhes ordenara que não se rendessem e eles pareciam dispostos a levar essa mensagem ao pé da letra. O exemplo dos jogadores do Start, que tinham enfrentado e derrotado o melhor que a Alemanha pôde colocar diante deles — não uma, mas duas vezes, e em circunstâncias difíceis — foi uma inspiração para os kievanos. Eles não estavam mais acovardados como nos dois meses anteriores, mantinham as cabeças um pouco mais erguidas quando se dirigiam para suas tarefas cotidianas e olhavam os ocupantes nos olhos, com um traço de orgulho desafiador. Se os alemães tivessem simplesmente irrompido no vestiário do Start no final do jogo e arrastado os jogadores dali, sem dúvida provocariam, por suas próprias mãos, uma revolta geral. A situação já estava tensa, mas oferecer mártires à multidão seria um convite ao desastre. Em lugar disso, as autoridades militares pareciam dispostas a esperar. E, assim, prolongaram a temporada ainda mais uma vez.

Foi anunciado que no dia 16 de agosto, uma semana após o jogo contra o Flakelf, o Start jogaria novamente contra o Rukh, numa reprise da competição de abertura da temporada. Desde a derrota do Rukh por 7**x**0, Georgi Shvetsov pressionava para obter uma revanche. Ele apresentou todo tipo de desculpas para justificar a derrota de seu time naquela ocasião. Também afirmou que desde então o Rukh tinha obtido uma série de bons resultados e graças a isso se tornara merecedor de outra oportunidade diante do invicto Start. É verdade que o Rukh tinha vencido muitos jogos mas, segundo Goncharenko, em confrontos com adversários fracos, que consistiam de times improvisados nas guarnições, os mesmos que o Start vencera sem dificuldade no começo da temporada. O Rukh também incluíra entre suas vitórias um jogo contra outro time local, o Sport. Seus componentes, entretanto, eram rapazes da cidade, pouco experientes e jovens demais para competir seriamente com profissionais. O Start já recusara um pedido anterior para o novo jogo, alegando que o time estava com compromissos demais. Agora não era mais plausível essa desculpa. O jogo foi marcado para o domingo seguinte. O resultado nunca foi posto em dúvida, pois o Start ganhou confortavelmente por 8**x**0.

O clima nesse segundo jogo foi bem mais silencioso do que em qualquer outro daquela temporada. Tudo ficou tão tranqüilo durante a semana seguinte à derrota do Flakelf que Makar Goncharenko acreditou mesmo que a pendenga havia acabado. Mas isto era improvável. Algum tipo de punição seria inevitável e o que Goncharenko erroneamente interpretou como tranqüilidade pode ter sido apenas um período em que as autoridades hesitavam ante a difícil escolha do próximo passo. Deixar que o jogo contra o Rukh pusesse um pálido ponto final

naquele campeonato desastroso para os alemães parecia ser o cenário mais provável. Eles poderiam então lidar com o time do Start quando fosse oportuno. O que quer que tivessem em mente, a questão foi mais uma vez conduzida por Georgi Shvetsov que se comportou, como de costume, como a máquina a vapor responsável por seu apelido no futebol.

Shvetsov não suportou a humilhação de ver o Rukh novamente derrotado de forma tão definitiva e desdenhosa pelo Start. Como fizera após a primeira partida, pediu que uma medida fosse tomada. De acordo com ele, os jogadores do Start desrespeitavam a autoridade do governo militar. Estavam vivendo com uma liberdade excessiva, numa afronta constante ao Reich. Além do mais — Shvetsov assinalou —, cada dia que aqueles homens andavam pela rua era mais uma vitória para a propaganda comunista. Se ele, como ardente nacionalista, podia perceber isto, então eles também podiam. O argumento de Shvetsov teve algum apoio entre as autoridades da ocupação, mas ele não apresentou uma solução para o dilema sobre qual resposta seria mais enfática e eficaz. É provável que as autoridades alemãs estivessem planejando sancionar a prisão de, pelo menos, alguns jogadores do Start, possivelmente sob pretexto de sabotagem ou outra infração às leis draconianas. Então Shvetsov, que com toda a sua pretensão e arrogância ainda era um membro influente da comunidade nacionalista, acusou o Start de estar escarnecendo deles. Os alemães não podiam ignorar essa forma de protesto numa fase tão delicada da guerra. Uma ordem foi devidamente expedida para que os jogadores do Start fossem presos.

O desempenho no campo de futebol dera aos homens que jogavam no Start — já heróis quando a guerra começou — uma dimensão quase mítica na cidade. Não eram poucos os que se arriscariam a uma punição para arranjar-lhes alimentos ou simplesmente para falar com eles. Em parte, as autoridades lhes concederam liberdade para que se tornassem um testemunho vivo de como Kiev tinha sido completamente subjugada. E então, como Shvetsov observara corretamente, eles haviam se tornado uma propaganda ambulante da resistência. Os alemães adotaram uma atitude pragmática — simplesmente consultaram a lista dos escalados para a última partida contra o Flakelf e a usaram como base para as detenções. A lista foi refinada com o acréscimo de alguns nomes, como o de Kuzmenko, que não constava dela, e a supressão de outros, como Gundarev (na verdade um jogador do Rukh), que podiam ser afiançados. Parece que os alemães tiveram alguma ajuda na seleção dos nomes. A eliminação do nome de Gundarev da lista indica algum envolvimento de Shvetsov. Um a um, os componentes do Start foram detidos.

Oficiais da Gestapo em trajes civis voltaram à padaria da rua Degtyareskaya

e ocuparam o escritório de Josef Kordik, que ficava numa plataforma acima do térreo da fábrica. Os jogadores foram chamados, um de cada vez, à presença de Kordik. Quando chegavam no escritório, Kordik não se encontrava: um oficial da Gestapo ocupava seu lugar. O nome do jogador era conferido na lista e o infeliz atleta era enfiado num carro de polícia que aguardava do lado de fora e levado embora. Na fábrica, o clima foi se tornando sombrio. Os operários certamente previram que alguma coisa estava para acontecer ao perceberem a presença da Gestapo. Suas suspeitas aumentaram quando ouviram um por um, pelo alto-falante, os nomes dos que foram chamados ao escritório de Kordik. Eram os nomes dos jogadores. Os operários os viram subir para o escritório e não voltar mais ao posto de trabalho. A conclusão era óbvia. O treinador, Sviridovsky, foi o último a ser preso. Ele não estava na padaria quando os outros foram levados. Foi localizado mais tarde, apitando um jogo entre dois times locais, num dos quais ele trabalhava secretamente como treinador em troca de comida extra. Não tinha o direito de fazer isto, portanto foi preso em flagrante e reunido aos demais jogadores do Start. Kordik, evidentemente, ficou furioso com o tratamento dado aos homens que ele considerava “seus” jogadores, mas era muito pragmático para agir abertamente e impedir a prisão. Deve ter compreendido que prender mais um não faria a mínima diferença para a Gestapo. Eles podiam sempre achar outra pessoa para dirigir a padaria.

Os jogadores foram levados para o comando da Gestapo, na rua Korolenko. Foram colocados em celas separadas, mas como essas celas ficavam umas diante das outras, podiam se ver, embora falar fosse proibido. Um de cada vez, todos foram conduzidos a interrogatório. Os alemães queriam que eles admitissem que eram ladrões ou sabotadores. Se fizessem isto, ficariam desacreditados e seriam fuzilados, mas nenhum deles confessou nada, nem deu informações sobre quem quer que fosse. Ainda nesse primeiro momento, um jogador foi designado para receber tratamento especial. A rua Korolenko foi um tormento diário para os outros jogadores, mas para Nikolai Korotkykh foi uma sentença automática de morte. Na primavera de 1941, quando Hitler deu os retoques finais na operação Barba-Roxa, também emitiu uma ordem determinando que os soldados alemães podiam atirar livremente nos oficiais soviéticos que pertencessem a órgãos políticos, dispensando qualquer simulacro de processo. Em conseqüência dessa ordem, que desafiava até mesmo a interpretação mais liberal da Convenção de Genebra quanto ao tratamento dado a prisioneiros de guerra, qualquer comissário soviético ou membro mais graduado do Partido era invariavelmente entregue à SS para “tratamento especial”. Nikolai Korotkykh entrou nessa categoria porque, como seus colegas suspeitavam mas nunca mencionaram, era

um oficial ativo da NKVD. Dez anos antes, quando vivia em Ivanovo, uma cidade russa onde predomina a indústria têxtil, Korotkykh tornou-se um profissional da NKVD e serviu na polícia secreta por dois anos, vigiando os indesejáveis e implementando as políticas de linha dura de Stálin. A maioria dos jogadores do Dínamo era, nominalmente, da NKVD, o que não fazia grande diferença para eles, pessoalmente. Na verdade, eram da NKVD apenas por afiliação, no sentido de que, com isso, tinham o direito de jogar no Dínamo de Kiev. Eles eram jogadores de futebol, pura e simplesmente, mas Korotkykh era um oficial em serviço. Seus colegas insistiam que, a despeito de sua "outra vida", o conheciam como um homem bom e amigo, e — o que era mais importante para eles — como um excelente jogador. Quando os alemães descobriram o seu passado, poderiam ter atirado nele ali mesmo.

A revelação de que Nikolai Korotkykh era um oficial da NKVD é um trágico exemplo da realidade da situação em Kiev. Como um eco cruel da paranóia que tomou conta da União Soviética durante a década de 1930, reforçada por oficiais da NKVD como Korotkykh, ele foi denunciado, segundo sua viúva Anna, pela própria irmã. Nenhum de seus colegas revelou qualquer suspeita que poderia ter, mas a irmã de Korotkykh estava convencida de que sua afiliação à NKVD seria descoberta durante o interrogatório. Se isto fosse descoberto, então não só ele seria morto como haveria represálias também contra sua família. Numa tentativa de proteger-se e ao resto dos parentes, ela passou voluntariamente a informação sobre o irmão. É provável que os alemães já conhecessem a posição de Korotkykh, talvez não há muito tempo, mas pelo menos antes dos jogos que se seguiram à segunda partida contra o Flakelf. Quando o time chegou ao comando da Gestapo, Korotkykh foi imediatamente separado dos outros, o que indica que as autoridades tinham alguma suspeita. Trusevich, Kuzmenko e os demais foram interrogados diariamente, por três semanas. Foram submetidos à versão alemã do "transmissor" de Stálin, com turmas de interrogadores querendo que eles confessassem que eram espiões ou membros da resistência, ou qualquer outra coisa que permitisse uma execução sumária "legítima". Havia três sessões de interrogatório a cada dia, nunca a intervalos regulares, de modo que os prisioneiros ficavam desorientados e não podiam se preparar para a sessão seguinte. As perguntas incessantes eram pontuadas com brutalidade física. Eles eram espancados regular e selvagemente. Lâmpadas fortes permaneciam acesas nas celas dia e noite, dificultando o cálculo do tempo. Quando conseguiam encontrar algum conforto no sono, os guardas irrompiam nas celas e os acordavam, confiando que a exaustão contribuiria para que se denunciassem ou a seus companheiros. A comida consistia de uma dieta de fome, mesmo em

comparação à sua frugalidade habitual: pão preto e um pouco d’água. A fome — esperavam os homens da Gestapo — acabaria minando sua força de vontade e os obrigaria a falar.

Durante esse pesadelo, os jogadores do Start tomaram o cuidado de não admitir nada, e sua força como equipe aumentou tal determinação. Eles não mostravam mais disposição de ceder à pressão de um interrogatório intenso do que haviam mostrado quatro anos antes, quando os inquisidores soviéticos insistiram para que incriminassem Konstantin Shchegotsky. De frente uns para os outros em suas celas ao longo de um corredor, os jogadores podiam trocar sinais, tentando manter o moral e fortalecer os que começavam a esmorecer. Korotkykh não desfrutou de tal luxo. Foi afastado dos outros, como deve ter imaginado que algum dia seria, e torturado sem trégua. No vigésimo dia ele morreu, torturado até o fim pela Gestapo. Dois dias depois, o interrogatório dos outros membros do time terminou. Ainda presos, eles foram conduzidos da rua Korolenko para o campo de Siretz, perto de Babi Yar.



Capítulo Doze

Siretz ficava localizada na periferia de Kiev, a noroeste, pouco além da ravina de Babi Yar. Seu nome se origina de um rio próximo, afluente do Dnieper. Houve uma época em que Siretz tinha uma conotação agradável para o povo de Kiev. A aldeia pertenceu a um príncipe local, que a doou aos monges de um mosteiro dominicano da vizinhança no século XVIII. Durante algum tempo, na primeira metade do século XIX, a região foi incluída oficialmente nos limites da cidade e usada como acampamento de verão para proporcionar descanso e recreação à guarnição de Kiev. Mais tarde, tornou-se um campo de aviação militar e, novamente, voltou a ficar situada fora dos limites da cidade.

Independentemente de como era descrita na ocasião pelos alemães, fosse como campo de trabalho ou campo de concentração ou outra distinção semântica que lhe quisessem aplicar, os historiadores soviéticos do pós-guerra não têm dúvida sobre a função de Siretz. Ela é descrita simples e inequivocamente como um campo de extermínio. Não fazia diferença para os homens e mulheres que dirigiam a instituição que os componentes do Start fossem padeiros, jogadores de futebol ou outra coisa qualquer. Uma vez chegados a Siretz, passaram a ser nada mais do que gado num abatedouro humano. Estavam efetivamente condenados. Podiam tentar prolongar suas vidas o mais possível, porém Siretz era um inferno terreno com apenas uma perspectiva em vista. Muitas pessoas fizeram a viagem da prisão da Gestapo na rua Korolenko para Siretz, mas bem poucas voltaram.

O aspecto do campo de Siretz era praticamente o mesmo que o das dúzias de outras instituições semelhantes na Europa Oriental. Dividia-se em duas partes: uma área era destinada ao dormitório e uma segunda, maior, era o espaço destinado ao trabalho. Quando os jogadores do Start chegaram, em setembro de 1942, as condições do campo já eram atrozes, e piorariam rapidamente nos

meses seguintes. Não havia equipamentos de higiene. A água, para os prisioneiros, precisava ser trazida manualmente do rio, e não havia também sistema sanitário, além das latrinas mais rudimentares. O mau cheiro no auge do verão era insuportável, e naquele verão excepcionalmente quente de 1942 um miasma de doença e sujeira pairou sobre o campo durante meses. Os prisioneiros viviam em grandes barracas e dormiam em beliches colocados ao longo das paredes. Os beliches eram tão estreitos e tão próximos uns dos outros que mal cabia um homem adulto deitado. Eles só conseguiam se virar nos estrados porque estavam tão franzinos que seus corpos ocupavam apenas uma parte do que ocupariam normalmente. As barracas não eram nem ventiladas nem calafetadas, de modo que os prisioneiros quase sufocavam no verão, enquanto no inverno alguns chegavam a morrer de frio. A versão alemã de controle de temperatura era tão ineficiente quanto improvisada: eles simplesmente mandavam os prisioneiros cavar enormes buracos no chão que, cobertos com placas de metal corrugado, tornavam-se dormitórios subterrâneos nos quais eram realojados durante o inverno. Essas “habitações” chegavam a abrigar cerca de 100 pessoas amontoadas em condições nas quais não seria admissível manter animais em uma fazenda.

A ração diária normal de alimento em Siretz consistia de um naco de pão de péssima qualidade pesando entre 150 a 200 gramas, geralmente mais para 150. O pão era velho e duro, e a única maneira de amolecê-lo era com uma sopa que o acompanhava, feita de cevada reconstituída, ou café e que, quando os prisioneiros estavam com sorte, era feito com bolotas de carvalho. Era uma dieta completamente desprovida de minerais, vitaminas, proteínas ou qualquer outra substância necessária ao sustento de uma vida normal, e muito menos de uma vida de labuta incessante. Os jogadores do Start tinham uma vantagem sobre os demais internos do campo: como atletas, estavam em melhores condições para agüentar o esforço físico. A fome era a principal causa de morte em Siretz, assim como nos outros campos alemães. Os dias começavam sempre da mesma forma, com a chamada de rotina. Depois que os mortos eram identificados e levados embora, os que estavam doentes ou muito fracos pela inanição também eram recolhidos para tratamento especial, e os que sobravam deviam suportar mais um dia de aniquilamento. O dia de trabalho em Siretz começava às quatro da manhã, em qualquer época do ano. Feita a chamada, seguia-se o espetáculo grotesco em que os internos eram submetidos a um rigoroso regime de exercícios físicos. Esta era uma parte a que os jogadores do Start também já estavam habituados, mas para os outros infelizes que não tinham o mesmo condicionamento físico, tratava-se de mais um suplício a ser vencido. Aqueles que se sentiam muito

cansados ou doentes para completar os exercícios, mas haviam conseguido sobreviver até a chamada, eram também retirados, e sua sorte estava selada.

Depois da chamada e dos exercícios, os prisioneiros partiam para um dia de trabalho extenuante. Eles cavavam valas ou abriam estradas, cortavam madeira ou arrancavam tocos de árvores. Amarrados a enormes troncos, grupos de prisioneiros emaciados eram utilizados como animais de tração, batidos e engambelados como estes por soldados impiedosos que os supervisionavam. Essa rotina desgastante prolongava-se até o final do dia de trabalho, às seis horas da tarde, quando os que ainda tinham forças faziam o caminho de volta até o campo para receber a magra ração de pão e sopa.

"Nós de fato não éramos alimentados no campo", contou mais tarde um ex-prisioneiro. "Todos os dias, éramos mandados para cavar mais. Era possível estudar anatomia nos nossos corpos, porque estávamos muito magros. Os que conseguiam ficar de pé mantinham-se vivos, os outros eram exterminados."

Siretz era dirigido pelo Obersturmbahnführer Paul Radomsky. Há certa confusão sobre a nacionalidade de Radomsky. Há indícios de que era ucraniano; outros relatos, porém, mencionam que viera de Hamburgo e que tinha sido dono de uma usina de força. Como ele era um oficial graduado da SS, e diante de sua posição de influência em Kiev, parece mais provável que fosse alemão. Seu substituto no comando, Richter — cujo primeiro nome não é mencionado nos registros — também parece ter sido alemão.

De acordo com *O duelo final*, de Severov e Khalemsky, publicado na União Soviética em 1959, Radomsky foi descrito como um homem pesado, corpulento, com um absurdo topete ruivo — seu apelido entre os internos era "Paul cabeça vermelha". Seus olhos eram tão claros que pareciam sem cor e, por ser muito gordo, sua papada emendava com o peito, de modo que ele parecia não ter pescoço. Contudo, apesar de sua aparência, Radomsky era extraordinariamente vaidoso. Adorava ser fotografado em uniforme de gala — a descrição de uma dessas fotos segurando amorosamente uma Cruz de Ferro —, e presenteava seus subordinados prediletos com essas fotos, como recordação.

Radomsky nunca era visto sem seu chicote e sua Luger. A pistola ficava na cintura, alojada debaixo da pança que caía sobre o cinto, a mão gorducha sempre repousando sobre o coldre, e o chicote debaixo do braço. E a seus pés, seu cachorro, Rex. O cão era um alsaciano que Radomsky mandara vir especialmente de Hamburgo e passara por um treinamento especial. Rex tinha enorme apetite por carne crua, coisa difícil de se conseguir durante a guerra, mas o treinamento especial provia-o com um substituto. Com um assobio e uma ordem de seu dono, ele babava e rosnava para um prisioneiro que escolhia, e

com um segundo assobio, libertado da correia, avançava e mordia ferozmente o infeliz.

Radomsky era pessoalmente responsável por um regime da mais arbitrária e selvagem crueldade. A mínima infração às regras era punida com a morte, e Radomsky foi responsável pela criação de um clima tão depravado no campo que os próprios guardas sentiam-se encorajados a encontrar novas e elaboradas maneiras de torturar e exterminar os prisioneiros. Um dos métodos favoritos era mandá-los subir em uma árvore e, depois que atingissem os galhos mais altos, com os guardas dando tiros a esmo como incentivo, obrigar outros prisioneiros a derrubar a árvore. Se os pobres coitados que estavam lá em cima não morressem na queda, eram simplesmente enterrados vivos, sob a folhagem. Os guardas mantinham sua ascendência sobre os internos humilhando-os e degradando-os constantemente. Por exemplo, os prisioneiros não recebiam uniformes, eles continuavam usando o que vestiam quando chegavam ao campo. À medida que sua permanência se prolongava, as roupas iam-se rasgando até que muitos ficavam praticamente nus, um sistema rude mas altamente eficiente de humilhálos como seres humanos e reduzir seu espírito de luta e a vontade de resistir. Essa tortura psicológica era parte da rotina diária em Siretz. Ao se deslocarem de um lugar para outro, ou das barracas para a área de trabalho, os prisioneiros eram submetidos às perversas idiossincrasias dos guardas que tanto podiam ordenar que andassem em círculos, como que se deitassem no chão ou que caminhassem em passos miúdos. Com freqüência os guardas os faziam deitar sobre seus estômagos, com as mãos nas costas, e mover-se utilizando apenas os ombros e os joelhos. Enquanto se debatiam para satisfazer a essas ordens, eles também ficavam sujeitos a outras crueldades físicas. Pontapés e golpes com os canos dos rifles, ou com bastões feitos de cabos de machados lhes eram aplicados enquanto tentavam inutilmente rastejar na lama. Era uma provação exaustiva e degradante, mas ainda havia piores. Quem tivesse a força e a coragem para ficar de pé após cobrir uma distância de 200 metros dessa maneira era barbaramente espancado. Os guardas chamavam a isto “exercício físico”.

No centro desse microcosmo de obscenidade estava Radomsky em pessoa. Ele próprio administrava o tratamento especial dados aos prisioneiros que não se sentiam capazes de enfrentar mais outro dia. Cada manhã, depois de separados dos outros prisioneiros, os exaustos e os doentes eram jogados num depósito subterrâneo e às seis da manhã havia outra chamada. Aos doentes, pedia-se para dar um passo à frente. Os que assim faziam era baleados ali mesmo por Radomsky. Os outros ficavam estirados no depósito esperando morrer, sem

comida, água e, muito menos, tratamento médico.

O chicote era o instrumento favorito de Radomsky. Durante o dia, ele separava os que achava que não estavam se empenhando no trabalho; outros eram separados porque haviam feito algo que lhe desagradara. Esses eram chicoteados tantas vezes quantas Radomsky achasse necessário. Muitos eram chicoteados até a morte, por hemorragia ou porque seus corações não agüentavam. Os que sobreviviam eram jogados no depósito com os outros para aguardar as execuções matinais de Radomsky. Ele levava a cabo estes fuzilamentos todas as manhãs às seis horas e em seguida retornava para suas dependências, para tomar seu desjejum.

Os nazistas tinham um desprezo tão enraizado por seus prisioneiros que em algumas ocasiões achavam que eles não valiam sequer uma bala. Alguns prisioneiros doentes, que não podiam mais trabalhar, eram espancados brutalmente até perder os sentidos e enterrados vivos, pois os guardas sabiam que se recuperassem a consciência não teriam forças para libertar-se de suas covas rasas. No inverno, os doentes eram espancados e colocados do lado de fora, para morrerem enregelados. Às vezes, nem mesmo apanhavam, eram apenas deixados sob a neve. Um relatório conta que Radomsky foi ao depósito subterrâneo em uma certa manhã e encontrou oito homens que estavam gravemente feridos e com as pernas congeladas. Eles não podiam se mover. Mesmo assim, Radomsky mandou que fossem arrastados para fora do depósito e levados ao pátio, onde os matou a tiros.

Em Siretz, os prisioneiros viviam oprimidos num estado de terror constante. Sabiam que sua próxima respiração poderia ser a última. Suas vidas estavam total e absolutamente sujeitas aos caprichos de Radomsky e de seus soldados. Por exemplo, uma regra foi introduzida, tornando obrigatório que os prisioneiros sorrissem ao cumprimentar ou falar com um membro da Gestapo ou da polícia local. Quem não sorrisse seria fuzilado. Na floresta, onde cumpriam suas tarefas, qualquer prisioneiro que fosse apanhado tentando comer alguma coisa — uma maçã ou um punhado de folhas — também era fuzilado ou espancado até desmaiar e abandonado à morte. Quem caísse durante as idas e vindas do campo recebia o mesmo tratamento.

A rotina diária de Siretz era quase intolerável, mas havia ainda uma bala escondida nesse bizarro jogo de roleta ucraniana. Quem conseguisse se manter forte e em forma o bastante para evitar ser descartado, quem conseguisse sobreviver aos espancamentos ou conseguisse não infringir qualquer regra ridiculamente arbitrária, ainda poderia ser uma vítima. Duas vezes por semana, às sextas-feiras e aos sábados, havia execuções em massa no campo. Se alguém

tentasse escapar, por exemplo, 25 prisioneiros seriam mortos. Eles eram escolhidos ao acaso e Radomsky sempre estava presente às execuções. Também havia execuções em massa em represália a qualquer suposta quebra do protocolo do campo.

Segundo uma comissão soviética que apurou os crimes de guerra, um dos piores incidentes em Siretz aconteceu num domingo em agosto de 1942, não muito depois da chegada dos jogadores do Start. Um grupo de prisioneiros fizera uma pausa momentânea em seu trabalho. Quando um dos policiais ordenou-lhe que retomassem a tarefa, foi atacado por um prisioneiro do grupo que tomou sua arma e matou-o antes de fugir. Um oficial graduado da Gestapo chegou quase que imediatamente e mandou que todos os prisioneiros se pusessem em forma diante dele. Em seguida, anunciou que 18 seriam executados, e também qualquer um que se movesse durante a execução. Os homens, exaustos, esforçaram-se para se manter enfileirados sob aquele calor abrasador de agosto, enquanto os que pertenciam ao grupo do prisioneiro que escapara formaram na frente deles. Então, 18 deles tiveram que se ajoelhar enquanto o chefe da Gestapo e seu ajudante de ordens caminhavam ao longo da fileira executando cada homem com um tiro na nuca. O chefe então mandou que o médico do campo trouxesse todos os doentes de Siretz. Ao todo, 30 homens foram arrastados do depósito e também forçados a se ajoelhar junto aos cadáveres do primeiro grupo de prisioneiros. Como fizera antes, o oficial da Gestapo caminhou por trás deles, enquanto fitavam o grupo enfileirado, e os matou.

Depois que esses prisioneiros foram executados, um grupo foi encarregado de levar os corpos para Babi Yar e atirá-los na ravina junto com os milhares de outros que já haviam morrido ali. Isto era Siretz, o inferno na Terra. Este era o lugar ao qual dez jogadores de futebol foram condenados por sua impudente vitória no verão de 1942.



Capítulo Treze

Babi Yar era uma ravina que marcava a fronteira natural de Kiev durante os gloriosos dias da Rus Kievana. Como posto mais avançado da cidade, havia guardas estacionados ali para vigiar a estrada que levava a noroeste e a sudeste e alertar os cidadãos sobre ataques eventuais. Era uma missão tediosa e solitária, aliviada apenas pelas visitas conjugais das esposas e namoradas dos homens ali aquartelados. Os casais procuravam o abrigo da ravina e, como "babi" significa "da mulher", o lugar recebeu o nome de Babi Yar — a ravina das mulheres.

A partir de 29 de setembro de 1941, quando o primeiro massacre de judeus ocorreu ali, o nome perdeu a conotação romântica que tinha antes. Babi Yar ficou indissoluvelmente associada à morte, e os prisioneiros de Siretz, inextricavelmente ligados à ravina. Quando morriam, seus corpos eram jogados dentro dela, mas antes de morrerem tinham a tarefa macabra de enterrar seus amigos e companheiros de prisão após as execuções em massa. Os massacres indiscriminados tornaram-se uma característica de Babi Yar. Começaram com a marcha de 33.771 judeus em filas errantes no final de setembro de 1941. Durante dois dias, eles foram sistematicamente mortos, sem que restasse um único sobrevivente.

Uma comissão soviética, criada logo após o término da guerra para investigar o que se passara sob o domínio alemão, obteve claras evidências do que aconteceu em Babi Yar por parte de pessoas que viviam nas proximidades. O infame Sonderkommando 4a foi o responsável pelos assassinatos, com a ajuda e a cumplicidade de dois batalhões da polícia local.

Uma testemunha — uma mulher registrada como S.B. Berlyand — disse ao tribunal que viu 40 caminhões chegarem a Babi Yar num único dia de setembro. Cada um estava cheio de homens, mulheres e crianças, todos judeus. Algumas das crianças eram apenas bebês, levados ao colo por suas mães aflitas. A

testemunha contou:

> Junto com outras pessoas, aproximei-me de Babi Yar sem ser vista pelos soldados alemães. Fiquei a cerca de 15 metros do começo da ravina e vi os alemães ordenarem aos judeus que tirassem as roupas e corressem, enquanto atiravam neles com metralhadoras. Vi com meus próprios olhos como os soldados jogavam os bebês na ravina. Não só os que tinham sido mortos com tiros, mas também os feridos ainda vivos. Depois, os alemães começaram a cobrir os corpos com terra e em certas áreas víamos o chão se mexer, porque ainda havia gente viva ali embaixo. Muitas pessoas, sabendo que iam morrer, desmaiavam; outras rasgavam as roupas, arrancavam os cabelos e ajoelhavam-se diante dos alemães, mas eram espancadas com cassetetes. A execução dos judeus durou vários dias.

Outra mulher, Ya. A. Steyuk, relatou ao tribunal o que testemunhou quando estava na floresta próxima ao sinistro campo de Siretz. Ela viu que os prisioneiros, oficiais e soldados, não podiam ser distinguidos uns dos outros porque não estavam fardados, e a maioria estava descalça. E contou:

> Muitos estavam acorrentados, e vários deles acorrentados juntos, a uma distância que lhes permitia trabalhar. No inverno de 1942, não recordo em que mês exatamente, os alemães levaram 65 marinheiros para Babi Yar. Suas pernas e braços estavam acorrentados, de modo que eles tinham dificuldade para se movimentar. Estavam totalmente sem roupas e sem sapatos, caminhando na neve. E fazia muito frio. Os moradores da região lhes jogaram sapatos e camisas, mas eles se recusaram a apanhar. Lembro-me de um que gritava: “Morreremos por nossa pátria!” Depois se puseram a cantar a *Internacional*, e os alemães a bater neles com cassetetes. Vimos que eram marinheiros porque continuavam usando seus bonés.

A execução dos marinheiros russos em Babi Yar é um indicador significativo de como o ambiente em Kiev havia mudado. Quando os alemães ocuparam a cidade os moradores ficaram com medo de sair de casa, receosos do que podia lhes acontecer. Agora estavam mais seguros de si. Desafiavam abertamente os alemães encorajando aqueles homens condenados sem esperança. O tratamento dado aos marinheiros soviéticos beirou a barbárie, mesmo quando comparado ao terrível padrão da época. Não só foram acorrentados juntos, como o foram com arame farpado, que os feria e cortava a carne a cada passo. Quando seus corpos foram descobertos mais tarde, seus esqueletos ainda estavam atados uns aos outros com arame farpado. Essa atrocidade foi demais para a população de Kiev, pois os marinheiros tiveram que desfilar pelas ruas da cidade. As pessoas lançaram gritos de apoio, tentaram dar-lhes roupa e comida, num desafio direto aos alemães. Os kievanos estavam reencontrando a sua voz. Sem dúvida, no final do ano de 1942, começavam a chegar a Kiev rumores sobre o que acontecia em outros lugares. A rede clandestina podia não estar tão ativa na sabotagem, mas ainda proporcionava um canal de informações para a cidade. Os cidadãos de Kiev ficaram sabendo que os alemães estavam sofrendo com o frio quase a ponto de se renderem em Stalingrado, e devem ter se inspirado nos defensores

daquela cidade. O incidente no qual kievanos comuns arriscaram suas vidas, numa tentativa corajosa porém inútil de ajudar os marinheiros presos, foi um exemplo da retomada da autoconfiança, processo este que teve início no campo de futebol com os jogadores do Start.

No inverno de 1942, o sonho germânico das dachas no mar Negro estava em total desintegração. Agora era Hitler quem ordenava a seus soldados para ficarem firmes e lutar até o último homem, enquanto a contra-ofensiva soviética começava a se desencadear na frente oriental. O 6º Exército cercara Stalingrado no dia 6 de setembro, mas a despeito de a cidade ter sido arrasada pelos bombardeios alemães, suas tropas não conseguiram atravessar o rio Volga para garantir uma cabeça-de-ponte suficiente para tomá-la. Havia 300 mil soldados alemães envolvidos na batalha, mas os soviéticos defenderam cada palmo da cidade. O Exército Vermelho recebera ordens para não recuar. Disseram-lhes que não havia terras além do Volga. Os soldados obedeceram, lutaram e morreram para manter o 6º Exército acuado. Vasily Chuikov era o comandante soviético do 62º Exército de Stalingrado. Era um homem rude e rigoroso, mas sua força de vontade e suas táticas inflexíveis salvaram a cidade. Ele transformou os defensores de Stalingrado num “cimento vivo”, que se espalhou em todos os cantos de cada edifício. A luta corpo a corpo foi de uma ferocidade inimaginável, com os defensores de Stalingrado disputando casa a casa. No final, após seis meses de combate, o 6º Exército alemão se viu cercado e seus soldados em total desorientação, pois muitos dos seus oficiais graduados suicidaram-se, por vergonha ou receio de serem feitos prisioneiros. Stalingrado não caiu e, nesse caso então, a mãe-pátria podia sobreviver. Os alemães, vendo que a guerra na frente oriental se voltava contra eles, tornaram-se cada vez mais violentos no tratamento dado aos prisioneiros nos seus campos. Tomados pelo medo e pelo desespero, aumentaram o ritmo das exterminações.

De acordo com uma testemunha em um tribunal de guerra, os alemães haviam construído em Siretz um forno especial para queimar os membros da resistência, os comunistas e outros ativistas soviéticos. Esse forno especial era usado para queimar as pessoas ainda vivas. Quem morava nas proximidades do campo podia ouvir os terríveis gritos daqueles que eram empurrados para dentro da fornalha; quem morava mais perto, podia até mesmo ver o horror das suas janelas. A testemunha prosseguiu relatando:

> Na primavera de 1943, vi quando os alemães trouxeram quatro caminhões cheios de civis para Babi Yar. Essas pessoas, segundo me disseram os vizinhos, vieram do lugar onde os alemães haviam capturado membros da resistência e também foram queimadas vivas. Antes disso, os alemães lhes ordenaram que se despissem, e depois passaram a empurrá-las para dentro do forno. Vi uma mulher que estava passando pelo campo jogar um pedaço de pão para os prisioneiros e os alemães atirarem nela

imediatamente.

À medida que o programa de extermínio se acelerava, cada novo dia de sobrevivência em Siretz tornava-se uma vitória para os prisioneiros. Os jogadores do Start tentaram permanecer juntos o máximo que podiam, mesmo que trabalhassem em turmas de trabalho diferentes e que qualquer conversa fosse difícil. Trusevich era o líder. Era ele quem passava as mensagens, que restaurava o ânimo vacilante e oferecia uma palavra de conforto para manter firmes os seus companheiros. Além da melhor forma física quando chegaram ao campo, os jogadores do Start contavam com outra vantagem que aumentou suas chances de sobrevivência. Eles tinham um motivo para sobreviver.

Os judeus que foram perseguidos e mortos nos campos estavam ali pelo simples fato de serem judeus. Os comunistas, por outro lado, estavam ali porque se opunham ideologicamente a Hitler, e sabiam exatamente o que significava se opor ao fascismo. Os judeus eram vítimas, os comunistas eram antagonistas. Os jogadores do Start eram comunistas e, além disso, formavam uma equipe. Haviam concordado em jogar futebol, antes de tudo, porque o jogo dava-lhes a oportunidade de continuar sua luta contra os nazistas. Eles haviam lutado uns pelos outros fora do campo de Siretz e continuaram a se apoiar mutuamente também dentro dele. As notícias que se infiltravam sobre Stalingrado os animaram. Para alguns, era também a idéia de que, se Stalingrado se mantinha de pé, a Rússia haveria de virar o jogo, e eles poderiam novamente se reunir um dia com as famílias que tinham tentado proteger. O outro lado da questão também não pode ser esquecido: enquanto os homens no campo procuravam lenitivo na idéia de que suas famílias estavam a salvo, essas mesmas famílias, que certamente sabiam como era a situação nos campos, deviam estar atormentadas pelo pensamento de que seus entes queridos estavam submetidos a condições tão bárbaras.

Mas, a despeito dessa impressionante e estóica determinação, a sobrevivência dos jogadores do Start tornava-se cada vez mais difícil. Como os testemunhos do pós-guerra indicam, a resistência desempenhou um papel-chave na contra-ofensiva soviética, travada num estilo muito semelhante ao da guerrilha. Porém, a cada golpe da resistência, um número maior de pessoas era executado, através de atos de selvageria crescente.

Em 1992, Makar Goncharenko relatou:

> No início de 1943, quando a situação na frente de batalha mudou e a resistência em Kiev começou a aumentar, as execuções se tornaram banais. Qualquer um que não prestasse serviço aos ocupantes podia ser fuzilado ou enviado para trabalho na Alemanha. Sempre que os guerrilheiros agiam, mais pessoas eram mortas em Siretz. E quanto mais a vanguarda soviética se aproximava do Dnieper, mais cruéis e

despropositadas eram as execuções. Eles matavam os prisioneiros sem pensar. A principal diretiva de Hitler em 1943 dizia que todos os fracos e desleais deviam ser eliminados — ele se referia à população de Kiev — e que todo o resto devia ser evacuado para a Alemanha. Um em cada três habitantes foi morto durante a ocupação, mas se a estes forem somados os que morreram de fome e os que não regressaram da escravidão na Alemanha, e também os que pereceram durante a luta, dois terços da população desapareceram. Diante dessas estatísticas, é surpreendente que alguns dos que estavam no campo de Siretz tenham sobrevivido. Só Komarov e outros como ele conseguiram escapar.

Goncharenko fez graves acusações contra seu colega Pavel Komarov. Embora tenha sido um grande goleador, Komarov de fato nunca se adaptou muito bem ao resto do time, e as opiniões sobre seu nível de comprometimento são dúbias. De acordo com Goncharenko, ele se tornou traidor em Siretz. Dadas as condições em que eles tentavam sobreviver, não é difícil acreditar que alguém pudesse fraquejar e dar informações aos alemães para aliviar sua rotina de pesadelo. Se a acusação de Goncharenko for verdadeira, e se existirem provas para a hipótese de que houve um traidor nas fileiras do Start, é possível que Komarov fosse informante dos alemães mesmo antes da prisão. Talvez ele lhes tenha falado sobre Korotkykh. Parece que Komarov concordou em ajudar aos alemães com informações sobre seus colegas para ter, em troca, permissão para sair do campo quando os soldados soviéticos avançassem em direção a Kiev. O fato é que, depois que a guerra terminou, nunca mais se ouviu falar em Komarov.

O calendário comunista é cheio de comemorações da Revolução e 23 de fevereiro é uma das datas mais importantes do ano. Marca o dia em que o Exército Vermelho foi criado e é feriado nacional com grandes festas. Depois da rendição dos remanescentes do exército alemão em Stalingrado, em 31 de janeiro de 1943, as comemorações do 23 de fevereiro tiveram enorme significado em termos de propaganda, e os guerrilheiros empreenderam várias ações em alvos estratégicos nos territórios ocupados. Um desses ataques teve como alvo uma fábrica em Kiev onde 100 trenós motorizados dos alemães estavam sendo reparados. Esses trenós eram vitais para eles por serem os meios de transporte mais confiáveis durante o inverno rigoroso. A fábrica foi incendiada pelos guerrilheiros e suas oficinas ficaram totalmente destruídas, assim como os trenós tão necessários. Na manhã seguinte, Radomsky fez uma chamada no campo de Siretz.

Rumores sobre a ação de sabotagem dos guerrilheiros já haviam chegado ao campo e os internos estavam preparados para o pior. Logo que o alarme soou chamando-os para o pátio, eles sabiam que era o prelúdio para mais uma execução em massa. A ira de Radomsky era quase incontrolável. Os prisioneiros correram aos tropeções e entraram em fila, acotovelando-se para conseguir um lugar. Quem chegasse atrasado ou quem os alemães imaginassem que simulava

doença era sumariamente espancado ou morto. Depois de reunidos, em geral mantinham-se em filas vacilantes, com os guardas caminhando entre elas. De vez em quando, um guarda parava atrás de um prisioneiro e derrubava o infeliz com um golpe de cassetete ou do cano do rifle. Enquanto a vítima jazia inconsciente, outro soldado atirava na sua nuca.

Na manhã de 24 de fevereiro de 1943, dia seguinte ao incêndio da fábrica, Radomsky decidiu que um a cada três homens seria executado. Os prisioneiros de nada sabiam, apenas tinham a certeza da represália. Os guardas caminhavam entre as filas de homens, que aguardavam ansiosamente, e contavam. Além do som das botas sobre a terra gelada, tudo era silêncio. Os guardas começaram a caminhar e a contar, e os tiros começaram a ser disparados. Ao ouvirem a contagem repetida, os prisioneiros perceberam a forma da represália: cada terceiro homem seria morto ali, no pátio. Cobertos por seus andrajos, eles nem percebiam o frio enregelante, de tão aterrorizados que estavam. Na seqüência do massacre, um guarda postou-se atrás de Ivan Kuzmenko. A essa altura, Kuzmenko já era uma sombra do gigante que capitaneou o Dínamo de Kiev e o Start, mas ainda assim não se entregava facilmente. No momento em que as passadas do soldado se detiveram às suas costas, percebeu que fora marcado para morrer. O guarda golpeou o cano do rifle entre as omoplatas de Kuzmenko que cambaleou para a frente mas não caiu. O guarda desferiu outro golpe, e mais outro. Foram necessários vários golpes para que Vanya desabasse, inconsciente, no chão. No momento em que ele caiu, outro alemão parou a seu lado e o matou, com um único tiro na nuca. Mais adiante na fila eles pararam atrás de Alexei Klimenko, o mais jovem e mais brilhante dos jogadores do Start. O zagueiro emergia como uma das estrelas do Start e mesmo os jornais que eram hostis ao time reconheciam seu talento. Seu maior momento foi quando humilhou os alemães ao desprezar a chance de infligir-lhes mais um gol. Um golpe na espinha dorsal projetou o franzino Klimenko no chão. Uma bala atrás do ouvido e ele também morreu. Ninguém ousava se virar para ver o que estava acontecendo, quem apenas virasse a cabeça também se arriscava a levar um tiro, fosse ou não o terceiro homem. Cada prisioneiro se esforçava para perceber os passos atrás de si. Será que se deteriam às suas costas ou iriam mais longe? Tentavam calcular se eram “o terceiro homem” na fila ou se este seria o que estava à sua esquerda ou à sua direita. Nikolai Trusevich ouvia com o mesmo desespero que os outros as passadas rangendo sobre a neve e o gelo. Não sabia que Vanya e Sasha já estavam entre os corpos que jaziam no chão congelado. As passadas se interromperam exatamente atrás dele. Ele concentrou as energias para receber o golpe, mas mesmo assim foi derrubado. Com a agilidade que

fizera dele o melhor goleiro da União Soviética, levantou-se imediatamente. Um prisioneiro que estava a seu lado recorda que Trusevich pulou sobre os pés praticamente no mesmo instante. Ao pular, gritou “Krasny sport ne umriot”, que significa “O esporte vermelho nunca morrerá” — e o guarda abriu fogo. Nikolai Trusevich morreu sobre seus pés, usando a sua velha camisa de malha vermelha e preta. Foi a camisa de goleiro que usou com maior orgulho e mérito; e era também o único agasalho que possuía.

Os jogadores do Start sobreviventes ficaram atordoados com a perda de seus companheiros. Não só porque perdiam amigos, mas também porque aqueles três homens estavam entre os mais fervorosos e empenhados membros do time. Sem eles — e sobretudo sem Trusevich — a Padaria nº 3 nunca teria formado a sua equipe. A notícia trágica foi dada a Makar Goncharenko por Fyodor Tyutchev, um dos mais velhos do time do Start. Parece que Goncharenko estava elaborando um plano de fuga e tinha conseguido uma posição que lhe permitia trabalhar fora dos limites principais do campo. Ele estava com Sviridovsky no posto policial da rua Melnikova 48. Sviridovsky era um exímio sapateiro e recebera a incumbência de consertar as botas dos policiais. Goncharenko tivera licença para ir com ele ao posto. Eis o que Goncharenko contou:

> Sviridovsky remendava botas muito bem e, para fugir do campo, menti que sabia fazer o mesmo trabalho. Mischa ensinou-me rapidamente alguns truques e consegui convencê-los de que era sapateiro. Soubemos do que tinha acontecido com os outros jogadores através de Fedya [Fyodor Tyutchev]. Um alemão, da unidade de intendência, era cordial com ele, não sei por quê. Costumava mandar Fyodor para as colheitas, o que era um privilégio. Fedya sabia onde estávamos e a sala dava frente para a rua; então persuadiu o cocheiro a dar uma parada no posto, e nos contou tudo o que tinha acontecido.

Uma das coisas que Tyutchev contou a Goncharenko na manhã seguinte às execuções foi que os alemães também estavam procurando por ele. Atiravam em todos que encontrassem pela menor infração ao regulamento. Goncharenko e Sviridovsky decidiram que não podiam ficar esperando até serem encontrados. Goncharenko prossegue:

> Depois do aviso de Fedya, decidimos fugir. Tínhamos ficado trancados pelos policiais para passar a noite ali. Dormimos num porão que também servia como câmara de aquecimento. Mischa e eu dormimos no terceiro andar dos beliches, porque os dois mais baixos eram ocupados pelos ratos. Naquela noite não conseguimos dormir. Ficamos acordados a noite inteira combinando a fuga. Sabíamos que estávamos lá há tanto tempo que os policiais haviam se acostumado às nossas idas e vindas. Eles de fato não prestavam muita atenção ao que acontecia e, pela manhã, quando vimos uma oportunidade, corremos pela porta afora e fugimos. Alcançamos a praça Bohdan Khmelnytsky, depois chegamos a Podol, e conseguimos evitar a polícia passando pelas ruas estreitas e becos. Sviridovsky procurou uns parentes e eu fui para a casa da minha ex-sogra. Ela me disse que os alemães iriam procurá-la diretamente se estivessem atrás de mim, e então convenceu alguns vizinhos a me esconderem.

Goncharenko sabia que estava se arriscando ao ficar com os vizinhos. Eles poderiam informar a polícia como a própria irmã de Korotkykh havia feito. Mas permaneceu ali, a salvo, até a libertação de Kiev.

Depois que Trusevich, Kuzmenko e Klimenko foram mortos, seus corpos foram jogados, como os demais, na ravina de Babi Yar e enterrados em cova rasa. Mesmo na morte, um ultraje final lhes foi imposto. Em agosto de 1943, quando sabiam que em algumas semanas os exércitos soviéticos reunidos na margem esquerda do Dnieper retomariam a cidade, os alemães tentaram destruir as provas do que tinham feito em Babi Yar. Eles levaram para lá mais de 100 prisioneiros e mandaram que desenterrassem os corpos e os queimassem. Três judeus russos que escaparam de um pelotão de fuzilamento em Babi Yar — L.K. Ostrovsky, V. Yu. Davydov e I.M. Brodsky — descreveram para a comissão de crimes de guerra a cena tétrica. Primeiro, os alemães foram ao cemitério da aldeia e se apropriaram de lápides de mármore e grades de metal adequadas à terrível tarefa. As lápides foram colocadas sobre o chão às dúzias, para formar uma superfície plana, e algumas hastes de ferro dispostas por cima delas. Depois, as cercas foram postas sobre as hastes e a lenha empilhada em cima das cercas. Então, obedecendo às ordens, os prisioneiros colocaram uma camada de corpos sobre a lenha. Antes de queimar os corpos, outra equipe tirava brincos, jóias e dentes de ouro dos cadáveres. Em camadas alternadas de gravetos e de corpos uma macabra fogueira logo se ergueu. Ao atingir a altura desejada, galões de querosene foram despejados sobre essa pira obscena, que ardeu em chamas. Depois que o fogo se consumiu, os prisioneiros receberam ordem de esmagar os ossos remanescentes e os espalharem, junto com as cinzas, em volta de Babi Yar. Testemunhas oculares entre os prisioneiros que foram forçados a cumprir esse trabalho estimam que cerca de 3 mil corpos foram queimados de uma só vez. Mas os alemães, insatisfeitos com esse ritmo de incineração, fizeram vir uma escavadeira, para que os mortos pudessem ser empilhados mais depressa. De meados de agosto até o final de setembro, o trabalho prosseguiu por mais de 12 horas por dia. Calcula-se que cerca de 70 mil corpos tenham sido queimados, incluindo pessoas que ainda estavam morrendo ou sendo executadas no campo, enquanto essa operação de encobrimento era efetuada.

No final de setembro de 1943, os tanques soviéticos estavam em Smolensk, ao sul de Kiev, e o exército alemão se encontrava em estado de total desmantelamento. Os soviéticos ocuparam Smolensk e os traumatizados soldados alemães batiam em retirada de Kiev, enfrentando ataques de várias frentes, enquanto o Exército Vermelho avançava inexoravelmente para reclamar seu território. Assim como fora dito a Stálin em 1941, agora era dito a Hitler,

dois anos depois, que ele não tinha mais controle sobre Kiev. Assim como Stálin, ele não estava disposto a aceitar bons conselhos. Os alemães tinham perdido as vias férreas que eram ligações vitais com o lado oeste da cidade e o comandante militar, marechal-de-campo von Manstein pedira a Hitler que autorizasse o envio de reforços. Quando estes finalmente chegaram, eram poucos e tardios, como o próprio von Manstein, com sua coluna de reforço que nunca chegou a menos de 50 quilômetros do marechal-de-campo von Paulus, cercado em Stalingrado. Sem as ligações ferroviárias eles não podiam progredir e assim, a única alternativa era recuar e entregar Kiev. Repetindo o que os soviéticos haviam feito no verão da operação Barba-Roxa, von Manstein adotou a política da terra arrasada, e tudo o que podia ser usado pelo inimigo foi queimado ou explodido.

A retomada de Kiev foi de imenso valor para Stálin, tanto do ponto de vista estratégico como pela propaganda. Quando seus exércitos alcançaram as margens do Dnieper, ao norte de Kiev, Stálin anunciou que o primeiro homem a atravessar o rio receberia o título de Herói da União Soviética. Esta era a mais alta das honrarias e foi o incentivo mais adequado para os soldados soviéticos, entusiasmados diante da perspectiva de reverter uma de suas maiores derrotas. Nas semanas seguintes, dezenas de comunistas fanáticos fizeram a tentativa de cruzar o rio, alguns individualmente, outros em grupo. A conseqüência desses persistentes esforços foi que, em pouco tempo, cerca de 30 a 40 pequenas — porém importantes — cabeças-de-ponte soviéticas haviam sido estabelecidas no rio, do lado de Kiev. Os soviéticos lutaram tenazmente para se manter nesses pequenos enclaves no interior das linhas alemãs, e os alemães perderam muito tempo e muitos homens na tentativa de impedir a expansão dos soviéticos. Von Manstein estava convencido de que o ataque final em direção a Kiev viria de uma das cabeças-de-ponte ao sul da cidade, porque o terreno ali era mais firme e mais seco do que nos pântanos e charcos ao norte. Contudo, no norte, uma única divisão de infantaria conseguiu abrir seu caminho e se infiltrar através dos intrincados terrenos do Dnieper. Von Manstein e seus oficiais não perceberam nada porque o pântano situado entre eles e a cidade era tido como intransponível. Foi um erro fatal não contar com a determinação dos soviéticos em varrer as forças do Reich de seu país, num prelúdio à sua destruição total. Enquanto os alemães se concentravam em outras cabeças-de-ponte, os soviéticos reforçavam sigilosamente seu contingente do norte. Eles conseguiram atravessar o rio com seus tanques porque as tripulações desses tanques estavam tão empenhadas em ter êxito que lacraram todas as aberturas das máquinas com argila — arriscando-se a uma morte horrível, por asfixia ou afogamento — para conduzi-las virtualmente submersas através do pântano. Com seus tanques na outra margem,

os soviéticos puderam transportar sub-repticiamente outros soldados para apoiá-los, tirando proveito do mau tempo que manteve os aviões de reconhecimento alemães no solo.

Em 3 de novembro de 1943, dois exércitos soviéticos completos lançaram-se estrepitosamente do norte e caíram sobre Kiev. Tomados de pânico, os soldados alemães, que estavam reunidos na margem oriental do rio, dispersaram-se e fugiram. Muitos, aterrorizados com o que tinham ouvido contar sobre o tratamento que os soldados russos davam aos alemães capturados, mergulharam de cabeça no Dnieper. O rio era muito largo para ser atravessado a nado em uniforme de campanha e estava frio demais para que eles tivessem qualquer chance de sobrevivência. Eles sabiam que não alcançariam a outra margem. Mas tanto ouviram sobre as atrocidades cometidas pelos soldados russos que preferiram se afogar. Em 5 de novembro, a tropas soviéticas estavam de volta a Kiev, que ardia em toda a sua extensão pela segunda vez em dois anos. Às quatro da manhã de 6 de novembro, a cidade foi oficialmente retomada.

Com a capital da Ucrânia de volta às mãos soviéticas, havia muitos motivos para celebração. Stálin sentiu que tinha obtido uma grande vitória e não demorou a perceber que a cidade fora recuperada a tempo de comemorar o aniversário da Revolução Russa. Em Moscou, ele encomendou uma queima de fogos de artifício e falou sobre “o ano da grande reviravolta”. Enquanto ele brindava seu sucesso em Moscou numa primorosa festa organizada por seu ministro do exterior, Molotov, bolsões de luta continuavam em Kiev, onde o Exército Vermelho ainda acabava com os remanescentes do exército alemão em retirada.

Antes do início da guerra, Kiev tinha uma população de pouco mais de 400 mil pessoas. A cidade mudara de mãos cinco vezes em 25 anos. Desta vez, quando a luta finalmente terminou, eram apenas 80 mil os sobreviventes.



Capítulo Quatorze

Poucos dias após a retomada de Kiev, os soviéticos começaram um trabalho de documentação do que acontecera na cidade durante a ocupação alemã. Desejavam essa informação por dois motivos. Primeiro, por seu óbvio valor para a propaganda, mas também para provar a seus cidadãos, especialmente aos de territórios como a Ucrânia, que a vida sob os alemães fora muito pior do que sob Stálin. Logo que chegaram, os soldados soviéticos encontraram muitas fotos de Paul Radomsky espalhadas pelas ruas. Essas fotos, dadas por ele a seus acólitos, agora jaziam abandonadas por esses mesmos seguidores, que procuraram remover todos os vestígios de suas ligações com Radomsky. Informações sobre Siretz e sobre as condições de vida em Kiev foram reunidas por vários tribunais soviéticos que começaram a ser instalados no final de novembro de 1943, menos de três semanas depois que a cidade foi retomada. As principais testemunhas eram algumas poucas pessoas que haviam escapado de um pelotão de fuzilamento em Babi Yar no mês de setembro daquele ano. Foi sem dúvida através dessas audiências que as primeiras notícias sobre o jogo entre o Start e o Flakelf — um jogo que acabou sendo conhecido como o “Jogo da Morte” — começaram a vir a público.

Ao final do ano de 1943, as notícias sobre o jogo haviam alcançado as tropas soviéticas que se encontravam na frente de batalha, ainda combatendo os alemães para recuperar o território perdido para os poderes do Eixo. As opiniões no *front* diferiam em muito dos sentimentos que prevaleciam em Kiev. A população que viveu 778 dias sob o domínio nazista não podia deixar de se impressionar com a coragem demonstrada por seus jogadores. Houve um período em que as pessoas temiam pôr os pés na rua por causa do regime que lhes fora imposto. Para estas pessoas, os jogadores do Dínamo e do Lokomotiv eram verdadeiros heróis. Eles também inspiraram pequenos atos de heroísmo dos moradores. Depois de voltarem para Kiev, os soviéticos descobriram obras

de arte que os kievanos haviam ocultado e ícones que tinham salvado, encontraram judeus que eles haviam escondido dos alemães e souberam de outras pessoas que eles haviam ajudado a fugir. Mas para alguns soldados na frente de batalha, que nada sabiam sobre as circunstâncias vividas pelos jogadores, as estrelas do Start eram pouco mais do que colaboracionistas.

Um famoso atleta soviético, Piotr Dinisenka, que esteve no meio das mais renhidas batalhas do contra-ataque soviético, resumiu a opinião de muitos dos que estavam se empenhando em levar a guerra a Berlim. Ao ouvir as notícias sobre o jogo, ele escreveu:

> Enquanto muitos milhares dos meus camaradas passam fome e frio em trincheiras sujas, sob as balas dos fascistas, existe um lugar, meus amigos, um lugar longe do *front*, onde rapazes jovens e saudáveis estão jogando futebol. Eles jogam com aqueles que ocuparam a nossa terra e tentaram me eliminar e me matar, aqueles contra os quais eu luto em condições desumanas. Lamento, mas como é que vocês acham que me sinto a respeito disto? Vocês não estão esperando que eu bata palmas, estão?

O problema com a história do Start logo após a libertação de Kiev foi que muito poucas pessoas de fora da cidade estavam cientes do que aconteceu de fato. Nos meses e anos que se seguiram à guerra, houve um certo preconceito na União Soviética contra as pessoas que tinham vivido sob a ocupação alemã ou que tinham trabalhado na Alemanha. Elas ficaram marginalizadas. Tiveram dificuldade para encontrar trabalho e para retomar seu lugar na sociedade. Mas, ao mesmo tempo, muitas dessas pessoas tinham assistido aos jogos do Start e conheciam as verdadeiras circunstâncias em que eles se travaram. Como os seus testemunhos foram rejeitados, a história começou a assumir dimensões míticas. E finalmente surgiu a lenda do Jogo da Morte.

Segundo essa lenda, os bravos jogadores do Dínamo lutaram corajosamente contra os invasores alemães, mas não conseguiram escapar ao cerco da cidade. Seu amor ao futebol era tanto que, mesmo vivendo sob o jugo opressor dos nazistas, não pararam de jogar. Todos os 11 componentes da equipe foram colocados na mesma fábrica e jogavam quando podiam. Eles eram tão bons no futebol que não só seus colegas, operários da fábrica, esqueciam-se da guerra ao vê-los jogar, como os alemães também ficavam deslumbrados por sua habilidade com a bola. Tão deslumbrados, de fato, que lhes ofereceram um lugar para jogar e mesmo um time para disputar com eles. No dia do jogo o estádio ficou lotado, com mais ucranianos do que alemães. Foi um clima de carnaval e o Start — nome que o time de Kiev adotou — venceu facilmente. Os alemães ficaram muito desgostosos e pediram outro jogo. Também advertiram os jogadores do Start que, embora eles tivessem se saído bem, deviam lembrar-se de quem estava no comando, e de que as coisas ficariam mal se ganhassem novamente. O

segundo jogo foi disputado no dia seguinte. Desta vez, os alemães estavam muito menos satisfeitos e a todo momento cometiam faltas contra os jogadores do Start, faltas estas que o juiz fingia não ver e não marcava. Entretanto, os jogadores de Kiev não se atemorizaram. A despeito da fome e perto da exaustão, eles jogaram melhor do que nunca e venceram por 4**x**2. O juiz apitou o final do jogo antes do tempo regulamentar e a multidão ficou enfurecida. Quando os jogadores do Start estavam deixando o campo foram cercados pela polícia local que os enfiou em um caminhão e os levou para Babi Yar, onde foram fuzilados ainda com seus uniformes.

Por mais dramática que seja, esta versão desconsidera uma série de detalhes vitais, inclusive que apenas quatro componentes do time foram mortos e que três deles só morreram seis meses depois daquele jogo. Não há menção a Josef Kordik, nem aos jogadores do Lokomotiv, nem aos outros sete jogos que o Start disputou naquele verão. Até mesmo o placar final do jogo está errado.

Por outro lado, é uma versão abreviada da história real. Sua fidelidade quase total aos detalhes gerais do que de fato ocorreu permitiu que a memória daqueles jogadores se mantivesse viva. Como um aparte à lenda que se criou em torno dos jogadores soviéticos, a reação na Alemanha foi bem diferente. Joseph Goebbels já tinha visto o efeito que uma derrota num jogo de futebol podia ter sobre seu país. Hitler estava a seu lado quando o time alemão foi derrotado por 2**x**0 pela Noruega nas Olimpíadas de 1936 em Berlim — ambos os gols marcados por um jogador cujo nome soava como semítico, Isaaksen. Depois de outra derrota para a Suécia, mais ou menos na mesma época, Goebbels escreveu em seu diário: “Foram 100 mil pessoas a sair do estádio deprimidas. Vencer um jogo é mais importante para algumas pessoas do que tomar uma cidade em algum lugar do leste.”

No outono de 1942, quando o curso da guerra começava a se voltar contra a Alemanha, Goebbels determinou a proibição de todas as competições internacionais na Alemanha e nos territórios ocupados. Que papel os jogos do Start tiveram nessa decisão não podemos saber, mas parece razoável supor que contribuíram para ela.

A lenda dos heróicos jogadores de Kiev continuou a prosperar mas não havia uma versão oficial soviética sobre o que aconteceu naqueles jogos, mesmo com tantas pessoas sabendo a verdade. Uma das que obviamente conheciam a história completa era Vladimir Klimenko, o mais velho dos três irmãos Klimenko. O tio Volodya, como todos o tratavam, não perdera um único dos jogos. Não muito depois que a cidade retornou aos soviéticos, ele escreveu num caderno de notas um relato manuscrito, a lápis, sobre o que aconteceu naquelas breves e

dramáticas semanas. Vladimir Klimenko foi um dos heróis esquecidos de Kiev e, embora ele nunca tenha mencionado, conseguiu salvar uma família judia do campo de concentração durante a ocupação. Aparentemente, ele se sentia dilacerado por sentimentos de culpa e frustração porque, embora tenha salvado essa família, não conseguira ajudar seu próprio irmão. De fato, foi por seu intermédio que o jovem Sasha iniciou carreira no futebol. Vladimir dedicou o resto de sua vida a manter viva a memória do irmão. Todos os dias, com o caderno de notas na mão, ele se sentava num banco, perto de seu cortiço na rua Gorky, e contava a história de Alexei e dos outros jogadores para quem quisesse ouvir.

Mas, finalmente, surgiu uma fonte de informação oficial. O homem que provavelmente cunhou o termo “Jogo da Morte” foi um escritor e jornalista soviético chamado Lev Kassil, que escreveu sobre o jogo no *Iszvestia*, jornal do Partido Comunista. Kassil estudou documentos e falou com várias pessoas que viram o Start jogar e estiveram presentes à segunda partida contra o Flakelf. Ele escreveu uma reportagem relatando os fatos com muita precisão, mas seu artigo quase não teve repercussão, talvez porque a sua própria reputação estivesse um pouco maculada. Pouco tempo antes, ele tivera que publicar um pedido de desculpas por algumas reportagens e talvez, diante disto, a que escreveu sobre o jogo fosse vista com certo ceticismo. Outra possibilidade é que Kassil tenha recebido uma advertência das autoridades. Elas conheciam a verdadeira história, mas a lenda servia melhor a seus propósitos. Seja qual for o motivo, Lev Kassil escreveu apenas aquela reportagem sobre o Jogo da Morte, mas nunca lhe deu seqüência.

As primeiras pessoas de fora de Kiev a tomarem conhecimento do que aconteceu naquele verão pertenciam ao exército e aos serviços de inteligência, que entraram na cidade imediatamente após a sua libertação. Devem ter ouvido algo sobre o que se passou, porque os jogadores sobreviventes estavam entre os primeiros que foram interrogados. Em suas memórias, o ex-goleiro do Kiev, Idzkovsky, que escapara do cerco, lembra ter recebido várias cartas de Makar Goncharenko. Nelas, um preocupado Goncharenko pede a seu antigo colega para ajudá-lo a escapar do que descreve apenas como “certas acusações” que lhe eram feitas pelas autoridades soviéticas. Idzkovsky achou, corretamente, que por ser respeitado pelos serviços de segurança era a sua proteção que Goncharenko pedia. Idzkovsky assegurou às autoridades que o jogador não havia praticado nenhuma ação rebelde. Foi durante essas investigações que Georgi Gavrilenko, ex-prisioneiro em Siretz, deu testemunho ocular das mortes de Trusevich, Kuzmenko e Klimenko. Também durante os interrogatórios foi comprovado que

Pavel Komarov de fato trabalhou para os alemães e que estes que lhe deram permissão para escapar. Com todas as provas reunidas, os serviços de segurança tiveram um retrato nítido do que aconteceu em Kiev, no Estádio Zenit e, finalmente, no campo de extermínio de Siretz. E ficaram cientes, também, da lenda. Mas como perceberam que a história real não tinha o apelo convincentemente simplista da lenda, permitiram que esta continuasse a circular, em vez de publicar a versão oficial.

O responsável pela supressão do relatório oficial parece ter sido Timofei Strokach que ocupou o cargo de Ministro do Interior para os Esportes na Ucrânia depois da guerra. Strokach foi um dos que, em 1941, tinha lutado ombro a ombro com os jogadores do Dínamo para encher as barcaças do Dnieper, numa última tentativa para salvar alguma coisa da cidade. Ninguém melhor do que ele conhecia a resistência e a coragem desses jogadores de futebol, e foi ele quem tomou a decisão consciente de não enfraquecer a lenda com a publicação da verdade mais complicada. Para isso, teve a ajuda de Timofei Malsevich, chefe do movimento de guerrilha ucraniano de 1942 a 1945. Ao mesmo tempo que ele não hesitou em condenar conhecidos colaboracionistas e pedir a sua execução, Malsevich também admitiu as condições vividas pela população de Kiev na época. Compreendeu os riscos que ela enfrentou e valorizou o papel dos jogadores do Start na manutenção do moral em tempos de crise nacional. Com esse conhecimento dos antecedentes, ele não vacilou em apoiar Strokach nessa decisão. Foi uma decisão delicada para Strokach. Por um lado, ele não queria acabar com a lenda, que era um belo exemplo do desprendimento e do espírito de equipe soviéticos, mas por outro lado, também não queria mitificar ninguém, nem transformar jogadores em mártires, individualmente maiores do que a equipe. Nos dez anos decorridos de 1946 a 1956, quando foi Ministro do Interior na Ucrânia, nenhuma publicação oficial foi permitida e a versão lendária permaneceu na tradição oral. Finalmente, em 1959, um livro intitulado *O duelo final* foi publicado, contando uma versão mais próxima da lenda do que da verdade. O livro atraiu interesse internacional e os jogadores do Start fizeram uma aparição rápida em jornais, revistas e cinejornais do mundo inteiro. Não muito depois, um jornalista investigativo descobriu que três deles só haviam morrido seis meses depois do jogo. Ele publicou a sua reportagem, mas a lenda já havia se implantado de tal forma na consciência dos soviéticos que sua versão foi desprezada, porque os fatos não se enquadravam com o mito. Outro escritor soviético, Anatoly Kuznetsov, também tentou contar a história em seu livro *Babi Yar*, mas sua versão se aproxima fortemente da mitologia, e apenas conseguiu reforçar o mito como relato “oficial”. Foi através dessa versão, publicada

internacionalmente, que a história — mesmo sendo a errada — alcançou um grande público fora da União Soviética. Essa é também a versão que foi difundida através de outros livros por Eduardo Galeano e Simon Kuper.

Os homens que jogaram pelo F.C. Start ficaram numa posição difícil durante todo esse período. Eles sabiam que a lenda era uma versão simplificada de sua história e alguns deles queriam restabelecer a verdadeira história. Entretanto, permaneceram em silêncio e guardaram sua opinião em segredo. Era um assunto para ser discutido apenas entre os companheiros e, mesmo assim, em caráter confidencial. Como quase todos na União Soviética nas décadas de 1960 e 1970, os jogadores viviam receosos dos serviços de segurança, os quais deixavam clara a sua preferência pela versão oficial. A mesma mensagem foi passada a alguns jornalistas que esmiuçaram demais nos registros e documentos da época. A versão oficial significava que, embora Timofei Strokach pretendesse que a história fosse um caso exemplar de solidariedade diante de terríveis dissidências, os jogadores do Dínamo acabaram exaltados como indivíduos. O mito os tornou heróis e o estado cumulou-os de honrarias e prêmios. Eles foram louvados como superestrelas do esporte aonde quer fossem. Mas os jogadores sobreviventes não entendiam que tivessem feito algo de particularmente heróico; muitos deles achavam que estavam recebendo elogios e aplausos sob falsas premissas. Numa cerimônia em que vários deles receberam medalhas, Mikhail Putistin recusou-se a receber a sua. Ele foi ameaçado de prisão até aceitá-la e seus companheiros de equipe receberam ordem de se calar sobre o incidente. Foi somente após a morte de Putistin que Vladimir Balakin falou abertamente sobre o que acontecera ao colega e tentou estabelecer a verdade. Contou com a ajuda de Mikhail Sviridovsky, que achava que a história veiculada era motivada apenas pela propaganda política. Sviridovsky tentou contar às pessoas o que de fato acontecera, mas teve medo de dar um testemunho gravado ou escrito. Havia também aqueles que se empenhavam em preservar a lenda. Sabia-se, por exemplo, que Idzkovsky tinha uma fotografia tirada após a primeira partida contra o Flakelf, mostrando os jogadores do Start e os alemães lado a lado, num clima relativamente cordial. Ele se recuou a publicá-la porque arruinaria um mito já implantado em milhares de pessoas. A fotografia acabou desaparecendo, provavelmente destruída.

Só alguém da Ucrânia ou que compreendesse bem a região poderia realmente avaliar o que os jogadores do Start suportaram. No final, seu status foi confirmado por dois políticos soviéticos que tinham fortes vínculos com o território, Nikita Kruschev e Leonid Brezhnev. Kruschev foi designado primeiro-secretário do Partido Comunista ucraniano em 1938 e ocupava o cargo quando a

Ucrânia foi invadida pelos alemães. Foi Kruschev quem, segundo se afirma, finalmente convenceu Stálin, em 1941, de que a Ucrânia devia render-se. Depois que os alemães foram expulsos ele recebeu, em 1944, a missão de restaurar a produção agrícola e reconstruir a base industrial ucranianas. Foi Kruschev quem presidiu a comissão soviética instalada logo nos primeiros dias após a retomada de Kiev para investigar as atrocidades cometidas na cidade. Ele foi o encarregado de punir os traidores e tendo organizado os tribunais, ficou a par, graças a testemunhas oculares, do papel desempenhado pelos jogadores do Start no esforço de guerra em Kiev. Quando sucedeu a Stálin, em 1953, o Partido Comunista deu sua chancela à lenda do Jogo da Morte. O sucessor de Kruschev foi Brezhnev, ele próprio um ucraniano, e foi Brezhnev quem canonizou os jogadores de futebol como heróis da União Soviética. Foi durante o seu mandato, em 1971, que um monumento esculpido por I.S. Gorovoi e desenhado por V.S. Bogdanovsky e I.L. Maslenkov foi erguido em homenagem aos jogadores na entrada do Estádio do Dínamo.

Persistentes tentativas foram feitas, antes e depois de Brezhnev, para denegrir os jogadores do Start. Algumas insistem que eles não foram executados por terem derrotado os alemães, mas porque roubaram pão da padaria. De tempos em tempos, apresentam-se testemunhas em apoio a essa versão, mas como a mais confiável delas tinha apenas cinco anos na época desses supostos roubos, os argumentos de fato parecem não se sustentar. Depois da guerra, Trusevich também foi acusado por outro jogador do Dínamo de ter sido informante da NKVD. Com Trusevich morto e incapaz de defender-se, era fácil acusá-lo, mas tudo o que se pode dizer agora é que isso parece não ter o menor fundamento. Uma teoria intrigante sugere que os principais motores do time — Trusevich, Klimenko e Kuzmenko — faziam parte de um grupo de guerrilheiros que se apresentaram como voluntários para permanecer na retaguarda, em Kiev, e organizar a resistência contra os alemães. Essa versão talvez os torne duplamente heróicos, pois eles deveriam saber que ao ficar na cidade estariam quase certamente condenados à morte.

Finalmente, foi Makar Goncharenko, o homem que conservou suas chuteiras porque tudo o que queria era jogar futebol, quem ficou como testemunha e deu seu depoimento sobre o heroísmo dos outros. Ele não tinha qualquer interesse pessoal ou político. Goncharenko foi o derradeiro sobrevivente. O ponta, que ganhou a medalha de prata com o time do Dínamo de 1936, morreu com mais de 80 anos, em 1996. Ele deu uma longa entrevista pelo rádio, 50 anos depois do verão do F.C. Start, na qual rememorou o que lhe acontecera e aos seus companheiros. Curiosamente, a única parte da história em que ele parece se

contradizer é quando especula se Nikolai Trusevich, Alexei Klimenko e Vanya Kuzmenko foram executados deliberadamente ou no meio de uma represália arbitrária. Ao contar como a morte deles impulsionou a sua própria fuga, diz que quando Fyodor Tyutchev lhe deu a notícia, ele e Mikhail Sviridovsky decidiram escapar pois imaginaram que seriam os próximos. Entretanto, mais adiante na entrevista, adota uma visão diferente sobre a morte de seus camaradas. Eis o que ele contou sobre o que aconteceu com os jogadores depois dos jogos:

> Foi uma luta desesperada pela sobrevivência que terminou mal para quatro jogadores. Infelizmente, eles não morreram por terem sido grandes jogadores, ou grandes jogadores do Dínamo, e nem mesmo porque Korotkykh estava trabalhando para a NKVD. Morreram, como tantos outros soviéticos, porque dois sistemas totalitários estavam se enfrentando e eles estavam fadados a serem vítimas daquele massacre em grande escala. A morte dos jogadores do Dínamo não foi muito diferente de muitas outras mortes.
>
> O Start foi um brinquedo muito conveniente para os novos donos da cidade, que — assim eles esperavam — os ajudaria a construir um mito sobre a vida plena e feliz dos habitantes sob os novos governantes. Na realidade, esse brinquedo apenas parecia estar sob controle, porque tinha uma personalidade própria e seu próprio entendimento sobre as regras do jogo. Houve nove vitórias em nove jogos, o time marcou 56 gols e concedeu apenas 11. E isto não é uma lenda, aconteceu mesmo. Para aqueles que participaram dos jogos, não havia ali nenhuma motivação política. Naturalmente, seus adversários nem sempre eram tão fortes e por isso eles tinham a tentação de não se empenhar muito nos jogos, para agradar o público. Mas eles venceram essa tentação e procuraram deixar uma boa lembrança do time, sem pensar nas conseqüências.
>
> É claro que alguns elementos ideológicos surgiram depois nesses jogos, quando cada vitória do Start tornou-se um incentivo moral para os cidadãos de Kiev. De acordo com a versão oficial, o time não poderia continuar existindo porque eles não seguiram as regras da ocupação. Isto não é verdade, ele apenas deixou de ser conveniente para os que antes tinham tolerado a sua existência durante o quente verão de 1942. Naqueles dias, as pessoas eram executadas arbitrariamente; qualquer um podia ser executado, guerrilheiros, comissários, judeus, ciganos, sabotadores, ladrões. No início de 1943, quando a situação no *front* mudou e a resistência em Kiev começou a aumentar, as execuções tornaram-se mais comuns e quem não estivesse prestando serviço aos ocupantes podia ser executado ou mandado para o trabalho na Alemanha.

A entrevista de Goncharenko expõe uma das questões mais intrigantes de toda essa história. Korotkykh morreu porque era um oficial da NKVD e sua própria família ficou contra ele. Mas, e os outros? Será que morreram, conforme diz Goncharenko, pelo inevitável choque de dois sistemas totalitários ou, como ele insinua adiante, por um ato de vingança deliberado? É impossível responder com certeza absoluta. Numa cidade devastada por duas retiradas com terras arrasadas em dois anos, qualquer documentação que possa ter existido não existe mais.

O mito promulgado pelos soviéticos sugere claramente que as mortes foram um ato de vingança, uma vez que, segundo essa versão da história, os jogadores são tirados do campo e fuzilados em seus uniformes. Por outro lado, quando se

considera o número de mortos nas execuções em massa em Kiev durante os dois anos da ocupação alemã, então todas as probabilidades são de que alguns dos jogadores submetidos às condições do campo de Siretz teriam perecido. Mas por que aqueles jogadores, especialmente? E por que todos ao mesmo tempo? Num campo controlado por um sádico, por que Trusevich, Klimenko e Kuzmenko de uma só vez?

Trusevich era o coração moral da equipe, a força motora que os mantinha unidos, e também uma das figuras mais amadas da União Soviética. Klimenko era outro astro, o jovem defensor que brilhara em tantas pelejas e que humilhara os alemães ao se recusar a marcar um gol contra eles, e também era filho de uma das famílias mais proeminentes da cidade. Kuzmenko era outra personalidade carismática, um homem que chegou a simbolizar a pujança física da União Soviética. Acima disso, deve-se considerar que, não importa o que tenha dito 50 anos depois, Makar Goncharenko, um jogador que foi o querido das multidões ao atormentar as defesas adversárias, imaginou na época que também estava marcado para morrer. As provas são circunstanciais, mas parecem pender para uma escolha deliberada das vítimas em 24 de fevereiro de 1943. Por que exatamente aqueles três e quem os escolheu são perguntas que só podem ser objeto de conjecturas. Todos os três eram bem conhecidos em Siretz e entre o povo de Kiev. Talvez os alemães, com o curso da guerra voltando-se contra eles em Stalingrado, imaginassem que um golpe no ânimo do povo de Kiev fosse aconselhável. Talvez Radomsky, o sádico nazista, achasse simplesmente que aqueles três tinham ido longe demais, e tenha sido impulsionado apenas por algo tão pateticamente comum como perversidade. Nunca saberemos. Mas Makar Goncharenko parece sugerir que, afinal de contas, os motivos de suas mortes são irrelevantes. A natureza de suas mortes, esta sim, tinha para Goncharenko um significado mais permanente. Ele disse em 1992:

> Pode parecer cinismo, mas os quatro que morreram foram felizes porque puderam fazer aquilo de que gostavam mesmo no território ocupado. Diante de todos, tanto dos habitantes de Kiev como dos ocupantes alemães, puderam mostrar os grandes jogadores que eram sem serem humilhados e sem abaixar a cabeça para ninguém.



Capítulo Quinze

A guerra teve um efeito de longo alcance sobre o Dínamo de Kiev. Quatro de seus astros foram mortos, um quinto jogador fugiu com os alemães para nunca mais ser visto e os remanescentes dentre os que haviam permanecido na cidade estavam tão depauperados fisicamente que ficaram impossilitados de jogar novamente. O clube teve que se reestruturar com aqueles jogadores que tiveram a sorte de escapar aos rigores do campo, mas foram necessários mais de dez anos para que o Dínamo de Kiev experimentasse algo parecido com o sucesso que teve antes da guerra. O único vínculo com o time anterior foi o antigo goleiro Anton Idzkovsky, cujo papel nesse processo de reconstrução foi vital. Ele já não tinha mais idade para jogar no time do pós-guerra, mas juntou-se à equipe técnica e acabou se tornando treinador. Foi sob a orientação de Idzkovsky que o Kiev voltou aos tempos de glória ao conquistar pela primeira vez a Copa da URSS em 1954, derrotando o Zenit de Leningrado por 1**x**0 na semifinal, antes de bater o Ararat de Erevan na final pelo mesmo placar. Essa vitória seria o prenúncio de uma notável reviravolta na Copa da URSS pelo Dínamo de Kiev. Ao todo, ele venceu o campeonato nove vezes — inclusive um recorde soviético de seis títulos sob o comando de Valery Lobanovsky — jogando 166 partidas e perdendo apenas 43.

Como jogador, Valery Lobanovsky foi membro da equipe campeã do Dínamo em 1961. Kiev conquistou seu primeiro título da liga em 17 de outubro de 1961 graças a um empate sem gols contra Kharkov no enorme Estádio Republicano, em Kiev. O empate significou que o time não podia ser alcançado na corrida pelo título, e quase 100 mil pessoas estavam ali para vê-lo vencer o 22º campeonato da União Soviética. Desde então, ele conquistou o título por mais 12 vezes, e Lobanovsky desempenhou um papel importante em cada uma dessas conquistas.

Como jogador, Lobanovsky era quase cultuado, mas foi como técnico que se superou. Foi sob a sua orientação que o Dínamo de Kiev viveu sua fase de maior sucesso. Em 1975, o time tornou-se o primeiro da União Soviética a vencer um campeonato europeu ao ganhar a Copa Européia dos Campeões. Na temporada de 1974-5, o Kiev derrotou o CSKA da Bulgária, o Eintracht Frankfurt da Alemanha, o Bursaspor da Turquia e o PSV Eindhoven da Holanda, no caminho para a final. E na final, na Basiléia, venceu com ampla vantagem o Ferencvaros da Hungria, numa vitória de 3**x**0 orquestrada em campo por Oleg Blokhin, possivelmente o maior jogador da história do futebol ucraniano. Blokhin foi um atleta soberbo, a quem coube implementar no gramado o gênio tático de Lobanovsky. Outras vitórias ainda aguardavam Blokhin, e seus melhores momentos aconteceram na temporada seguinte, quando o Dínamo, como vencedor da Copa Européia, derrotou o Bayern de Munique, o maior dos campeões europeus, pela Supercopa da Uefa. Aquela era a grande equipe do Bayern liderada pelo legendário Franz Beckenbauer, mas o Kiev a venceu por 1**x**0 em Munique e por 3**x**0 em Kiev. Mesmo a imprensa alemã não escondeu seu entusiasmo por Blokhin, que depois foi consagrado como Melhor Jogador Europeu do Ano.

O Dínamo de Kiev podia com toda razão se considerar o melhor time de futebol da Europa naquela fase e, embora não tenha sido submetido ao teste, talvez pudesse provar que era o melhor time de futebol do mundo. Seguiram-se mais dez anos de sucesso em casa que culminaram com outra Copa Européia dos Campeões. Na final, em Lyon, eles enfrentaram o Atlético de Madri e tiveram uma vitória folgada de 3**x**0. Mais uma vez, dez anos após seu grande sucesso, Blokhin foi o destaque da vitória, marcando um segundo gol impressionante em uma seqüência de jogadas que envolveram quase todos os componentes do time. A superioridade do Dínamo de Kiev foi confirmada dois anos depois quando Lobanovsky, então técnico da seleção soviética, escolheu 12 jogadores do time de Kiev para a equipe que disputou a final do Campeonato Europeu na Alemanha, em 1988. A União Soviética tinha vencido a Holanda e a Inglaterra e empatado com a Irlanda no seu grupo, e depois vencido a Itália na semifinal. Na final, eles enfrentaram mais uma vez o time holandês, mas dessa vez perderam por 2**x**0. Mesmo assim, foi uma conquista considerável para uma seleção que, de fato, era o time de um clube.

Ao longo desse período de extraordinário sucesso, uma coisa foi constante nas vidas dos jogadores do Dínamo de Kiev. Eles não podem passar um dia no clube sem se lembrar do sacrifício feito por Nikolai Korotkykh, Nikolai Trusevich, Ivan Kuzmenko e Alexei Klimenko. Suas presenças são

constantemente rememoradas no clube. Suas imagens não se encontram no imenso Estádio Republicano, onde 100 mil fanáticos kievanos vão se apinhar para assistir aos jogos da Liga dos Campeões ou às importantes disputas internacionais. Os quatro, representados em um monumento, vigiam o pequeno Estádio Dínamo, onde o Dínamo de Kiev se dedica à tarefa de vencer campeonatos diante de uma platéia de 15 mil torcedores não menos ardorosos. É ali que o clube realiza suas atividades diárias e é ali que se encontra o monumento em homenagem a eles.

O monumento é enorme e esculpido em um único bloco de granito que parece ter explodido das entranhas da terra e se expandido no ar. Os quatro homens brotam da rocha, dando a impressão de que esta mal pode contê-los. Eles são altos, orgulhosos e fortes, exemplares magníficos da cultura física soviética. Estão usando camisas e calções de futebol, mas seus músculos parecem se retesar, mesmo na pedra fria. Enquanto se mantêm ali, expressões inabaláveis diante do que quer esteja diante deles, esses homens sem nome se abraçam, não num gesto afetuoso, mas de companheirismo e determinação. O que está à esquerda do grupo olha para baixo com uma expressão mais de pesar que de tristeza. A seu lado e um pouco acima, seu colega volta-se para adiante com dignidade e seus olhos baixos são o único sinal de emoção. Perto dele, um terceiro homem se inclina para frente, quase como se estivesse sendo contido pelos braços enlaçados dos companheiros. A última figura, o da extrema direita, não se curva nem recua, mantém-se de pé, maxilar anguloso, o queixo ligeiramente erguido, e olhando para além do futuro imediato, para o destino deles. A estátua em si alcança uns três metros de altura, certamente muito mais alta que o mais alto deles. A textura é áspera e bruta e expressa silenciosa mas eloqüentemente o heroísmo e a coragem e a virilidade soviética. Ninguém passa diante dela sem notar ou parar para perguntar quem foram aqueles homens e por que foram imortalizados dessa forma.

Esse monumento, com uma placa explicativa sobre o sacrifício dos quatro antigos componentes do Dínamo, saúda jogadores e torcedores cada vez que estes chegam ao estádio. Nas histórias do clube, nas reportagens locais sobre os jogos ou nas conversas com os fãs torna-se patente que ser escolhido para jogar pelo Dínamo de Kiev é mais do que jogar por um time de futebol. As conversas dos fãs são temperadas com frases inspiradas, quase em tom marcial, que se referem aos jogadores “defendendo as cores” ou — como numa expressão usada pelo próprio Lobanovsky — “defendendo a honra de Kiev”. É uma responsabilidade e tanto para qualquer pessoa, e torna-se ainda maior quando se sabe que aqueles homens sacrificaram suas vidas por seu clube. Desde que o

monumento foi erigido, as gerações de jogadores do Dínamo nascidas depois da guerra têm mostrado o maior respeito e gratidão por aqueles homens em uma cerimônia simples porém emocionante. Quando um jogador do Kiev se casa ele vai com sua esposa, depois da celebração, depositar aos pés da estátua as flores que ornamentaram a festa, num tributo aos homens sem os quais o clube não existiria. Um dos que fizeram isto foi Sergei Baltacha, membro da equipe vencedora da Copa Européia dos Campeões em 1986 e primeiro jogador soviético que teve permissão para atuar como profissional do futebol na Inglaterra. Na tradição dos melhores jogadores do Kiev, Sergei Baltacha foi um torcedor do clube antes de entrar para a equipe. Ainda adolescente, ele idolatrava o time que conquistou a Copa Européia dos Campeões de 1975 e, no ano seguinte, ao completar 18 anos, entrou para o clube. Mas mesmo antes de tornar-se um jogador do Dínamo de Kiev, Sergei Baltacha já conhecia as histórias sobre o Jogo da Morte. Ele relembrou:

> Acho que sempre soube dessa história, mesmo quando era bem pequeno. Conheço-a faz tanto tempo que nem lembro quando a ouvi pela primeira vez. Tenho certeza de que a ouvi como quem ouve uma história, mas sei também que li sobre os jogadores em livros e jornais. Mas quando fiz 14 anos e fui para a Academia de Esportes, um dos meus treinadores era um jogador do Dínamo que tinha sido colega de Lobanovsky, e logo contou a história para todos nós. Esta é uma das maneiras de manter vivo tudo isso. Quando se vê o monumento — e há muitos monumentos em Kiev, porque muitas e muitas pessoas morreram naquela época —, não se pode deixar de sentir que eles deram a vida para nos salvar, e temos de respeitá-los por isto.

Quando jogava no Kiev, Sergei Baltacha também se recorda de ter conhecido Makar Goncharenko, que procurou levar uma vida relativamente tranqüila após a guerra.

“Ele era um senhor muito distinto e respeitado quando o conheci”, lembra Sergei. “Acho que continuou envolvido no futebol de alguma forma, mas era um respeitado membro da sociedade ucraniana.”

O filho de Sergei Baltacha, também chamado Sergei, seguiu os passos do pai e tornou-se jogador profissional de futebol. A família estabeleceu-se na Escócia, onde o jovem Sergei representou seu país adotivo em competições internacionais. Embora vivam longe de Kiev, Sergei também conhece o sacrifício de seus predecessores.

“Quando ainda era criança, antes de nos mudarmos para a Grã-Bretanha, Sergei também freqüentou a Academia de Esportes”, seu pai explica. “Assim como eu, ele ouviu a história e nunca se esqueceu dela.”

Conforme o clima político que prevaleceu nos anos seguintes, a administração do Dínamo de Kiev tomou uma atitude ambivalente em relação

aos jogadores mortos. Mas, independentemente do que pensem funcionários e administradores, quem usa com orgulho o azul e branco do time do Dínamo nunca vacila na preservação do seu legado. Segundo Sergei Baltacha, há uma longa tradição entre os jogadores do Dínamo de Kiev de honrar aqueles que se distinguiram na defesa dessas cores. Sua equipe campeã da Europa admira os que conquistaram essa Copa antes, e estes, por sua vez, admiram o grande time da década de 1960, na qual Lobanovsky brilhou. A atual safra de astros do Kiev, e os que foram astros antes dela, como Shevchenko e Rebrov, admiram o time de Baltacha. E todos se sentem devedores dos homens que jogaram pelo Start no verão de 1942. Para os jogadores que os seguiram eles foram uma fonte de inspiração e um exemplo de como o futebol deve ser jogado — em espírito, e também de fato. Sergei Baltacha resume assim:

> Esta é uma das razões pelas quais um time como o Dínamo de Kiev se saiu vencedor sob o comando de Lobanovsky. Foi graças à mentalidade dos jogadores formados por ele. O futebol é um esporte de equipe, não de individualidades, e um dos motivos para o Dínamo ser tão bom é que os jogadores jogam como equipe. Não importa o quanto um indivíduo é bom, a equipe é mais importante. Aqueles homens fizeram o maior dos sacrifícios coletivos, e nós nos tornamos o melhor time da Europa porque éramos uma equipe, no campo e fora do campo também. Eles são o melhor exemplo do que é se sacrificar e entregar-se totalmente à equipe.

AGRADECIMENTOS

Este livro consumiu um longo tempo, de quase três anos, entre pesquisa e redação. Embora tenham sido meus os dedos que datilografaram as palavras, muitas outras pessoas foram responsáveis por eu ter alcançado a etapa em que pude colocar a história no papel.

A algumas pessoas, especificamente, serei eternamente grato, pois sem os seus esforços este livro não seria possível. Entre elas destaco Vitaly Yerenkov por sua dedicação incansável à missão de levantamento de informações em Kiev e cujo trabalho investigativo produziu muitos documentos valiosos e entrevistas que formam a base do retrospecto factual do livro. Agradeço a ele também pelas histórias que me contou, reveladoras do modo de vida e da cultura do povo ucraniano. Em Kiev, agradeço ainda a Vitaly Borshchov, jornalista e torcedor do Dínamo e a Marina Shevchenko, do Museu Nacional da Grande Guerra Patriótica. Entre as pessoas que proporcionaram material para o livro quero incluir Sergei Baltacha que compartilhou comigo suas memórias da época em que defendeu a glória do Dínamo de Kiev e também Phil Gordon, que nos apresentou. Agradeço ainda a Marc Reiper, que, apesar de estar vivendo uma situação pessoal difícil, se dispôs a me proporcionar alguns *insights* sobre a cabeça de um jogador profissional de futebol, e a Peter McLean, que promoveu nosso encontro.

Minha agente literária Jane Judd também merece uma menção especial por ter se empenhado tanto neste projeto. Jane ficou entusiasmada quando lhe falei sobre ele anos atrás e, enquanto eu me ocupava com outras coisas, nunca me deixou esquecer dos homens do Dínamo de Kiev. Ela deu provas de uma paciência de Jó diante dos primeiros rascunhos, francamente ruins, e, como uma pastora gentil, porém firme, conduziu o livro à forma final. Foi a experiência mais gratificante da minha carreira literária e nunca poderei agradecer o

bastante. Meus agradecimentos também a Trevor Dolby, da Orion, um dos que primeiro batalharam pelo livro, e, naturalmente, a Clive Priddle, da Fourth Estate, que apostou nele. Clive também demonstrou extraordinária paciência e perspicácia durante o processo editorial.

Escrever é uma atividade considerada solitária. Digam isto a minha família e meus amigos, que pacientemente me agüentaram martelando essa história durante dois anos. Agora, já desvencilhado desse processo, agradeço a todos eles, que tanto me ajudaram.

Há também algumas pessoas que se interessaram por este livro ao longo dos anos e ofereceram valiosas contribuições para sua versão final: Steve Abbott, Alex Dickson, Olivia Fox, Susan Lowenstein, James Hamilton e Alison Webb. Sou grato a todos eles.

Finalmente, gostaria realmente de fazer uma referência especial ao homem que tornou tudo isto possível. Este é meu oitavo livro, e nenhum deles teria sido possível se não fosse por Richard Attenborough, que teve a bondade e a nobreza de cooperar com um autor inédito em *The Actor's Director*, meu primeiro livro. Tudo o mais foi decorrência e, mesmo incapaz de agradecer-lhe na mesma medida, sinto-me imensamente feliz de declarar esse débito.

ANDY DOUGAN

FONTES

Além de documentos em arquivos e de edições da época do *Nova Ukrainski Slovo*, os seguintes livros e artigos de jornais foram utilizados como fontes de material para este livro:

BEEVOR, Anthony. *Stalingrad*. Londres, Viking, 1998.

CLARK, Alan. *Barbarossa*. Londres, Phoenix, 1996.

FRANCHUK, L.P. (org.). *Goalkeeper´s Area*. Molod, 1985.

GLOVER, Jonathan. *Humanity*. Londres, Jonathan Cape, 1999.

KUZMIN, G. Ye. "All Secrets Except One", série de reportagens publicada pelo *Kyievskiye Novosti* [Notícias de Kiev], set-out 1992.

LUCAS, James. *War on the Eastern Front*. Londres, Greenhill Books, 1998.

MAYEVSKY, Vladimir. "Ivanov, who Saw the Death Match", *Zerkale Nedell* [Espelho Semanal], 30.08.1997.

MIRSKY, V.I. e B.A. Semibarsky, *Attacking Heights*. Zderovye, 1980.

MOYNAHAN, Brian. *The Russian Century*. Londres, Pimlico, 1997.

OVERY, Richard. *Russia's War*. Londres, Allen Lane, 1997.

REES, Laurence. *War of the Century*. Londres, BBC Books, 1999.

REID, Anna. *Borderland*. Londres, Phoenix, 1998.

RIORDAN, James. *Sport in Soviet Society*. Cambridge, Cambridge UP, 1977.

SEVEROV, P. e N. KHALEMSKY. *The Final Duel*. Fizcultura, 1959.

Também me baseei nos depoimentos das seguintes testemunhas, contidos no relatório *Mass Annihilation of Peaceful Citizens and Soviet POWs*: S.B. Berlyand, I.M. Brodsky, V. Yu. Davydov, L.K. Ostrovsky, Ya.A. Steyuk.

Título original:
Dynamo (*Triumph and Tragedy in Nazi-Occupied Kiev*)

Tradução autorizada da primeira edição inglesa
publicada em 2001 por Fourth Estate, uma divisão da HarperCollins *Publishers*,
de Londres, Inglaterra

Copyright © 2001, Andy Dougan

Copyright da edição brasileira © 2004:
Jorge Zahar Editor Ltda.
rua Marquês de São Vicente, 99 – 1º andar
22451-041 Rio de Janeiro, RJ
tel.: (21) 2529-4750 / fax: (21) 2529-4787
e-mail: editora@zahar.com.br
site: www.zahar.com.br

Todos os direitos reservados.
A reprodução não-autorizada desta publicação, no todo
ou em parte, constitui violação de direitos autorais. (Lei 9.610/98)

Capa: Miriam Lerner
Imagem da capa: Tropas alemãs atacam a URSS, 1941 © Corbis
Imagem da contracapa: © Igor Kononchuk

Produção Digital: Hondana

Edição digital: maio 2013
ISBN: 978-85-378-1072-9